

FUNERAL CRISTÃO

fundamentos
e liturgias



Funeral cristão: fundamentos e liturgias



2010

© Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – 2010
Rua Senhor dos Passos, 202
90020 -180 Porto Alegre/RS
Tel.: (51) 3284-5400 – Fax: (51) 3284-5419
secretariageral@ieclb.org.br
presidência@ieclb.org.br
www.luteranos.com.br

Organização: Erli Mansk

Redação e pesquisa:
Erli Mansk e Júlio César Adam

Revisão: Luís M. Sander

Formatação das pautas musicais: Josimar Dias da Silva

Capa/arte: Artur S. Nunes

Publicação coordenada pelo Secretário de Formação da IECLB
P. Dr. Romeu R. Martini

A IECLB agradece, sinceramente, ao GAW – Obra Gustavo Adolfo, da Alemanha – pela contribuição e apoio financeiro para esta publicação.

F979 Funeral cristão: fundamentos e liturgias / [Organizado por] Erli Mansk. – São Leopoldo : Sinodal ; Porto Alegre : IECLB, 2010.

15x22,5 cm. ; 144p.
ISBN 978-85-62865-22-0

1. Liturgia. 2. Funeral cristão. 3. Teologia Prática. 4. Morte.
5. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. I. Mansk, Erli.

CDU 264-15

Catálogo na publicação: Leandro Augusto dos Santos Lima – CRB 10/1273

Apresentação

Um dos momentos mais delicados da existência humana é o confronto com a morte. Por mais que queiramos bem as pessoas que amamos, um dia teremos que nos despedir delas ou elas de nós. Por mais que tenhamos fé no Deus da vida e na ressurreição conquistada por Jesus Cristo e prometida a quem o segue, quando a morte chega, nós nos confrontamos com a dor, o sofrimento, o sentimento de vazio e a saudade. Trata-se de um dos momentos mais importantes para a ação pastoral. É nesse momento que cabe à igreja, através das pessoas por ela designadas, transmitir o conforto e o consolo que provêm de Deus e motivar para a solidariedade ativa.

Como igreja que procura ser o mais responsável e séria possível, a IECLB não negligencia o cuidado espiritual diante da morte e a importância do funeral cristão. Sabemos que a seriedade e o cuidado com os quais o funeral é conduzido podem abrir ou fechar portas. Por isso, o rito fúnebre deve estar ancorado em sólida teologia, baseada na esperança sustentada pela fé na ressurreição.

Com o intuito de proporcionar aos ministros e ministras um material simples e prático, mas profundo em sua fundamentação, a Presidência da IECLB entrega em suas mãos este livro *Funeral cristão: fundamentos e liturgias*. Há nele uma introdução sobre morte e morrer, sobre a ressurreição e sobre o funeral em si. Apresenta aspectos bíblico-teológicos, históricos, antropológicos, pastorais, jurídicos e litúrgicos. Propõe, ainda, liturgias para o funeral cristão.

Com o apóstolo Paulo confessamos: “Se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. Quer, pois, vivamos ou morramos, somos do Senhor” (Rm 14.8).

Que este livro possa ser amplamente utilizado, para que o conforto da Palavra de Deus, feito ser humano em Jesus Cristo, habite o coração de todas as pessoas que sofrem com a perda de entes queridos.

Pentecostes de 2010
Walter Altmann
Pastor Presidente

Introdução

As pessoas cristãs creem que nada as pode separar do seu Senhor, Jesus Cristo, nem mesmo a morte. Elas sabem também que a morte é a mais profunda inquietação da sua fé. Por isso, necessitam de um ritual que as ajude a se despedir da pessoa falecida e a entregá-la nas mãos de Deus, a cuidar amorosamente da família enlutada e a articular sua fé diante da perda. Este ritual é o funeral cristão. Usamos, neste livro o termo *funeral cristão*, em vez de “culto ou rito de sepultamento”. O termo “funeral” possui um sentido mais amplo, independentemente de a forma de destinação da pessoa falecida for por cremação ou inumação (enterro ou sepultamento). Entendemos que “sepultamento” é um termo reducente; relaciona-se mais ao ato de colocar a pessoa falecida numa sepultura, jazigo ou túmulo. Também poderíamos usar o termo “exéquias” em vez de ritual fúnebre, ou ainda a designação “culto de encomendação” que significa entrega da pessoa falecida a Deus, assim como dos familiares ao amor de Deus. Mas optamos por “funeral cristão”, compreendendo-o como a celebração litúrgica de uma comunidade que se despede de uma pessoa falecida.

A morte desempenha papel constitutivo na vida dos seres humanos. Em todos os tempos, influenciou a vida das pessoas, às vezes com mais, outras com menos destaque e protagonismo, mas sempre determinando a vida do ser humano e a cultura. Hoje não é diferente. O século XXI se diferencia por tratar, como nunca, a morte como algo distanciado, um tabu, tendo a ilusão, inclusive, de poder superá-la. A morte tem sido cada vez mais reprimida da vivência cotidiana e, paradoxalmente, tematizada ao extremo em locais que garantam distância, como, por exemplo, nos meios de comunicação em geral. Se há algo que se especula e explora na mídia, este algo está relacionado à morte e ao morrer. Nosso dia a dia é atravessado por mensagens de representações da morte. Ela é transformada em espetáculo. Vemos e escutamos referências constantes à morte, seja de massas ou de indivíduos. Nos *video games* ela se torna, inclusive, objeto de diversão. Entretanto, esta maneira de lidar com a morte

não é real. Ela se torna representação simbólica, externa ao nosso eu. Ignora-se, desta forma, uma dimensão da realidade existencial humana.

Para a Igreja cristã, lidar com funeral significa confrontar-se com a real condição humana, com a finitude, com a dor que a morte provoca nas pessoas, com as perguntas existenciais que se levantam a respeito do sentido da vida. Ao mesmo tempo, significa anunciar a esperança cristã diante da morte. Ao encomendar as pessoas falecidas a Deus, a comunidade cristã assume a tarefa de amparar e consolar os vivos. Esse é, sem dúvida, um dos momentos mais importante para a Igreja demonstrar o amor de Deus às pessoas, cuidando delas em seu sofrimento.

Dos ofícios casuais, o rito fúnebre é, sem dúvida, o mais requisitado tanto por pessoas ligadas à comunidade cristã como por pessoas que não são membros de uma comunidade.

Neste livro, propomos uma introdução sobre a morte, o morrer, a ressurreição e o funeral, enfocando os aspectos bíblico-teológicos, históricos, antropológicos, pastorais, jurídicos e litúrgicos, para, a partir deles, apresentar liturgias para o funeral cristão.

Expressamos um agradecimento especial a Harald Malschitzky, Dr. Lothar Carlos Hoch e Dr. Mauro Batista de Souza pela colaboração na leitura deste livro e por suas preciosas sugestões.

A organizadora

Sumário

Parte I – A morte e o funeral cristão

Aspectos bíblico-teológicos

1. Importância de um posicionamento bíblico-teológico da Igreja sobre a realidade da morte 12
2. A compreensão da morte e do morrer na Bíblia..... 12
3. A morte envolve o ser humano em sua totalidade de corpo, alma e espírito..... 14
4. “A morte é o fim de nossa vida, porém não é o fim de nosso ser” ...16
5. A morte é o salário do pecado 18
6. A morte está profundamente relacionada com o batismo cristão19
7. A morte atinge o ser humano no mais profundo de sua existência 20
8. A dor diante da morte não é camuflada, mas se expressa através de ritos 21

Aspectos históricos

9. A comunidade cristã iniciou algo inusitado diante da morte de pessoas desconhecidas..... 22
10. O sepultamento cristão nos primeiros séculos da Igreja..... 23
11. A lembrança dos mortos na liturgia do culto das primeiras comunidades cristãs 24
12. O funeral cristão na Idade Média 25
13. A morte e o funeral cristão na época da Reforma 26

Aspectos antropológicos

14. A morte faz parte da vida 27
15. “Só para a morte não há solução” 28
16. A morte na contemporaneidade 29

Aspectos pastorais

17. Diante da morte a comunidade cristã é chamada para a sua vocação pastoral 29

18. O funeral é parte de um amplo processo ritual de consolo e construção da esperança	31
19. Fases no processo de luto	32
20. A importância do cemitério para a vida das pessoas enlutadas....	33
21. A prática da cremação na IECLB.....	34

Aspectos jurídicos

22. As decisões sobre o transcurso normal do rito funerário	35
23. As providências referentes aos trâmites burocráticos e legais	36
24. A apresentação do atestado de óbito	36
25. Procedimentos diante de eventuais tumultos durante uma cerimônia funerária	37
26. A urna funerária lacrada pelos órgãos competentes	38
27. O contato físico com as pessoas falecidas	38
28. A livre escolha do serviço de uma agência funerária	38
29. A prática da cremação e as obrigações legais	38
30. Aspectos legais diversos	39

Aspectos litúrgicos

31. O funeral é ritual de passagem, que serve para ordenar uma situação de profunda crise.....	39
32. O funeral cristão é uma prática da comunidade cristã.....	40
33. O funeral cristão está relacionado ao batismo	41
34. A ceia do Senhor não está desligada da morte de pessoas cristãs....	41
35. O consolo e a proteção aos enlutados estão acima de qualquer costume teológico-doutrinário.....	42
36. Estrutura litúrgica.....	43
37. Alocução ou pregação	43
38. Procissão	44
39. Encomendação.....	44
40. Consignação.....	44
41. Mortalha.....	45
42. Bênção	46
43. Cor	46
44. Círio pascal	46
45. <i>Nunc dimittis</i>	47
46. <i>De profundis</i>	47
47. Expressões não recomendadas.....	48
48. O rito fúnebre para os casos de cremação	49
49. O rito, parte por parte.....	50

Parte II – Liturgias

A liturgia do funeral cristão – primeira forma	58
A liturgia do funeral cristão – segunda forma.....	65

Parte III – Ritos diversos

Rito das cinzas – primeira forma	80
Rito das cinzas – segunda forma.....	83
Liturgia para o velório	85
Culto de apoio a pessoas enlutadas com ceia do Senhor e oração memorial.....	87
Culto de apoio a pessoas enlutadas – 1	97
Culto de apoio a pessoas enlutadas – 2	99

Parte IV – Recursos litúrgicos diversos

1. Voto trinitário	104
2. Acolhida.....	105
3. Orações diversas	106
4. Encomendação ou ao fim da consignação.....	108
5. Encomendação e consignação para a cremação.....	108
6. Envio	109
7. Para um culto com oração memorial.....	109
8. Textos meditativos	110
9. Textos bíblicos para funerais em situações especialmente difíceis...	116
10. Para cultos com pessoas enlutadas cujos entes não foram sepultados ou cremados	117
11. No caso da entrega de um corpo a instituições de pesquisa....	119
12. Para cultos que visam a acompanhar pessoas enlutadas e lembrar as que partiram	120
13. Elementos para uma celebração alusiva a um aniversário de falecimento, junto ao túmulo	121

Bibliografia	124
---------------------------	-----

Anexo 1	127
----------------------	-----

Anexo 2 – Partituras	132
-----------------------------------	-----

Parte I

A morte e o funeral cristão

Aspectos bíblico-teológicos

1. Importância de um posicionamento bíblico-teológico da Igreja sobre a realidade da morte

A morte é um dos fenômenos que mais abalam o ser humano, provocando perguntas e incertezas. Especialmente quando necessitam encarar esta realidade em sua própria vida, as pessoas buscam respostas que as ajudem a enfrentar o sofrimento causado pelo enfrentamento da realidade da morte.

No contexto brasileiro, somos confrontados com diferentes formas de interpretação da morte que nem sempre condizem com os princípios da fé cristã evangélico-luterana. Numa realidade onde predominam fortemente outras doutrinas e compreensões sobre a morte e o pós-morte (visão platônico-dualista de corpo e alma, imortalidade da alma, doutrina da reencarnação), é difícil transmitir com clareza uma teologia da morte e da ressurreição. Mas o fato de vivermos num contexto de múltiplas visões sobre um tema que nos toca tão significativamente torna mais necessário ainda que a Igreja zele por uma clara orientação bíblica e teológica sobre o significado cristão da morte. Apesar de o ser humano ignorar a morte, tentando se desviar dela o máximo possível, a Igreja deve encarar esta realidade que atormenta a vida humana com muita propriedade; afinal, a fé cristã se fundamenta no Deus que venceu a morte e nos permite viver na esperança da ressurreição.

2. A compreensão da morte e do morrer na Bíblia

É importante levar em consideração que não há, na Bíblia, um conceito unânime e comum da morte¹.

No Antigo Testamento se encontram diferentes perspectivas sobre a morte. De um lado, transparece uma visão bem natural dela que a aceita como parte da vida. Esta concepção está em sintonia com a ideia de que o tempo do ser humano é limitado, finito. O ser humano é um “ente passageiro, um sopro”² (Sl 39.6,12; 49.12-20; 82.7;

1 JÜNGEL, Eberhard. **Morte**. São Leopoldo: Sinodal, 1971. p. 58-59.

2 WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1975. p. 137.

89.48s.). Em geral, no AT, a morte é vista como o fim da vida. Morrer velho não é nada espantoso (Gn 35.29; Jó 42.17); no entanto, a morte prematura horroriza. De certa forma, o AT também oferece uma ideia da morte como algo distanciado da vida. As leis veterotestamentárias designam como “impuro” diante de Deus tudo que se relaciona à morte (Nm 19.11). Ela é descrita como espaço de ausência de Deus, onde a ação divina não chega. É considerada inimiga, pois afasta as pessoas de Deus (Sl 88). Através da morte, a pessoa entra no âmbito do não relacionamento com Deus³. Por isso, como se observa, sobretudo nos salmos, é forte o clamor das pessoas que estão à beira da morte a Javé, pois só ele pode determinar ou impedir a ida ao *sheol* (reino dos mortos). “É só ele que dispõe sobre a entrada no reino dos mortos.”⁴ Em outras palavras, é possível dizer que “gritar por socorro” ou “lamentar” são formas concretas de que as pessoas à beira da morte ainda dispõem para se relacionarem com Deus. São suas últimas possibilidades de se manterem ligadas a Deus.

A preocupação com o pós-morte parece não ser um tema recorrente no AT. Nós a encontramos em Jó: “Morrendo o homem, porventura tornará a viver?” (Jó 14.14). A resposta a esta pergunta, conforme Jó 19.25-27, nada mais é que uma confissão de fé numa vida após a morte. No livro dos Salmos também emergem imagens do pós-morte. O Salmo 49, por exemplo, afirma: “Deus remirá a minha alma do poder da morte, pois ele me tomará para si” (Sl 49.15).

Uma referência à ressurreição como esperança real surge tardiamente no pensamento veterotestamentário. Está presente no livro de Daniel (Dn 12.2) e no bloco apocalíptico do livro de Isaías (cf. Is 26.19). O pensamento apocalíptico se baseia na ideia geral de que “se Deus é tudo em tudo [...] já não pode haver morte”.⁵ Isaías 25.8 proclama: “Tragará a morte para sempre, e assim enxugará o Senhor Deus as lágrimas de todos os rostos, e tirará de toda a terra o opróbrio do seu povo”. Tal pensamento será definido com mais propriedade no NT.

A visão sobre a morte é aprofundada no NT. Nele se anuncia a derrota definitiva desse inimigo mortal do ser humano. A libertação do poder da morte se dá no evento da cruz e da ressurreição de Je-

3 WOLFF, 1975, p. 147.

4 WOLFF, 1975, p. 148.

5 WOLFF, 1975, p. 150.

sus, o Filho de Deus. Jesus se expõe totalmente ao poder da morte e ingressa em sua esfera de domínio, ou seja, ele morre, é sepultado, conhece o mundo da morte. Através da morte de Jesus, Deus visita o mundo dos mortos e, com isto, é superado o medo reinante no AT da morte como afastamento de Deus. A morte como barreira entre Deus e as pessoas já não existe, pois Deus mostrou o seu poder sobre ela ao resgatar o seu Filho nos domínios da própria morte.

No NT, Deus é anunciado como Senhor dos vivos e dos mortos. Esta é a grande novidade que o NT traz em relação ao AT. A morte e ressurreição de Jesus são temas centrais no NT e se tornam eventos-chave para a compreensão da morte e do morrer na Bíblia. São eventos que fundamentam a leitura e a interpretação não só das ações e palavras de Jesus nos evangelhos, mas de toda a Escritura. Como diz Paulo: “E se não há ressurreição de mortos, então Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a vossa fé” (1Co 15.13-14).

A realidade da morte ainda assusta as pessoas. Mesmo reconhecendo o morrer como algo natural, o medo da morte persiste. Contudo, para a fé cristã vale que a morte está vencida. “Perdeu a morte o seu poder ...”, diz o hino 58, conforme o hinário *Hinos do Povo de Deus* da IECLB. Pela graça de Deus, é possível morrer com esperança. Com a mensagem da ressurreição a comunidade cristã expressa a sua fé de que Deus fará nova criação e dará nova vida ao ser humano. E diante de todas as perguntas que permanecem sobre quando e como tudo isto vai acontecer, vale a certeza de que um dia todos estarão definitivamente reunidos com Cristo. É isto que confessamos no terceiro artigo do Credo Apostólico.

3. A morte envolve o ser humano em sua totalidade de corpo, alma e espírito

Conforme o pensamento veterotestamentário, o ser humano é uma unidade⁶, e isto significa que ele não se divide em um corpo mortal e uma alma imortal. “O Novo Testamento adotou a distinção helenística entre corpo, alma e mente, porém continuou a compreender o ser humano como uma unidade. Um ser humano não era com-

6 SCHWARZ, Hans. Escatologia. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.). **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal / IEPG, 1995. v. 2, p. 564-566.

preendido como pecador conforme o corpo e sem pecado conforme a alma. Não só a alma de Jesus foi ressuscitada, mas o Jesus inteiro, com corpo, alma e mente.”⁷ É o que expressa Mateus 28.9 ao relatar a aparição de Jesus após a sua morte. As mulheres foram ao sepulcro de Jesus, mas não o encontraram lá. Ao retornarem para casa, Jesus veio em sua direção e disse: “Salve! E elas, aproximando-se, abraçaram-lhes os pés, e o adoraram.” A ideia de ressurreição como algo que abrange a pessoa toda é claramente expressa nesse relato. Tal pensamento se diferencia daquilo que era defendido nos círculos helenísticos.

“De acordo com Platão e Aristóteles, a alma era o que realmente importava. Uma vez que se pensava que ela era invisível, imaterial e indivisível, cria-se também que era imortal. Platão até concebeu o corpo como uma prisão da alma, uma limitação que jamais permitia a ela alcançar suas intenções mais elevadas. Assim, estava-se na expectativa da redenção em relação ao corpo e da união do divino. Não obstante, a alma era essencial para o processo de vida corporal. Era o princípio de toda a vida e conhecia as idéias eternas de verdade, bondade e beleza. Uma vez que a alma não alcançava seu alvo em uma única tentativa, Platão concebeu um ciclo de renascimento e purificações até que ela se reunisse com o divino. [...] Os teólogos cristãos adotaram, com certas modificações, a dicotomia grega da alma e corpo e ensinaram a imortalidade da alma. [...] Em anos recentes, especialmente sob o impacto de uma escuta renovada dos documentos bíblicos, a idéia de uma alma imortal tem se tornado cada vez mais suspeita. O ser humano é novamente visto como uma unidade.”⁸ Esta visão implica uma aceitação de que o ser humano é mortal em seu todo, ou seja, a morte inclui o corpo e a alma. Consequentemente, uma existência significativa para além da morte é possível mediante a ressurreição dos mortos. Isto é o que está expresso no Credo Apostólico quando se diz: cremos na ressurreição do corpo. “Quando a Igreja primitiva incluiu a crença na ressurreição do corpo no Credo Apostólico, estava tentando proteger-se da idéia de que a ressurreição seria somente um acontecimento espiritual, em analogia ao pensamento grego ou gnóstico, em que só a alma ou centelha

7 SCHWARZ, 1995, p. 566.

8 SCHWARZ, 1995, p. 566-567.

divina continua a viver na eternidade.”⁹ A ressurreição, portanto, é uma realidade que diz respeito à pessoa também na sua dimensão corporal.¹⁰ Cristo deu essa esperança ao ser humano ao ser ressuscitado como pessoa toda. Esse é o fato concreto no qual a fé cristã se apoia.

4. “A morte é o fim de nossa vida, porém não é o fim de nosso ser”¹¹

O cristianismo emprega os termos “imortalidade” e “ressurreição” para falar da participação do indivíduo na vida eterna. Mas, segundo Tillich, somente “ressurreição” é bíblico. “Imortalidade” não contradiz o símbolo da vida eterna, mas o termo “é tradicionalmente usado na expressão ‘imortalidade da alma’. Isso torna seu emprego no pensamento cristão problemático ainda em outro sentido: ele implica um dualismo entre alma e corpo, contradizendo o conceito de Espírito que engloba todas as dimensões do ser, e, além disso, é incompatível com o símbolo da ‘ressurreição do corpo’.”¹² O termo “imortalidade”, embora se encontre em alguns textos bíblicos, deve ser aplicado com a devida atenção, no sentido de que, como afirma Tillich, a “participação na eternidade não é continuação da vida após a morte, nem uma qualidade natural da alma humana. É, antes, o ato criativo de Deus [...]”.¹³ Somente neste sentido se pode falar de uma imortalidade, “pois a graça de Deus não permite que a morte apague ou extinga a criatura”¹⁴.

E o que se pode esperar da recriação ou da ressurreição do corpo? O ser ressuscitado tem continuidade com o que morreu? A Bíblia não oferece detalhes sobre isto, e devemos ter cautela com qualquer tentativa de resposta nossa. Mas esta também parecia ser uma preocupação dos cristãos na época de Paulo, como atesta 1Co

9 SCHWARZ, 1995, p. 568.

10 SCHWARZ, 1995, p. 568.

11 SCHWARZ, 1995, p. 567.

12 TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 5. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal / EST, 2005. p. 836.

13 TILLICH, 2005, p. 836.

14 BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo / São Paulo: Sinodal / Paulus, 2002. p. 179.

15.35: “Como ressuscitam os mortos? E em que corpo vêm?” A resposta de Paulo é que haverá uma transformação fundamental da nossa realidade corporal-existencial. Para explicar o sentido dessa transformação, Paulo utiliza antíteses, tais como corpo terrestre-celestial, corpo corruptível-incorruptível, corpo natural-espiritual, corpo mortal-imortal. Ressurreição “implica, com efeito, uma transformação radical na identidade e na personalidade. Somos ressuscitados para uma *nova* criação.”¹⁵ Como explica Schwarz, “já agora nossa personalidade sofre tremendas transformações ao avançarmos através dos estágios da vida, da infância até a adolescência, a maturidade e a velhice. Embora essas transformações possam ser dolorosas, permanecemos sempre a mesma pessoa. Semelhantemente, podemos esperar que permaneceremos nós mesmos quando formos recebidos na plenitude da nova vida.”¹⁶ O novo ser, portanto, não é outro ser, mas a transformação do velho. No contexto dessa reflexão, vale lembrar que, pelo batismo, cada pessoa é chamada por Deus pelo seu nome. Isto nos faz crer que a identidade de cada indivíduo permanece preservada em Deus para sempre. Podemos dizer que existe “uma memória eterna das coisas. O símbolo que a expressa é o ‘livro da vida’ a que se refere o Apocalipse de João.”¹⁷

A morte, portanto, significa o fim da vida do ser humano, jamais o fim de seu ser. Cada ser humano é participante da história de Deus neste mundo, e sua existência é única e jamais será aniquilada para sempre. Na explicação do primeiro artigo do Credo Apostólico, no Catecismo Menor de Lutero, diz-se: “Creio que Deus me criou a mim e a todas as criaturas ...”. A partir dessa confissão de fé se pode concluir que o ter existido é insubstituível, mesmo que essa existência tenha sido breve. Participar da história de Deus, mesmo dentro de um tempo finito, é viver para sempre na memória do Deus criador, eterno e infinito.

Uma teologia a respeito da morte e, conseqüentemente, do e para o funeral cristão só pode ser articulada levando em conta a própria compreensão que se tem da vida. É a existência, enquanto tal, que permanece na memória eterna de Deus. Para a fé cristã, vida é

15 SCHWARZ, 1995, p. 568.

16 SCHWARZ, 1995, p. 568.

17 BRAKEMEIER, 2002, p. 179.

dádiva de Deus (Sl 36.9). Somos criaturas, e aí reside a diferença básica entre nós e Deus. Deus é a origem da vida; é imortal e infinito. Nós somos mortais e enfrentamos a finitude. A fé no Deus que concede vida dá coragem às pessoas para se confrontarem com a morte e se desiludirem de pretensas conquistas da imortalidade (Lc 12.20). Vida é algo que recebemos de Deus como um talento que deve ser bem utilizado e devolvido no tempo oportuno (Mt 25.14-30). A fé cristã nos remete, portanto, a uma verdadeira “*ars moriendi*”¹⁸ (arte de morrer), ou seja, ela nos ensina a ver a morte como parte do ciclo da vida e nos ajuda a viver a vida com sabedoria e desprendimento (Sl 90), sempre prontos e prontas a nos entregar confiantes às mãos de Deus, a fonte da vida eterna.

5. A morte é o salário do pecado

A morte é salário do pecado, escreve Paulo (Rm 6.23). Mas isto precisa ser bem esclarecido. A morte não é um castigo de Deus, ou seja, “Deus não castiga o mal com a morte, e, sim, esta já está implícita no próprio mal. *O pecado acarreta a morte por força inerente*. Para entendê-lo, vale lembrar que pecado significa afastamento de Deus. Rompe-se a relação com o Criador e o ser humano foge da presença divina (cf. Gn 3.10). [...] Onde Deus se retira, vai restar somente morte (cf. Sl 104.29,30).”¹⁹

Não é o morrer enquanto tal que é o salário do pecado, pois existe um morrer que leva à vida eterna. “É a morte pavorosa, a morte perdição, a morte sem perspectivas que é o castigo do pecado e nele tem sua origem (cf. Rm 5.12s.). Enquanto isso, o fim físico do ser humano não é castigo. É simplesmente decorrência e implicação do fato de sermos criaturas. O morrer deixará de ser maldição no momento em que Deus perdoar os pecados e despertar a esperança por vida

18 Refere-se às tradições espirituais milenares que ensinam a dialogar sobre a profundidade da morte e do morrer. Veja, por exemplo, HENNEZEL, Marie de; LELOUP, Jean-Yves. **A arte de morrer**: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. Veja também NOÉ, Sidnei Vilmar. A morte bem-aventurada: Lutero e a *ars moriendi*. In: HOCH, Carlos Lothar; WONDRACEK, Karin H. K. (Orgs.). **Bioética**: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar: do início ao crepúsculo da vida: esperanças e temores. São Leopoldo: Sinodal / EST / FAPERGS, 2006. p. 77-84.

19 BRAKEMEIER, 2002, p. 177.

para além dos limites da morte. Então, mas somente então, o morrer voltará a ser algo natural.”²⁰

Diante de Deus o pecado e a morte não têm mais poder. Onde há relação com Deus, o pecado e a morte não significam castigo nem fim. Como diz Paulo, nada “poderá separar-nos do amor de Deus” (Rm 8.35-39). Consequentemente, a morte não é mais salário do pecado e o perdão dos pecados passa a ser concessão de vida, pois ele restabelece a comunhão com Deus.

6. A morte está profundamente relacionada com o batismo cristão

Com a morte, a pessoa cristã alcança plenamente o significado do batismo, pois, conforme Lutero, “o significado do Batismo – o morrer ou afogar-se do pecado – não se realiza inteiramente nesta vida, até que o ser humano morra também corporalmente e se transforme completamente em pó. O Sacramento ou sinal do Batismo se realiza depressa, como vemos com nossos olhos, mas o significado, o Batismo espiritual, o afogamento do pecado, dura enquanto vivemos e só é consumado na hora da morte. Então a pessoa é verdadeiramente imersa na água batismal e se realiza o significado do Batismo. Por isso, esta vida nada mais é que um incessante batizar espiritual até a morte.”²¹

O batismo, conforme Lutero, só se realiza plenamente com a morte porque, segundo ele, “o pecado não acaba totalmente enquanto vive este corpo, que foi concebido tão integralmente no pecado [...]. Assim, a vida de um cristão não é outra coisa do que um começar a morrer ditosamente, desde o Batismo até a sepultura. Pois Deus quer renová-lo totalmente no último dia.”²² No último dia, sim, se realizará por completo o que o tirar da água significa, diz o reformador. “Então ressuscitaremos da morte, dos pecados, de todo mal, puros em corpo e alma, e viveremos eternamente. Então, completamente tira-

20 BRAKEMEIER, Gottfried. A morte e o morrer na Bíblia: (subsídios para o rito do sepultamento). In: MOLZ, Cláudio; WEHRMANN, Guenter F. K. (Coord.). **Proclamar libertação**: Ofícios, suplemento 2. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 53.

21 LUTERO, Martinho. Um sermão sobre o Santo, Venerabilíssimo Sacramento do Batismo In: **Obras selecionadas**. São Leopoldo / Porto Alegre: Sinodal / Concórdia, 1987. v. 1, p. 415s.

22 LUTERO, 1987, p. 415s.

dos da água do Batismo e nascidos perfeitos, vestiremos o verdadeiro traje batismal da vida imortal no céu.”²³

Portanto, o batismo nos dá liberdade de falar da morte sem medo, pois, para as pessoas batizadas, a luz da ressurreição já brilha no horizonte desta vida mortal e finita. A morte que o cristão e a cristã enfrentam é apenas mais uma experiência, talvez a mais sofrida, da vida humana. Porém, o batismo nos lembra que possuímos algo a mais, algo que vai além desta vida e que está relacionado à eternidade. O batismo nos liga diretamente a Deus, nosso criador, salvador e consolador. Através do batismo já podemos enxergar a vida no futuro, o reino de Deus. Por tudo isso, a liturgia do funeral cristão não deve prescindir dessa íntima relação com o batismo e deve fazer, do início ao fim, menção a esse sacramento precioso, tanto da pessoa falecida como de toda a comunidade, e ao seu significado teológico.

7. A morte atinge o ser humano no mais profundo de sua existência

Apesar de todas as explicações racionais, psicológicas e, inclusive das respostas da fé cristã, a pergunta pelo “porquê” da morte de um ente querido e de si próprio sempre envolveu o ser humano, em todos os períodos da história. O livro de Jó fala do questionamento humano diante de Deus e mostra claramente o quanto é difícil dar uma resposta plausível ao “porquê” da morte. A Bíblia não só expõe com realismo a experiência da morte e do sofrimento humano, mas também nos ensina a “clamar” a Deus diante dessa realidade. O próprio Cristo brada na cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15.34). Para a fé bíblica, *clamar* não significa questionar a existência de Deus, mas a existência da morte e do sofrimento. “*Kyrie eleison* – Senhor, tem compaixão” é uma expressão bíblica litúrgica que traduz com profundidade o clamor e o sofrimento humanos diante de Deus.

A Bíblia revela que Deus não só é Senhor sobre a morte, mas também se importa com o sofrimento humano. E isto nos é revelado sobretudo na cruz, apesar da dificuldade de compreendermos que Deus não tire Jesus da cruz, não o isente de sofrer nem de morrer. Parece contraditório, mas é assim que Deus age para mostrar o seu amor

23 LUTERO, 1987, p. 415s.

por nós e o seu poder sobre a morte. Deus não retira o sofrimento de Jesus, mas também não o abandona. Ele assume a morte do seu Filho, vai com Ele às profundezas do abismo e o resgata de lá para uma nova vida. Na cruz, Deus revela o seu profundo amor à humanidade, mas, como o expressou Lutero, essa revelação se dá em oculto, ou, poderíamos dizer, “às avessas”, no silêncio, pois, à primeira vista, o que vemos na cruz senão “vergonha, privação, morte e tudo que nos é mostrado no Cristo sofredor”? “Ora, tudo isto são coisas que em nossa opinião nada têm de divino, mas que antes apontam para a aflição, miséria e fraqueza humanas. Justamente ali ninguém de per si procuraria revelação de Deus. Num ocultamento desses é que Deus entra para se revelar. O Deus manifesto precisa virar Deus abscôndito para que ocorra revelação de Deus. Deus se torna ‘abscôndito no sofrimento’. [...] Quando o próprio Deus está ‘abscôndito no sofrimento’, fica claro que também as obras de Deus, nas quais sua atuação se nos apresenta, mostram o mesmo caráter. As ‘obras de Deus’ sempre são ‘deformadas’ [...]. Elas estão tão profundamente ocultas que somente aparecem ‘sob aspecto contrário’ (*sub contraria specie* ...). A força de Deus revela-se na fraqueza [...]. A ajuda de Deus permanece invisível à pessoa humana; esta inclusive acredita estar mais abandonada por Deus no momento em que a ajuda de Deus lhe está mais próxima [...]. A sabedoria de Deus não deixa de ser sabedoria, mas ela nos parece tolice, ela é ‘sabedoria de Deus no abscôndito, sabedoria que está nas coisas escondidas’.”²⁴

8. A dor diante da morte não é camuflada, mas se expressa através de ritos

As práticas rituais relacionadas à morte e ao sepultamento no Novo Testamento não diferem das práticas da Palestina antes e no tempo de Jesus. Os relatos apontam para o seguinte: os mortos eram levados em esquifes, em cortejos, como o filho da viúva de Naim (Lc 7.12 e 2Sm 3.31; 2Rs 13.21); os cortejos eram acompanhados por crianças (Gn 25.9,39), parentes (Jz 16.31), amigos (1Rs 13.29s.) e escravos (2Rs 23.30). Ao que tudo indica, os sepultamentos ocorriam no próprio dia do óbito. Pessoas choravam a perda de alguém,

24 LOEWENICH, Walther von. **A teologia da cruz de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 23.

assim como aparece no falecimento da filha de Jairo (Mc 5.38). A dor se expressava através de gestos como, por exemplo, pôr as mãos sobre a cabeça (2Sm 13.19; Jr 2.37), rasgar as vestes (Gn 37.34; Jó 1.20), vestir-se de panos de saco (2Rs 6.20), pôr terra sobre a cabeça (Js 7.6; Jó 2.12), rolar a cabeça ou o corpo todo no pó (Jó 16.15; Mq 1.10), deitar e sentar sobre cinzas (Is 58.5; Jr 6.26), e, inclusive, raspar a barba e o cabelo ou fazer incisões no próprio corpo (Jó 1.20; Is 22.12; Jr 16.6; 41.5). Eclesiastes 12.1-7 fala da radicalidade da morte e do vazio que ela provoca na vida. Sobre apenas o pó e nada mais. Música fazia parte dos sepultamentos, como aparece no caso da filha do centurião (Mt 9.23). As pessoas falecidas eram envoltas em panos, com um véu no rosto, como Lázaro (Jo 11.14). O próprio Jesus foi envolto em um pano de linho (Mc 15.46). No AT, se faz referência a pessoas enterradas com suas roupas do cotidiano (1Sm 28.14, 2.19 e 15.27) e de combate, no caso dos guerreiros (Ez 32.27). A posição fetal, em tumbas individuais ou coletivas, ou no chão, no caso de pessoas mais pobres, indica o modo como eram feitos os sepultamentos no mundo do AT.

A Bíblia oferece poucos recursos para o ritual fúnebre, e os existentes não visam a registrar formas ou regras de como este deve acontecer. Sepultar os mortos é visto como um dever santo (2Sm 21.12ss.; 1Rs 13.29s.); ter um sepultamento decente é algo desejado em Israel e uma forma de aliviar a dor da perda. Não ser sepultado é algo abominável (1Rs 14.11; 16.4); observa-se o luto pelos mortos, mas não se fala em orações ou sacrifícios pelos mortos (Dt 34.8)²⁵. Apocalipse 21.4 anuncia a grande esperança de um tempo em que não haverá mais morte, sofrimento, pranto e dor.

Aspectos históricos

9. A comunidade cristã iniciou algo inusitado diante da morte de pessoas desconhecidas

Os cristãos dos primeiros séculos iniciaram algo inusitado: como indivíduos e como comunidade, assumiram tanto os sepultamentos de pessoas cristãs quanto de pessoas não cristãs que morriam

25 SCHMITT, E. verbete Morte. In: BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**. São Paulo: Loyola, 1973. v. 2, p. 729.

na pobreza e no abandono. As pessoas que não tinham um lugar próprio para serem sepultadas se beneficiavam da prática cristã das “sepulturas co-participativas”²⁶. Os diáconos eram os responsáveis por promover um sepultamento digno das pessoas, mesmo daquelas desconhecidas, encontradas à beira-mar, por exemplo. Este amor e consideração para com as pessoas, também em sua morte, impressionou até mesmo os não cristãos e provavelmente tenha sido um dos motivos para a expansão da Igreja. O argumento para cuidar da pessoa falecida estava no reconhecimento de que cada ser humano é parte da criação de Deus, templo do Espírito Santo (1Co 6.19), destinado à ressurreição (Rm 8.11, 20-23)²⁷.

10. O sepultamento cristão nos primeiros séculos da Igreja

Os funerais cristãos, nos primeiros séculos da Igreja, eram marcados pela alegria, como se a pessoa falecida estivesse sendo conduzida de um local a outro²⁸, resultado da profunda convicção de que, assim como Cristo ressuscitou, também os cristãos e as cristãs ressuscitarão. Concebia-se a morte como parte do processo através do qual a velha pessoa é despida e revestida de um novo ser. Este clima se diferenciava do lamento dos funerais de não-cristãos. Mesmo assim, a Igreja antiga valeu-se de costumes de outras religiões para realizar o sepultamento, embora os adaptasse aos fundamentos cristãos, principalmente ao evento pascal.

Ao descrever o funeral dos primeiros cristãos, White relata: “Trajavam-se vestes brancas, carregavam-se folhas de palmeiras e velas, queimando-se incenso à medida que a comunidade avançava rumo ao cemitério em plena luz do dia (ao contrário dos funerais noturnos dos pagãos). O corpo fora previamente lavado, ungido e envolto em linho na casa da pessoa falecida, enquanto se proferiam orações.”²⁹ Junto ao sepulcro eram realizadas orações e celebrada a eucaristia, no mesmo espírito de alegria. Cantos e salmos também

26 GEORG, Sissi. **Diaconia e culto cristão**: o resgate de uma unidade. São Leopoldo: Centro de Recursos Litúrgicos/EST, 2006. p. 134 (Série Teses e Dissertações, 32).

27 WINKLER, Eberhard. **Tore zum Leben**: Taufe, Konfirmation, Trauung, Bestattung. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1995. p. 168.

28 WINKLER, 1995, p. 168.

29 WHITE, James F. **Introdução ao culto cristão**. São Leopoldo: Sinodal / IEPG, 2005. p. 234.

faziam parte dos ritos fúnebres. O surgimento de sermões e prédicas provavelmente se deve ao costume das falas de familiares a respeito das pessoas falecidas.

Já no século V havia uma estrutura do rito funeral dividido em três estações: casa-igreja-cemitério. Precedido por procissões, na igreja eram feitas leituras bíblicas pelos diáconos, com ênfase na ressurreição. Após a despedida dos catecúmenos³⁰, o bispo fazia uma oração, derramava óleo sobre o falecido, oferecia o ósculo santo e celebrava a eucaristia. Em decorrência da espera pela parúsia, os cristãos eram sepultados com o rosto voltado para o oriente, pois este era visto como o lugar de onde o Cristo ressuscitado retornaria. A comunidade cristã realizava culto em memória da pessoa falecida no terceiro, nono e quadragésimo dias após a morte. O aniversário de falecimento era uma data especial. Tratava-se de uma ocasião importante para lembrar, sobretudo, as pessoas que morreram em martírio. “A morte, para o cristão, era o ‘natalício celestial’, e os santos eram comemorados no dia do seu nascimento (*natalis*) para a eternidade, e não no dia de seu nascimento mundano para o tempo finito.”³¹

É difícil reproduzir o rito funeral das comunidades cristãs dos primeiros séculos. Mas, a partir dos elementos mais comuns encontrados, é possível vislumbrar uma estrutura de cinco partes principais: 1) preparação do corpo em casa, com lavagens, unções e orações; 2) procissão, com vestes brancas, velas, incenso, palmeiras e cantos; 3) ofício de louvor e ação de graças, com leituras bíblicas e salmos; 4) eucaristia, com o último beijo da paz; e 5) enterro, com os pés voltados para o oriente³².

11. A lembrança dos mortos na liturgia do culto das primeiras comunidades cristãs

A partir do século IV, o mais tardar, as comunidades cristãs incluíram uma oração na liturgia do culto dominical para lembrar os

30 Catecúmenos são os que, na Igreja antiga, se preparavam para o batismo. Nos cultos, eles participavam somente das leituras bíblicas e se retiravam antes das orações dos fiéis e da eucaristia.

31 WHITE, 2005, p. 235.

32 DAVIES, J. G. Burial. In: DAVIES, J. G. (Ed.). *A new dictionary of liturgy and worship*. London: SCM Press, 1986. p. 117.

seus mortos. Esta oração é conhecida como *memento defunctorum* ou *mortuorum* (lembrança dos mortos) – também conhecido como *díptico*. A oração começa com a palavra latina “memento”, que significa “lembra-te”. Pede-se, assim, que Deus se lembre das pessoas que nos antecederam na morte. Originalmente, o “memento mortuorum” era uma lembrança de falecidos proeminentes da comunidade, que haviam servido a Igreja. O “memento” tradicional tinha o sentido de lembrar os/as fiéis que não podiam mais participar da celebração eucarística. Essas pessoas haviam precedido as outras na morte, mas estavam marcadas com o sinal da fé, ou seja, tinham sido batizadas e participaram do corpo místico do Senhor. Em sua morte, portanto, estavam definitivamente incorporadas em Cristo. Ao proferir o nome dessas pessoas falecidas durante a ceia eucarística, pedia-se a Deus que se lembrasse delas e lhes concedesse a paz. Desta maneira, a comunidade cristã dava o testemunho de que os mortos não estavam excluídos da comunhão dos santos, pois eles e elas pertenciam para sempre ao corpo de Cristo através do batismo e da fé³³.

12. O funeral cristão na Idade Média

O funeral cristão na Idade Média era marcado pelo medo de enfrentar o “último inimigo”, a morte. Inferno e purgatório eram figuras da mente medieval que atormentavam as pessoas, sendo utilizadas como meio de correção. Obras de arte retratam o juízo final com imagens que representavam, em detalhes abundantes, o tormento dos condenados. Também a eucaristia se tornou um instrumento de disciplinamento. Desenvolveu-se a prática da unção com óleo e do viático como formas de preparar a pessoa para a morte, livrando-a dos pecados e, assim, dos castigos do inferno. Neste contexto, a “*cura pro mortuis*” (cuidado pelos mortos) tornou-se de importância central. Os vivos se sentiam responsáveis pela salvação das pobres almas do purgatório; para tanto, orações, missas e doações eram realizadas em favor dos mortos. A preocupação com a pessoa toda, através do cuidado do corpo de uma pessoa falecida, na prática da Igreja antiga, foi, neste sentido, cedendo espaço para o cuidado da

33 Para um aprofundamento do significado dos *mementos* e *dípticos*, veja o estudo no Anexo 1 deste livro.

alma, principalmente. Tudo que se fazia com o corpo tinha o objetivo de livrar a alma do terror do inferno. Entre os monges dos conventos da Idade Média, tornou-se praxe rezar missas pelos mortos. Seguindo costumes religiosos antigos, essas missas eram realizadas no 3º, 7º e 30º dias após o falecimento e no aniversário do dia da morte.

“Os sepultamentos medievais geralmente eram feitos em cemitérios localizados em torno da igreja. O corpo era recebido no portão do cemitério (portão dos defuntos), carregado para dentro da igreja com salmos, e então celebrava-se a eucaristia, concedia-se absolvição à pessoa falecida, que recebia incenso e aspersão com água benta. Seguia-se o enterro no cemitério ou debaixo da igreja. [...]. O *Dies irae* (dia da ira ou do juízo), canto do séc. 12 ou 13, espelha o foco da Idade Média tardia no juízo e na possibilidade de condenação, tão diferente da clara confiança dos primeiros cristãos.”³⁴

13. A morte e o funeral cristão na época da Reforma

Lutero teve grande tolerância no que se refere às práticas de sepultamento de sua época. Ele não elaborou um rito funeral, mas abdicou radicalmente de toda a teologia em torno do purgatório e do culto às relíquias e buscou sustentação na prática da Igreja antiga que via o sepultamento como algo de competência da comunidade, especialmente quando a pessoa falecida não tinha familiar. Ele condenou tudo o que se referia aos ritos em favor dos mortos e deu preferência a uma cerimônia simples, e desta deveriam fazer parte, principalmente, a pregação do evangelho da ressurreição, hinos de louvor, salmos e corais. A justificação por graça, e não a vida da pessoa falecida, tornou-se o centro do funeral cristão.

A preparação para a morte era vista pelo reformador como algo muito valioso. Em meados de outubro de 1519, Lutero escreveu “Um sermão sobre a preparação para a morte”. Nesse sermão, ele se mostra “como pastor que vai ao encontro dos anseios existenciais das pessoas, enfrentando suas mais profundas angústias e preocupações a partir da teologia da cruz”³⁵. Para enfrentar o medo da morte, Lutero

34 WHITE, 2005, p. 235-236.

35 Cf. FISCHER, Joachim. Um sermão sobre a preparação para a morte: Introdução. In: LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**: Os primórdios: Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo / Porto Alegre: Sinodal / Concórdia, 1987. v. 1, p. 385.

direciona a atenção das pessoas para Jesus Cristo, que venceu a morte na cruz, assim como o pecado e o inferno. Fé evangélica é agarrar-se a Cristo, pois a fé sustenta a pessoa, não apenas no dia a dia, mas também no fim desta vida, na morte³⁶.

Em “Um sermão sobre a preparação para a morte”, Lutero fala da necessidade de o ser humano, na iminência da morte, despedir-se deste mundo tanto corporal quanto espiritualmente. Isto significa, segundo o reformador, que a pessoa deve dispor com clareza sobre os seus bens temporais, para que, depois, não haja rixa e discórdia entre os parentes; deve perdoar amavelmente todas as pessoas, por mais que elas a tenham ofendido e, assim, também deve desejar o perdão de todas as pessoas. Após isso, a pessoa se volta inteiramente para Deus, apegando-se aos sacramentos, crendo em sua força consoladora. Conforme Lutero, os sacramentos “são um consolo muito grande e como que um sinal visível do propósito divino, a que devemos nos apegar com uma fé firme, como se fossem um bom cajado, qual aquele com que Jacó, o patriarca, atravessou o Jordão, ou como se fossem uma lanterna pela qual devemos nos orientar e para a qual devemos olhar com todo o empenho ao trilharmos o caminho obscuro da morte, do pecado e do inferno”³⁷. Olhar a imagem de Cristo (*Bild*) nos ajuda a vencer não só o medo da morte, mas o poder de Satanás, diz Lutero.

Aspectos antropológicos

14. A morte faz parte da vida

No Brasil se diz que “a morte faz parte da vida”. Esta é, sem dúvida, a mais difícil constatação humana. Talvez este seja o preço que pagamos por sermos seres racionais e termos consciência de que vamos morrer e perder pessoas que amamos. Ao mesmo tempo, esta profunda e difícil constatação humana é a base para repensarmos a vida. Viver também significa morrer. Desde que somos concebidos estamos, de certa forma, morrendo, porque a morte é

36 FISCHER, 1987, p. 386.

37 LUTERO, Martinho. Um sermão sobre a preparação para a morte. In: LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**: Os primórdios: Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo / Porto Alegre: Sinodal / Concórdia, 1987. v. 1, p. 394.

uma contingência biológica. Células precisam morrer para que outras nasçam. Nosso corpo é dotado deste mecanismo para evitar degenerações. Biologicamente falando, portanto, a morte é uma necessidade; é algo natural.

Se não existisse a morte, a vida seria totalmente diferente. Não seríamos o que somos. Não haveria ciclos, início, meio e fim das coisas. A percepção de tempo seria sem movimento, estática. Racionalmente falando, a vida no planeta não seria viável. A longevidade redundaria num colapso do equilíbrio ecológico. A vida no planeta terra se estrutura através de um mecanismo cíclico de trocas, onde o morrer, o transformar-se e o reintegrar-se ao sistema são parte imprescindível da existência. Basta observarmos a natureza das plantas: suas folhas caem, secam-se e se decompõem, transformando-se em adubo orgânico que enriquece a terra e alimenta novas plantas. É a vida se transformando em alimento que nutre outras vidas. A morte do ser humano, cujo corpo se decompõe e se transforma, está perfeitamente integrada neste sistema cíclico da vida.

Da mesma forma que a morte é algo natural, resistir a ela também o é. Na vida está embutida uma força que a impulsiona. Por isso, resistimos à morte, ao fim das coisas. Temos pavor até mesmo da consciência de tal condição. Esta resistência e este pavor são, portanto, naturais e não, necessariamente, frutos da cultura³⁸. Tudo que vive resiste à morte. A planta luta contra a extinção. Os animais expressam sinais de medo diante do perigo. A oposição à morte é inerente à vida. A morte é desejável apenas na medida em que a vida se deteriora³⁹.

15. “Só para a morte não há solução”

Para o ser humano de todos os tempos, a morte é a principal fonte de inconformidade. “Só para a morte não há solução”, dizem as pessoas. A morte é algo absurdo, porque questiona o que temos de mais precioso, a vida. Ela contradiz a vida por ser um estado absoluto de abandono, uma condição de não-relacionamento total. A mesma resistência natural que se apresenta na dimensão biológica se transfere para a dimensão antropológica. Diante do absurdo da

38 BRAKEMEIER, 2002, p. 173.

39 BRAKEMEIER, 2002, p. 173.

finitude da vida, o ser humano ensaia diferentes possibilidades de lidar com a morte. Os ideais de eterna juventude e de imortalidade permeiam as mais variadas expressões da nossa cultura: as artes, as ciências e a religião.

16. A morte na contemporaneidade

Na atualidade, vivemos novas nuances do ideal de imortalidade, pela primeira vez embalado por avanços científicos e tecnológicos que, por vezes, trazem consigo grandes riscos para a própria vida. O ser humano da contemporaneidade é um ser que se depara com a real possibilidade de se livrar da dor e das perdas. Criam-se artifícios que prolongam a vida, seja através de medicamentos e transplantes de órgãos, seja pela possibilidade de reprodução da vida, ou de parte dela, por meio da manipulação genética. Sonha-se, como nunca, com a eternidade real. Por isso, a morte se torna, cada vez mais, um tabu. Evita-se o *memento mori* até mesmo para os moribundos. Pesquisas demonstram que boa parte dos jovens na faixa dos 20 anos jamais se confrontou com um cadáver. Pessoas do nosso círculo de relações morrem em clínicas e hospitais, isoladas e distantes dos vivos. O cuidado com os corpos de pessoas falecidas e o funeral se transformam em atividades de institutos que, com as mais variadas técnicas e recursos, buscam amenizar a “feiura” da morte. A própria cremação se torna, neste quadro, um distanciamento da morte, onde, em vez de se confrontar com o corpo sem vida ou a ideia da decomposição, pessoas assistem, quando assistem, ao enterro de uma urna, ou, simplesmente, as cinzas são lançadas na natureza. Quando se ignora a realidade da morte, não se vive a vida real, ou se vive de modo a esgotar todas as potencialidades da vida, numa corrida desesperada aos bens de consumo, depredação ambiental e individualismo exacerbado.

Aspectos pastorais

17. Diante da morte a comunidade cristã é chamada para a sua vocação pastoral

Os ritos fúnebres têm, em muitas religiões, a função de separar o morto e a morte das pessoas vivas. No caso cristão, e principalmente

para a fé evangélica luterana, não é essa a principal função do funeral. Além de encomendar a pessoa falecida à solicitude graciosa de Deus, através do seu sepultamento ou da sua cremação, o rito funeral tem a função de organizar a crise instalada com a morte e perda de um ente querido. E, para ajudar as pessoas num momento de profunda dor, o ritual cristão procura “mostrar o amor de Deus e o apoio da comunidade no consolo aos enlutados”⁴⁰. Como define a IECLB, “o sepultamento é para a Igreja oportunidade de testemunho público de sua fé na ressurreição e de consolo aos enlutados. Representa igualmente um ato de respeito ao defunto, lembrando que o corpo humano, mesmo falecido, é criação de Deus.”⁴¹

Consolar as pessoas enlutadas não significa fazer especulações sobre a morte. A fé cristã ajuda as pessoas a lidar com a realidade da morte, pois esta “não é negada por uma religião em cujo cerne está a crucificação”⁴². O verdadeiro consolo vem da fidedignidade de Deus, revelada em sua palavra, através da Escritura e dos sacramentos. O funeral cristão é uma ocasião especial para lembrarmos que, por meio do batismo, Deus nos aceitou incondicionalmente e que isso continua valendo para a pessoa em sua morte. Por isso, encomendar a pessoa falecida a Deus significa colocá-la sob a guarda do Deus cujo amor já foi demonstrado antes mesmo da morte dela. Sendo a esperança da ressurreição em Cristo tão central para a fé cristã, encomendar uma pessoa falecida a Deus também significa orar para que Deus realize o seu desígnio para com ela.

De suma importância para as pessoas enlutadas são a presença e o apoio da comunidade da qual elas são parte. A comunidade de fé também representa o corpo de Cristo no qual a pessoa falecida entrou pelas águas do batismo do qual não pode ser separada nem pela morte. A comunidade reunida “marca a transição da pessoa falecida para uma nova relação dentro da igreja: ela passa para a igreja triunfante, além da igreja militante aqui na terra. O papel de outros cristãos no funeral é de tornar visível, por meio de sua presença, o ambiente de amor que cerca os enlutados.”⁴³

40 WHITE, 2005, p. 238-239.

41 O SEPULTAMENTO eclesástico: um posicionamento da IECLB referente a enterro e cremação. **Boletim informativo 157**, Porto Alegre, 1997. (Anexo 4).

42 WHITE, 2005, p. 239.

43 WHITE, 2005, p. 239.

18. O funeral é parte de um amplo processo ritual de consolo e construção da esperança

O funeral não é momento de ensinamentos sobre a morte, nem sobre o significado do seu ritual. O funeral é parte de um amplo processo ritual de consolo cristão e construção da esperança em Cristo (catequese teológico-litúrgica). Por isso, em sentido pastoral, o funeral cumprirá melhor a sua função se for precedido de acompanhamento poimênico-litúrgico às pessoas que estão na iminência da morte e, posteriormente, às pessoas enlutadas. Ritos pós-funeral são instrumentos valiosos para a elaboração do luto. Conforme se descreve no item 19, esta é uma fase de transição em que a pessoa lida mais concretamente com o significado da morte e, portanto, necessita de acompanhamento pastoral-litúrgico mais de perto. Ritos podem ajudar as pessoas a externarem sentimentos reprimidos. Prantear, lamentar, jejuar, rasgar as vestes são, por exemplo, gestos rituais de manifestação do luto encontrados na Bíblia, conforme observado acima no item 8. Temos que aprender a dar a devida atenção e o devido tempo para a manifestação do luto e do pranto⁴⁴.

Na IECLB, há o costume da “oração memorial”⁴⁵, incorporada ao culto da comunidade, a qual inclui leitura dos dados biográficos da pessoa falecida e a inclusão da família enlutada na oração de intercessão. Essa forma de comunicação de falecimento que acontece no culto tem um aspecto poimênico inerente; contudo, ela é insuficiente. Além disso, é necessário refletir sobre como se realiza esse ato de comunicação. Cultos com enlutados, cultos em memória dos mortos (na Páscoa, no Dia de Finados ou no Último Domingo do Ano Eclesiástico) e a redescoberta, através da catequese litúrgica, de elementos poimênicos na liturgia do culto, como os *mementos* e *dípticos*⁴⁶, na oração eucarística, são práticas de acompanhamento comunitário a pessoas enlutadas, desenvolvidas na IECLB, que têm

44 HOCH, Lothar Carlos. “As minhas lágrimas têm sido o meu alimento”: desafios pastorais no trabalho com enlutados. In: HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas (Orgs.). **Aconselhamento pastoral e espiritualidade**: Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral. São Leopoldo: Sinodal / EST, 2008. p. 64.

45 Sobre a oração memorial, confira MARTINI, Romeu Ruben (Org.). **Livro de culto**. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 37.

46 Confira acima o item 11 e o Anexo 1 deste livro.

importância fundamental. Mas essas modalidades jamais deveriam dispensar o contato pessoal e próximo através da visitação à família ou pessoa enlutada. Essas visitas possuem igualmente aspecto ritual. É imprescindível orar com as pessoas enlutadas, ler um texto bíblico, além de ouvi-las atentamente e, mesmo, silenciar com elas. Nesse acompanhamento pessoal, é importante considerar “que não cabe a nós atropelar as pessoas no seu trabalho de luto. Podemos confiar que cada pessoa enlutada ficará bem a seu tempo, uma vez que há tempo certo para todas as coisas.”⁴⁷

19. Fases no processo de luto

Algumas fases no processo de luto devem ser consideradas no acompanhamento às pessoas enlutadas, respeitando-se as individualidades de cada pessoa e de cada caso.

Baseado em estudos de Spiegel e Lindner, Hoch descreve quatro fases do luto: a) *fase do choque* – é o primeiro contato com a notícia da morte; mesmo em casos já esperados, ela causa grande impacto físico e emocional; b) *fase controlada* – é o momento intermediário, aquele em que a pessoa se envolve nos assuntos do funeral e está rodeada de outras pessoas. Aí, os sentimentos são confusos. Esta fase se encerra, geralmente, com o funeral; c) *fase do vazio existencial* – é a mais importante, a mais prolongada e a mais dramática no processo de luto. O sentimento da perda se instala de forma intensa e parece impossível pensar em outra coisa. A pessoa enlutada se dá conta do que, de fato, aconteceu. Sobrevém a muitos o sentimento de perda do sentido da vida e a depressão. Nessa fase, o acompanhamento poimênico-litúrgico comunitário é de extrema importância; d) *fase de readaptação* – esta surge aos poucos, à medida que a pessoa enlutada consegue reorganizar a sua vida e reencontrar alegria nas atividades cotidianas⁴⁸.

É importante salientar que os casos extremos, como a morte de jovens, crianças, natimortos, suicídios, homicídios e perda de entes

47 HOCH, 2008, p. 69.

48 HOCH, Lothar Carlos. Acompanhamento pastoral a moribundos e enlutados. In: MOLZ, Cláudio; WEHRMANN, Guenter K. F. (Orgs.). *Ofícios: estudos temáticos e auxílios homiléticos: Proclamar liberdade*, suplemento 2. São Leopoldo: Sínodal, 1988. p. 75-76.

queridos em catástrofes, agravam ainda mais a intensidade de cada uma das fases do luto.

Quando se fala em fases do luto, não se pretende estabelecer um “processo padrão” que será necessariamente percorrido durante o luto. “Cada situação de luto é especial e única.”⁴⁹ Diversos fatores determinam a forma do luto, tais como aspectos culturais, características de personalidade, tipo de relacionamento que houve entre pessoa falecida e enlutada. “Mesmo assim, falar em fases do processo de luto constitui-se numa ajuda para quem lida com pessoas enlutadas, pois, conhecendo melhor as formas que o prantear pode assumir, é possível relacionar-se com essa pessoa de forma mais adequada e de modo a que ela se sinta melhor compreendida.”⁵⁰

20. A importância do cemitério para as pessoas enlutadas

Que importância tem o cemitério para as pessoas? A experiência do luto, na vida de muitas pessoas, indica que o cemitério possui um significado especial. As pessoas enlutadas precisam de um lugar que represente, de forma concreta, a “presença” da pessoa falecida. Elas “precisam de um *lugar* onde seu pranto possa se expressar”⁵¹. O cemitério é esse lugar. A agonia e inquietação de familiares de pessoas mortas e desaparecidas mostram, igualmente, a necessidade desse lugar. As “pessoas vão ao cemitério, se colocam junto à sepultura para meditar, orar, lembrar de momentos importantes, agradecer pelo amor recebido e expressar a culpa por eventuais erros cometidos.”⁵² O cemitério, portanto, assume uma função muito importante para as pessoas em seu processo de luto.

A Igreja cristã, desde os seus inícios, teve o cuidado de criar lugares especiais para sepultar os mortos. As pessoas visitam seus falecidos no lugar onde estão sepultados. “As comunidades da IECLB fazem bem ao cultivar e preservar seus cemitérios e celebrar cultos especiais no Dia de Finados. A intenção não é reverenciar os

49 HOCH, 2008, p. 68.

50 HOCH, 2008, p. 69.

51 HOCH, Lothar Carlos. O cemitério: lugar para prantear os mortos. **Jornal Evangélico Luterano**, Porto Alegre, ano 33, n. 672, nov. 2003, p. 15.

52 HOCH, 2003, p. 15.

mortos, mas preservar a sua memória e entregá-los em fé nas mãos de Deus, donde viemos e para onde retornaremos.”⁵³ Os cemitérios são lugares antropológicamente necessários. “Servem para expressar nossa tristeza, nosso pranto. Servem também para receber o abraço de amigos e de irmãos e irmãs na fé e, assim, ir curando aos poucos nossas feridas.”⁵⁴

A palavra “cemitério” vem do grego “koimeterion” e significa literalmente “lugar do sono”⁵⁵. “Cemitério é lugar de paz, de meditação, de encontro conosco mesmos. É lugar que nos confronta com a finitude da nossa vida. É lugar de encontro com Deus.”⁵⁶

21. A prática da cremação na IECLB

Em documento referente ao sepultamento, a IECLB apresenta pontos elucidativos sobre a prática da cremação e esclarece o seguinte:

– “A forma de sepultamento é livre. Os familiares do/a falecido/a decidem sobre ela. A comunidade evangélica de confissão luterana respeitará a decisão tomada e acompanhará o sepultamento na forma escolhida.”

– “Na Igreja cristã tem prevalecido a forma de enterro. O cadáver está sendo devolvido à terra de que, conforme Gn 3.19, foi formado. Mas também a cremação é uma forma de devolução da pessoa à terra. Ela não contradiz os princípios cristãos, e mais e mais tem se tornado praxe nas igrejas luteranas.”

– “A membros que se escandalizam com a cremação de uma pessoa falecida, ou que se sentem inseguros diante da decisão a tomar, diga-se:

a. A fé cristã não prescreve a forma de sepultamento; portanto, não existe um modo especificamente cristão desse ato;

b. A escolha da forma de sepultamento faz parte do exercício da liberdade cristã;

53 HOCH, 2003, p. 15.

54 HOCH, 2003, p. 15.

55 PHILLIPS, Edward L. verbete Funerals (Early christianity). In: BRADSHAW, Paul F. (Ed.). **The new Westminster dictionary of liturgy and worship**. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox, 2002. p. 214.

56 HOCH, 2003, p. 15.

c. Dentro desta liberdade é lícito levar em consideração aspectos econômicos, higiênicos, de espaço físico, de distância geográfica ou outros, na opção por uma ou outra modalidade.”

– “Quanto a possíveis objeções teológicas à cremação, convém lembrar:

a. O receio de que a cremação do corpo impediria a ressurreição é infundada. Deus saberá recriar o que uma vez criou, mesmo que aos olhos humanos a pessoa falecida tenha desaparecido completamente;

b. Quando, no início da Igreja cristã, mártires foram queimados/as e suas cinzas espalhadas ao vento ou na água pelos inimigos da Igreja, esta sempre afirmou que estes/as mártires, sem dúvida, participariam da ressurreição dos mortos.

A cremação, pois, não se presta a demonstração anticristã. Ela não limita ou impossibilita a ação recriadora de Deus.”

– “Há que se combater, isto sim, a idéia de que a cremação liberta ou purifica a alma ou o espírito de seus laços materiais e atinge somente o corpo. Toda pessoa, com corpo, alma e espírito, morre e desaparece desta vida, não havendo aí nenhuma diferença entre enterro e cremação.”⁵⁷

Aspectos jurídicos⁵⁸

22. As decisões sobre o transcurso normal do rito funerário

A legislação nacional é omissa com relação ao direito funerário de forma específica. No entanto, há dispositivos legais que garantem o direito das pessoas envolvidas (familiares, amigas, conhecidas) de não serem perturbadas na cerimônia funerária e protegem a pessoa falecida.

Em razão da ausência de legislação, as decisões da família sobre o transcurso funerário devem ser respeitadas, inclusive pelos

57 Esses itens referem-se aos pontos 8 a 12 do documento: O SEPULTAMENTO eclesiástico: um posicionamento da IECLB referente a enterro e cremação. **Boletim Informativo 157**, Porto Alegre, 1997. (Anexo 4).

58 Com base no direito funerário, o texto referente aos “Aspectos jurídicos” deste livro foi escrito com o objetivo de orientar os ministros e as ministras religiosos na sua atividade com o rito funerário.

Esta seção foi elaborada pelo advogado Jeferson de Boni Almeida, a quem agradecemos por essa contribuição valiosa.

ministros e ministras religiosos envolvidos. A estes é dada a não menos difícil missão de ajudar os familiares na sua tarefa de tomar as decisões necessárias para o transcurso normal do rito funerário. Contudo, deve-se lembrar sempre que as decisões cabem à família ou, quando da ausência de familiares, às pessoas responsáveis pela pessoa falecida.

23. As providências referentes aos trâmites burocráticos e legais

Para desempenhar seu mister religioso numa cerimônia funerária, o ministro religioso ou a ministra religiosa não necessita solicitar qualquer documento relacionado ao evento da morte, assim como é irrelevante o conhecimento da causa desta. É importante lembrar, no entanto, que todas as providências referentes aos trâmites burocráticos e legais perante os órgãos competentes são de obrigação dos responsáveis pela pessoa falecida.

Como medida acautelatória, com o objetivo de preservar a segurança sanitária e evitar problemas legais futuros, o ministro religioso ou a ministra religiosa pode, todavia, sem ter obrigação legal de fazê-lo, buscar informações sobre a causa da morte e orientar os familiares a providenciar o atestado de óbito. As informações sobre a causa da morte podem ser úteis, especialmente no caso da pessoa falecida ter sido portadora de doença contagiosa, quando a urna deverá ser lacrada pelo serviço oficial de saúde pública, não podendo ser aberta em hipótese alguma.

Por ser importante, ressaltamos que é responsabilidade do serviço de saúde oficial e do médico responsável o procedimento de lacrar a urna funerária para evitar a exposição de outras pessoas ao risco de contrair a doença.

24. A apresentação do atestado de óbito

Quanto ao atestado de óbito, a obrigação de exigir sua apresentação é do responsável legal pelo cemitério, ficando, pois, facultado ao ministro religioso ou à ministra religiosa orientar as pessoas que providenciem o documento para evitar problemas com a administração do cemitério na hora do sepultamento.

Neste sentido, os responsáveis pelos cemitérios comunitários devem tomar o cuidado de exigir a apresentação do atestado de óbito

e, caso este não seja apresentado, devem se recusar a proceder ao sepultamento.

As pessoas responsáveis pelos cemitérios, ao contrário dos ministros e ministras religiosos, são obrigadas, pelo art. 77 da Lei Registros Públicos, a exigir a apresentação do atestado de óbito original, do qual deverá ficar cópia arquivada na administração do cemitério, sob pena de praticar ato ilícito, como mostra a redação do referido dispositivo legal:

“Art. 77. Nenhum sepultamento será feito sem certidão do oficial de registro do lugar do falecimento, extraída após a lavratura do assento de óbito, em vista do atestado do médico, se houver no lugar, ou em caso contrário, de duas pessoas qualificadas que tiverem presenciado ou verificado a morte. (Renumerado e alterado pela Lei nº 6.216, 30/06/75).”

Com tal exigência, a lei busca evitar, por exemplo, o enterro clandestino de pessoas, que poderá implicar responsabilização da administração do cemitério, bem como o enterro de uma pessoa viva, situação esta que, se comprovada, poderá implicar a tipificação do crime de homicídio culposo, sem intenção de matar, na forma do art. 121, § 3º e § 4º do Código Penal, que tem a seguinte redação: “§ 3º – Se o homicídio é culposo: Pena – detenção, de 1 (um) a 3 (três) anos. § 4º – No homicídio culposo, a pena é aumentada de 1/3 (um terço), se o crime resulta de inobservância de regra técnica de profissão, arte ou ofício, [...]”.

25. Procedimentos diante de eventuais tumultos durante uma cerimônia funerária

Durante as cerimônias funerárias é bastante comum, até mesmo pelo fato de as pessoas estarem emocionalmente abaladas, ocorrerem discussões e, inclusive, brigas entre familiares, podendo estas ter sua origem em divergências de cunho religioso. Nesse momento, é importante o ministro religioso ou a ministra religiosa ter em mente que deve evitar o tumulto e, se necessário, deixar o local. Com isso, evitará ser acusado de estar perturbando a cerimônia funerária, que é tipificado como crime pelo nosso Código Penal (art. 209).

Por outro lado, no caso de tumulto de proporções maiores, a orientação deve ser no sentido de chamar a segurança pública e até

mesmo entrar em contato com o Ministério Público, na pessoa do Promotor de Justiça.

26. A urna funerária lacrada pelos órgãos competentes

O ministro religioso ou a ministra religiosa, assim como todas as pessoas que participarem de alguma forma da cerimônia fúnebre, são proibidos de abrir urna funerária lacrada por órgão responsável do poder público. A relevância desta informação decorre do fato de que apenas pessoas autorizadas e devidamente instruídas podem realizar tal procedimento.

27. O contato físico com as pessoas falecidas

Os agentes funerários, médicos e demais pessoas da área, recebem material, vacinas e instruções sobre como proceder com cadáveres, diferentemente dos ministros religiosos. Logo, é do ofício daqueles a manipulação de urnas e pessoas mortas, devendo o ministro religioso ou a ministra religiosa evitar o contato físico com o defunto.

28. A livre escolha do serviço de uma agência funerária

No âmbito das orientações, os ministros religiosos podem informar as pessoas que as funerárias são apenas prestadoras de serviços e, como tais, são de livre escolha do contratante, ou seja, da família da pessoa falecida. Havendo abuso por parte de qualquer agente funerário, o fato deve ser comunicado imediatamente à delegacia de polícia e ao Ministério Público.

29. A prática da cremação e as obrigações legais

A prática da cremação está cada vez mais difundida, especialmente por evitar despesas com o cemitério. Mas, para realizar a cremação, as pessoas responsáveis pelos crematórios têm obrigação de respeitar a legislação local. Especial cuidado deve ser tomado, se a morte ocorrer em circunstâncias violentas ou o de *cujus* [falecido cujos bens estão em inventário] estiver envolvido em uma Ação de Paternidade e de Alimentos. Diante dessas hipóteses, a cremação po-

derá ser realizada apenas mediante autorização judicial, uma vez que poderá implicar a destruição de provas perante o processo judicial.

Especificamente, não existe qualquer obrigação legal para os ministros e as ministras religiosos em relação à cremação, sendo de total responsabilidade dos familiares e do crematório a realização de todos os atos burocráticos envolvidos com tal atividade.

30. Aspectos legais diversos

Outros aspectos legais envolvendo o funeral de pessoas como horário do sepultamento ou da cremação, transferência de restos mortais, cabem novamente aos familiares envolvidos ou às pessoas documentalmente habilitadas, não sendo incumbência do ministro religioso ou da ministra religiosa. As pessoas responsáveis devem verificar junto à legislação municipal, ao regulamento interno do cemitério e perante a autoridade policial local quais as regras existentes para realizar de forma regular tais procedimentos.

Em suma, aos ministros e às ministras religiosos cabe fazer o acompanhamento religioso, devendo, dentro do possível, ficar distantes das atividades burocráticas atinentes ao funeral, limitando-se a orientar as pessoas em tais momentos, até mesmo para estar em melhores condições de aconselhar, de orientar, consolar e acolher as pessoas diretamente envolvidas com o ente falecido.

Aspectos litúrgicos

31. O funeral é ritual de passagem, que serve para ordenar uma situação de profunda crise

Uma função do rito é colocar ordem. O rito permite que as pessoas vivam num mundo organizado, não caótico, saibam “o que” fazer e “como” se comportar diante de determinadas situações. Os ritos de passagem estão presentes em todas as sociedades e culturas. Eles são necessários à vida humana, pois esta se caracteriza por uma sucessão de etapas e transições, com mudanças ora bruscas, ora bem ordenadas. Os ritos de passagem ajudam as pessoas a enfrentar as mudanças em suas vidas. Eles encaminham as pessoas em sua “travessia” de uma situação a outra, ou a sua entrada num mundo novo

e desconhecido. Os ritos auxiliam pessoas e grupos a vivenciar as crises decorrentes das passagens⁵⁹.

Conforme estudos antropológicos, todo rito de passagem possui três estágios bem definidos, que podem ser denominados de ritos preliminares (marcados pela separação do grupo ou da situação anterior), ritos liminares ou de margem (marcados pela transição de um grupo a outro ou de uma situação a outra) e ritos pós-liminares (marcados pela incorporação de uma pessoa a um novo grupo ou a uma nova situação). Cada passagem possui ritos de separação (preliminares), de margem (liminares) e de incorporação (pós-liminares), mas cada uma enfatiza um desses ritos especificamente, de acordo com as necessidades que a passagem em questão impõe. Por exemplo, nos rituais de morte, o funeral é um rito de separação muito importante, tendo a função de ajudar a ordenar a situação de crise instalada. Ele é uma forma real de lidar com a constatação da morte e a necessidade de separar-se de um ente querido, mas os ritos de margem, ou de transição, são os mais acentuados dentro do processo de morte e separação do ente querido. O luto, por sua vez, corresponde ao período de margem, um tempo de transição marcado por diversas fases⁶⁰, em que as pessoas lidam mais concretamente com o significado da morte e da perda. Infelizmente, carecemos de recursos rituais ou oferecemos poucos rituais para esse período que, além de marcante, é o mais extenso dentro do processo que envolve a morte⁶¹.

32. O funeral cristão é uma prática da comunidade cristã

O Evangelho, em especial a esperança dos cristãos na ressurreição dos mortos pela fé na ressurreição de Jesus Cristo, é o anúncio central no funeral cristão. Não obstante, todo rito funeral é um momento especial, que precisa levar em consideração a história da pessoa falecida, dos familiares e, inclusive, das pessoas que estão presentes no momento da despedida. O funeral não deixa jamais de ser uma celebração da comunidade à qual a pessoa falecida pertence. Não é uma celebração dos parentes enlutados, nem uma celebração

59 MANSK, Erli. **A ritualização das passagens da vida**: desafios para a prática litúrgica da Igreja. São Leopoldo: EST/PPG, 2009. p. 18-23, 82-85. (Tese de Doutorado).

60 Sobre as fases no processo de luto, confira acima o item 19.

61 MANSK, 2009, p. 29-31, 44-45.

privada ou de enaltecimento da pessoa falecida, mas uma celebração da comunidade cristã que anuncia as promessas bíblicas a respeito do amor gracioso de Deus sinalizado, em especial, no batismo.

33. O funeral cristão está relacionado ao batismo

Como vimos acima no item 6, para a comunidade cristã a morte está profundamente relacionada ao batismo, razão pela qual a liturgia do rito funeral deve ser permeada pela teologia batismal. A liturgia do funeral cristão sustenta, portanto, que, pelo batismo, já pertencemos a Deus, estamos em suas mãos e o medo da morte pode ser superado mediante a fé na ressurreição. Além da pregação e das orações que remetem ao batismo, elementos ou símbolos do batismo deveriam estar presentes na liturgia do funeral cristão e no espaço litúrgico, como, por exemplo, vela batismal, círio pascal, pia batismal.

É importante lembrar que, por ocasião do batismo, as pessoas são chamadas pelo nome. Assim, também deveria sê-lo durante os funerais.

34. A ceia do Senhor não está desligada da morte de pessoas cristãs

O funeral cristão é momento em que a comunidade cristã se assegura de que nem mesmo a morte nos separa do amor de Deus. O ritual fúnebre deve salientar as vigorosas promessas bíblicas a respeito da fidedignidade de Deus, e não se basear em nada menos do que isto. Uma liturgia da palavra é essencial para proclamar que, por meio de Cristo, Deus demonstrou o seu grande amor por nós, nos deu a salvação e a promessa da vida eterna. “Salmódia e leitura da Bíblia são fundamentais, apoiadas por sermão, hinos, orações e credo.”⁶²

A ceia do Senhor, por sua vez, não está desligada da morte dos cristãos e das cristãs; ela concretiza a comunhão dos santos, da qual a pessoa, mesmo na morte, continua sendo parte; proclama o relacionamento contínuo entre os membros vivos e os mortos dentro do corpo de Cristo. Portanto, há fortes argumentos em favor da celebração da

62 WHITE, 2005, p. 241.

ceia eucarística no ritual fúnebre. Entretanto, dadas as circunstâncias de um ritual fúnebre, o lugar, a formação de um grupo com pessoas de diferentes tradições religiosas e as necessidades mais prementes, essa celebração é pouco viável, além de ser totalmente estranha para a nossa tradição comunitária. Por isso, fica o desafio de recuperar a celebração da ceia do Senhor no culto com “oração memorial”. Aí, sim, ela tem função relevante. Em especial, os “mementos” ou “dípticos”⁶³ da oração eucarística fazem uma ligação explícita com os membros falecidos que continuam pertencendo ao corpo de Cristo.

35. O consolo e a proteção aos enlutados estão acima de qualquer costume teológico-doutrinário

É possível que alguns funerais não se enquadrem nos regulamentos da comunidade local e sejam oficiados por motivos pastorais. O falecimento de crianças não batizadas, filhas de pais batizados, é um dos casos em que o aspecto pastoral é muito mais relevante que eventuais ressalvas teológicas, pois a graça e o amor de Deus são maiores que nossos costumes, ritos e explicações racionais. Conforme o documento “Nossa fé, nossa vida”, a comunidade expressa o amor cristão ao sepultar suicidas e crianças natimortas ou não batizadas⁶⁴. Tal princípio condiz muito mais com a essência da fé cristã, pois realiza um serviço diaconal a pessoas falecidas e vai ao encontro da necessidade de consolo das pessoas enlutadas. Negar o funeral de uma pessoa que se suicidou significa se colocar acima do juízo e da graça de Deus. Importa consolar e compreender que Deus vê o coração das pessoas (1Sm 16.7) e é sensível às razões que levam alguém a uma atitude extrema como a do suicídio.

O mesmo princípio deveria, em determinadas circunstâncias, valer para membros batizados de outras denominações religiosas, membros afastados da comunidade ou em atraso com sua contribuição, mas, como prevê “Nossa fé, nossa vida”, estes casos dependem de “decisão específica a ser tomada pelo presbitério”⁶⁵.

63 Confira acima item 11.

64 IGREJA Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. **Nossa fé, nossa vida**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 40.

65 IGREJA Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. **Nossa fé, nossa vida**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 40.

Questões que estejam em desacordo com combinações de ordem financeira, filiação, desentendimentos podem, sim, ser abordadas, mas em momento posterior, como continuidade do serviço pastoral.

Carecemos ainda de um rito diferenciado para pessoas adultas não batizadas ou não pertencentes à tradição cristã. Lembremos que os cristãos foram os primeiros a sepultar pessoas encontradas mortas, mesmo desconhecendo sua história de fé. Trata-se, sem dúvida, de um gesto de solidariedade.

36. Estrutura litúrgica

A estrutura litúrgica do rito fúnebre segue o mesmo padrão da liturgia do culto cristão, a saber, liturgia de entrada, liturgia da palavra, [liturgia da ceia] e liturgia de despedida, e cada uma dessas partes é constituída por elementos litúrgicos comuns ao culto cristão⁶⁶. Mas, a estrutura litúrgica do ritual fúnebre também se compõe de ritos específicos, como a encomendação e a destinação da urna funerária (sepultamento ou cremação) e de elementos litúrgicos especiais, como o *Nunc dimittis* (cântico de Simeão – Lc 2.29ss) e o *De profundis* (Salmo 130). Abaixo segue uma descrição dos elementos mais específicos do funeral cristão.

37. Alocução ou prédica

A alocução ou prédica é um momento importante no rito fúnebre. Ela afirma a graça de Deus em Jesus Cristo como a única esperança para a pessoa cristã. Precisa ser firme e decisiva, sem deixar margem a questionamentos no que diz respeito à concepção luterana sobre morte e ressurreição. A alocução deve ser breve e dirigida primeiro às pessoas enlutadas, oferecendo-lhes a orientação da palavra de Deus, e depois à comunidade reunida. Lamento, consolo, esperança, solidariedade (temas que vêm dos textos bíblicos) são fundamentais na alocução. A ênfase maior dada a um ou outro aspecto vai depender das particularidades do sepultamento (idade da pessoa falecida, circunstâncias da morte, etc.).

66 Para um estudo dos elementos litúrgicos da estrutura do culto, confira MARTINI, Romeu Ruben (Org.). **Livro de culto**. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 31-44.

38. Procissão

O rito fúnebre cristão é parte da grande peregrinação da vida cristã que inicia no batismo. Nada melhor para expressar este aspecto de peregrinação que marcar o rito fúnebre, desde o velório até o cemitério, com o elemento da procissão. Por isso, em várias partes da liturgia se propõem procissões. Inclusive, o peregrinar da casa para a igreja e depois para o cemitério ajuda a ritualizar este aspecto tão essencial da vida cristã.

39. Encomendação

Trata-se de um elemento litúrgico do ofício fúnebre. Originou-se nos séculos V e VI. Apresenta-se, geralmente, em forma de oração, cujo conteúdo é a entrega da pessoa falecida à misericórdia e à bondade de Deus. Mesmo um corpo sem vida é digno de cuidado e amor. A encomendação expressa, pois, o desejo da comunidade celebrante de que o irmão ou a irmã falecida seja acolhido/a e bem guardado/a nos braços de Deus. Em liturgias fúnebres antigas, podem-se encontrar até cinco orações de encomendação.

40. Consignação

É uma parte do rito de encomendação e ficou conhecida pelas palavras “terra à terra, cinza às cinzas e pó ao pó”. Trata-se de uma parte significativa da fórmula de despedida no rito fúnebre cristão. As palavras “terra à terra, cinza às cinzas e pó ao pó” são uma alusão à fragilidade do ser humano, do inevitável fim da sua existência terrena, do seu sofrimento e luto. Elas lembram a origem e o destino do ser humano: “tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3.19). Remetem, pois, à morte e à consciência da finitude da criatura.

Porém, é muito importante perceber que a consignação não se encerra com as palavras “terra à terra, cinza às cinzas e pó ao pó”, mas é formada ainda de outra parte, a que fala da nossa esperança, da fé na ressurreição. Uma formulação completa da consignação pode ser: *terra à terra, cinza às cinzas e pó ao pó, na segura e consoladora esperança da ressurreição para a vida eterna por meio de nosso Senhor Jesus Cristo*. Percebe-se, portanto, que a fórmula de consignação aponta, de um lado, para a condição da criatura e, de outro, lembra

que a criatura está profundamente ligada ao seu Criador e Redentor, aquele que cria, salva e ressuscita. Viemos do pó e voltaremos ao pó. Isso, no entanto, não constitui toda a história do ser humano nem todo o seu destino. A fórmula de despedida no ritual fúnebre cristão, portanto, não deixa de ser uma confissão de fé da pessoa cristã: somos criaturas, sim, somos mortais, mas cremos no Deus que do pó extrai nova vida. cremos no Deus que ressuscita. Essa é a fé que consola.

41. Mortalha

É o nome dado ao lençol que envolve a pessoa falecida ou ao pano litúrgico que se coloca sobre o ataúde fechado, cobrindo-o completamente.

O uso da mortalha está ligado ao antigo costume dos judeus de envolver a pessoa falecida com um lençol mortuário. A mortalha lembra, em especial, que, conforme nos relatam os evangelhos (João 19.38-42; Mateus 27.57-61; Lucas 23.50-56 e Marcos 15.42-47), Jesus, em seu sepultamento, foi envolvido “num pano limpo de linho”. A mortalha, assim como o círio pascal⁶⁷, tem relação direta com o batismo. Lembra que no batismo fomos revestidos com Cristo, na sua morte e na sua ressurreição. A cor adequada para a mortalha é o branco.

A mortalha é colocada sobre o ataúde fechado. Na verdade, o seu uso nas comunidades da IECLB tem pouco sentido, considerando que, segundo o costume do nosso povo, o ataúde permanece aberto até o momento de ser conduzido ao cemitério ou à urna de cremação. Portanto, a utilização da mortalha em nosso meio caberia somente naquelas situações em que, por motivo justificado, não se recomenda abrir o ataúde. Nestes casos, a mortalha pode ser colocada sobre o ataúde enquanto ele permanece na capela mortuária ou igreja. Entretanto, considerando que se trata de um elemento simbólico desconhecido para a maioria das comunidades da IECLB, recomenda-se, em primeiro lugar, à comunidade que desejar introduzir o seu uso, refletir sobre o seu significado litúrgico-teológico. A utilização de um elemento simbólico só tem sentido quando este possui significado para as pessoas envolvidas.

67 Sobre o significado do “círio”, leia o item 44.

42. Bênção

A bênção, normalmente unida ao gesto de imposição de mãos e ao sinal da cruz, é um elemento litúrgico muito expressivo, utilizado em diversos momentos do culto cristão, e está presente em diferentes ofícios. O gesto é realizado pela pessoa que oficia o ato litúrgico, mas, em seu significado, a bênção é ação de Deus que mostra o seu favor às pessoas, é o abraço de Deus, que concede especial proteção, que comunica salvação, amor, misericórdia e paz⁶⁸. Ela é um sinal muito concreto da presença fortalecedora e consoladora de Deus, adquirindo especial significado para as pessoas enlutadas, assim como para toda a comunidade presente no ato fúnebre.

A IECLB entende que, no ofício fúnebre, a bênção é dada, em especial, à comunidade ali reunida, pois, assim declara ela, “nada podemos fazer para influenciar a sorte das pessoas falecidas junto a Deus. Deus é soberano em seu juízo e em sua graça.”⁶⁹

Ainda que a bênção se dirija essencialmente à comunidade, ela não exclui a pessoa falecida, que continua, mesmo na morte, sob o cuidado de Deus.

43. Cor

Por sua relação com o batismo, a cor litúrgica indicada para os funerais é o branco. O roxo, muito usado hoje em ritos fúnebres no Brasil, pode substituir o branco, por simbolizar a preparação e a esperança. O preto remete à morte e se relaciona à Quinta e Sexta-Feiras da Paixão. A ressurreição, entretanto, é a mensagem principal do funeral cristão, sendo, pois, expressa através da cor branca.

44. Círio pascal

É um símbolo de grande relevância para o funeral cristão, pois marca a despedida da pessoa falecida com a esperança que se ancora na Páscoa. Representa o fogo novo aceso na festa da Páscoa,

68 Cf. SODI, M. verbete Bênção. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Orgs.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 123.

69 O SEPULTAMENTO eclesástico: um posicionamento da IECLB referente a enterro e cremação. **Boletim Informativo 157**, Porto Alegre, 1997. (Anexo 4).

completado com o Pentecostes⁷⁰. O círio, portanto, é um símbolo do batismo, e o seu uso no sepultamento indica que a comunidade cristã acompanha a pessoa batizada que aguarda o grande dia da sua ressurreição. Também aqui vale o que foi destacado acima sobre o uso da mortalha. Em se tratando de um símbolo ainda pouco utilizado nas comunidades da IECLB, o seu uso deve ser precedido de uma reflexão sobre o seu significado teológico-litúrgico. O valor de um símbolo é reforçado na medida em que as pessoas ou a comunidade o incluem em suas vivências.

45. *Nunc dimittis*

É um cântico evangélico, isto é, um cântico de louvor tirado da Escritura e empregado na liturgia. *Nunc dimittis* é uma expressão latina que significa “agora despede” e se refere ao Cântico de Simeão, entoado por ele no templo de Jerusalém. Quando viu o menino Jesus, Simeão tomou-o em seus braços, e cantou: “Agora, Senhor, despede em paz o teu servo, segundo a tua palavra; pois os meus olhos já viram a tua salvação, a qual tu preparaste perante a face de todos os povos; luz para iluminar as nações, e para glória de teu povo Israel” (Lc 2.29ss.). Nos funerais, este cântico é entoado ou recitado na mesma confiança de Simeão, sem medo da morte, mas aceitando-a como caminho para repousar em Deus. O *Nunc dimittis* é usado no ofício funeral, momento no qual a pessoa batizada passa pela última estação de sua vida terrena. É também a oração de todas as noites, entoada na liturgia da *Completa*, oração diária realizada por volta das 22 h. Por sua relevância teológica, o *Nunc dimittis* pode ser usado diversas vezes durante o velório e na liturgia de encomendação.

46. *De profundis*

É uma abreviação da expressão completa: *De profundis clamavi ad te, Domine*, que quer dizer: “Das profundezas a ti clamo, ó Senhor” (Sl 130.1). O Salmo 130 é muito usado no ofício fúnebre, porque retrata a situação de clamor que nasce das profundezas da aflição e da miséria humanas. Palavras nem sempre conseguem ex-

70 Sobre o significado do círio pascal, confira as explicações contidas em: KIRST, Nelson (Org.). **Livro de Batismo**. 2. ed. rev. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 46-48.

primir os sentimentos humanos mais profundos. Às vezes, a dor, o sofrimento e a desolação causados pela morte são expressos mais significativamente pelos gemidos. Daí a importância do uso desse Salmo em rituais fúnebres.

47. Expressões não recomendadas

Para evitar equívocos e confusões com outras compreensões e doutrinas relacionadas à morte e ao pós-morte, não se recomenda o uso das seguintes expressões nos ritos fúnebres cristãos:

1) “Deus chamou desta vida!”

No batismo, Deus chama as pessoas para si. Por isso, ao morrer, somos entregues definitivamente às mãos de Deus. No entanto, a expressão usada no ato fúnebre: “Visto que Deus, o Onipotente, foi servido em Sua providência chamar para Si nosso/a irmão/ã...” pode ser entendida como se o chamado para a morte fosse algo proposital de Deus ou, até mesmo, castigo divino. Na cultura brasileira predominam certo conformismo e uma exagerada submissão frente a uma predestinação de Deus assim entendida: “Era para ser”, “Deus assim o quis”, etc., que, por vezes, não correspondem a uma teologia que compreende Deus como um Deus de Vida. Sugere-se ou deixar claro que Deus chamou a pessoa para si no batismo, ou usar outra forma de expressão para evitar equívocos.

2) “Entregamos o corpo!”

A palavra “corpo” ou “carne”, na tradição judaico-cristã, compreende a pessoa em sua inteireza de ser – corpo-alma-espírito. Usar a palavra “corpo”, isoladamente, pode, no entanto, dar a ideia de separação entre corpo e alma/espírito, uma crença que também é expressiva no contexto brasileiro. E isto não condiz com a fé cristã. O mais indicado é o uso do nome da pessoa, que a identifica em sua totalidade e inclui a sua história de vida. Morrer não significa perder a identidade. Esta permanece para sempre. Aliás, no batismo a pessoa também é chamada pelo nome: “Chamei-te pelo teu nome”, “Tu és meu/minha”.

48. O rito fúnebre para os casos de cremação

A partir do que foi exposto acima sobre a cremação⁷¹, do ponto de vista da IECLB, recomenda-se o seguinte:

a) A estrutura litúrgica da encomendação para a cremação é a mesma que se utiliza para o sepultamento (enterro).

b) O rito fúnebre para a cremação, assim como para o enterro, é feito na igreja ou na capela mortuária ou, então, na própria capela do crematório. A única diferença que se dá no rito, seja cremação ou enterro, é a destinação da urna mortuária. No caso de cremação, em alguns locais, o ataúde permanece na capela do crematório até que todos os membros e familiares retornem aos seus lares; em outros, ele é encaminhado até a entrada da sala de incineração, que, em alguns locais, é separada do público por meio de uma cortina.

c) A consignação (fórmula que contém as palavras “terra à terra, cinza às cinzas, pó ao pó ...”), assim como é proferida nos ritos fúnebres para casos de sepultamentos (enterro), não se omite no rito fúnebre para a cremação. Ela faz parte da “encomendação”. Isto se justifica porque as palavras “terra à terra, cinza às cinzas, pó ao pó” não estão ligadas à forma de destinação da urna mortuária, seja sepultamento ou cremação. Essas palavras aludem à condição humana diante de Deus. Somos criaturas mortais. Viemos do pó e ao pó tornaremos. O pó é o sinal da nossa mortalidade⁷², seja ele referente aos restos mortais misturados à terra ou decorrente do processo de cremação. A cremação não faz nada além de “apressar” o processo de transformação do corpo em pó. Isto não altera a intervenção criadora de Deus. Deus é plenamente capaz de ressuscitar os restos mortais de uma pessoa que foi cremada, assim como os de uma pessoa que não foi cremada. Quanto ao gesto de “jogar terra”, embora o momento mais adequado para fazê-lo seja na destinação da urna com as cinzas⁷³, nada impede que seja realizado no momento da “encomendação”. É bom lembrar que, seja qual for a destinação dada às cinzas, seu lugar final é a terra. Há uma tendência

71 Conforme item 21.

72 Leia acima o item 40.

73 Após a incineração, as cinzas são acondicionadas em uma urna especial, escolhida pela família dentre várias opções. Esta urna pode ser guardada em nichos, no columbário ou sepultada em jazigos (compartimentos do tipo “gavetas”, construídos abaixo do nível do solo), ou mesmo ser levada pela família para determinado destino, conforme a própria vontade de pessoa cremada ou de seus familiares.

de enterrar a urna com as cinzas ou de guardá-la no columbário⁷⁴. Algumas, pessoas, no entanto, escolhem outro destino para elas (jogá-las na água ou espalhá-las no ar).

d) Em seu posicionamento sobre o ato fúnebre, a IECLB recomenda, em caso de cremação, “que a urna com as cinzas não seja guardada em casa, mas enterrada em local apropriado, para evitar que surja veneração de mortos/as ou que se criem amarras psicológicas”⁷⁵.

e) O ato final de destinação das cinzas também pode ser acompanhado por um rito litúrgico (rito das cinzas⁷⁶). No rito das cinzas não há necessidade de nova encomendação. Liturgicamente, ela seria uma duplicação.

49. O rito, parte por parte

Segue um resumo breve de cada parte e uma explicação dos elementos litúrgicos do funeral cristão. Com base nessa descrição e nas propostas rituais oferecidas na Parte II deste livro, a liturgia do funeral cristão pode ser moldada de acordo com as situações e os contextos, considerando-se que cada rito fúnebre é um caso especial.

Culto na igreja/capela mortuária/recinto de velório

LITURGIA DE ENTRADA

Badalar dos sinos Em algumas comunidades, o sino anuncia, através de badalos típicos, o falecimento de um membro. Na igreja, na capela mortuária ou no recinto do velório, o início do rito de encomendação é sinalizado pelo sino.

Prelúdio De acordo com as condições locais, é possível iniciar o evento fúnebre com um prelúdio – peça musical meditativa, apresentada por um grupo

74 É uma espécie de construção, localizada nos cemitérios, com nichos específicos para armazenar as urnas com as cinzas de corpos cremados.

75 O SEPULTAMENTO eclesástico: um posicionamento da IECLB referente a enterro e cremação. **Boletim Informativo 157**, Porto Alegre, 1997. (Anexo 4).

76 Abaixo, na terceira parte deste livro, há duas formas de rito das cinzas.

de músicos, tocada ou cantada pelo coral. O prelúdio ajuda a comunidade a se preparar para o encontro com Deus.

Acolhida

A comunidade é acolhida, informalmente; faz-se referência ao motivo que a congrega ali, mencionando-se o nome da pessoa falecida.

Saudação formal

Indica que o evento fúnebre é iniciado em nome e na presença do trino Deus. Podem-se usar a saudação apostólica ou o voto inicial. Esta saudação pode ser complementada por um voto bíblico ou por um texto breve, de conteúdo correspondente.

Cantos/hinos

Os cantos e hinos intercalam os diversos momentos da liturgia. A escolha de cada canto ou hino leva em conta o que foi realizado no momento anterior da liturgia e faz a ponte para o que virá em seguida.

A comunidade é envolvida nos cantos. De preferência, que a família enlutada participe da escolha dos hinos. Eles podem fazer referência a temas importantes da vida da pessoa falecida ou ter significado especial para os seus familiares. Os cantos podem igualmente se relacionar com o tempo litúrgico em curso. Cantos de lamento e de confiança em Deus são apropriados para celebrações fúnebres. Veja-se, por exemplo, a explicação sobre o canto evangélico *Nunc dimittis* e o salmo *De profundis*⁷⁷. Hinos de Páscoa são os mais indicados para os funerais cristãos.

Oração do dia

Esta oração encerra a primeira parte da liturgia e está ligada ao tema (evento) do culto. Pode expressar lamento e confiança. A comunidade

⁷⁷ Confira acima os itens 45 e 46.

apresenta a Deus o que está sentindo naquele momento específico, confiando que Deus está presente, ilumina e orienta a sua comunidade através da sua Palavra, que será anunciada na leitura bíblica e na pregação, no momento seguinte.

LITURGIA DA PALAVRA

Leitura bíblica

Segue a leitura de um ou mais textos bíblicos. Estes são escolhidos de acordo com a situação específica. Podem seguir as indicações das leituras do dia ou ser textos que expressem a fé e a esperança na ressurreição. Passagens bíblicas que foram significativas para a pessoa falecida igualmente são recomendadas para a leitura bíblica, assim como textos referenciais para a família enlutada. As leituras bíblicas também são os subsídios para a prédica.

Pessoas da comunidade podem fazer a leitura do/s texto/s. Cantos intermediários acompanham ou intercalam as leituras.

Alocução ou prédica⁷⁸

Anuncia a boa notícia do Evangelho para a situação específica de morte e luto. A biografia da pessoa falecida pode servir de recurso homilético, sem, contudo, ser o centro da pregação. A prédica leva em conta a situação da família enlutada e da comunidade, dando voz ao seu luto e apontando perspectivas em termos de consolo e de esperança.

Confissão de fé

Em resposta à Palavra e ao consolo anunciados, segue a confissão de fé da comunidade. A confissão de fé também pode ser proferida no cemitério, antes da despedida final.

⁷⁸ Leia acima o item 37.

Oração geral

Esta oração inclui gratidão e intercessão. Através dela, a comunidade reafirma a fé e a confiança no Deus da graça que enviou o seu Filho para dar vida e salvação ao seu povo; por isso, agradece pelo tempo de vida que foi concedido à pessoa falecida, pela convivência que ela proporcionou aos seus semelhantes, e intercede em favor das pessoas enlutadas; pede o consolo de Deus, o fortalecimento da fé e a renovação da esperança na ressurreição.

Esta oração também pode ser intercalada por refrões, cantados pela comunidade.

Pai-Nosso

Oficiante e comunidade oram, em conjunto, o Pai-Nosso. O momento dessa oração é oportuno para a comunidade demonstrar sua comunhão através do gesto das mãos dadas.

LITURGIA DE ENCOMENDAÇÃO

Dados da pessoa falecida

Antes da oração de encomendação, abre-se um espaço para recordar dados da pessoa falecida. Os dados podem ser lidos pela pessoa oficiante. Pessoas mais próximas podem evocar lembranças, em palavras pessoais, e também podem apresentar símbolos que expressem amizade e amor, depositando-os no ataúde.

Encomendação com bênção de despedida

Como foi explicado no item 39, este é um elemento litúrgico próprio do ofício fúnebre. Em forma de oração, a pessoa falecida é lembrada diante de Deus e entregue à sua graça e misericórdia. Com a encomendação, a comunidade expressa, por meio da oração, o desejo de que a pessoa falecida esteja bem guardada em Deus

e encontre nele o repouso verdadeiro. A encomendação é concluída mediante uma bênção de despedida à comunidade, incluindo a pessoa falecida⁷⁹. Dá-se o adeus à pessoa falecida, sendo ela confiada a Deus.

Convite para a despedida

Convidam-se os familiares, e as pessoas que o desejarem, a se despedir da pessoa falecida. Após isso, o ataúde é fechado e encaminhado para o sepultamento ou guardamento provisório da urna funerária para a cremação. O ato pode ter acompanhamento musical.

Procissão ao local de sepultamento ou de guardamento provisório da urna para a cremação

Em procissão, a comunidade sai do recinto do velório e se dirige para o cemitério, até o túmulo ou o local de guarda provisória da urna para a cremação.

No cemitério ou no local de guardamento provisório da urna para a cremação

Palavras iniciais

A pessoa oficiante profere uma frase breve que evoca a presença de Deus ali naquela situação. Pode ser um versículo bíblico ou um Salmo.

Oração

Esta oração também tem o sentido de encomendar a pessoa falecida a Deus, na esperança da ressurreição.

Leitura bíblica

Lê-se um texto bíblico pertinente ao momento específico. (Uma frase introdutória pode estabelecer a relação entre a situação e o texto).

⁷⁹ Confira acima o item 42.

Cantos	A comunidade canta hinos de confiança, enquanto o ataúde é baixado à sepultura (no caso de cremação, o ataúde ainda permanece no local até o “hino final”).
Oração de encomendação e consignação	Esta oração tem a função de entregar a pessoa falecida à graça de Deus e é seguida das palavras de consignação: “Terra à terra, cinza às cinzas, pó ao pó ...” ou outra de conteúdo semelhante. Enquanto diz as palavras de consignação, a pessoa oficiante lança pequenas porções de terra, com a mão ou uma pá, na sepultura (no caso de cremação, as palavras são igualmente pronunciadas ⁸⁰ , e nada impede que se realize o gesto de “jogar terra” sobre o ataúde).
Pai-Nosso	Comunidade e pessoa oficiante oram em conjunto. As pessoas podem se dar as mãos durante a oração.
Hino	Terminado o Pai-Nosso, a pessoa oficiante faz uma “costura” breve, proferindo palavras de confiança, gratidão e fé na ressurreição, introduzindo o hino final. Enquanto a comunidade canta, a sepultura é fechada (ou, no caso de cremação, a urna funerária é introduzida no local de guardamento provisório). Se se preferir, este momento também pode ser acompanhado em silêncio.

LITURGIA DE DESPEDIDA

Bênção e envio	A pessoa oficiante impõe as mãos sobre a comunidade e profere a bênção, seguida do envio.
----------------	---

80 Confira acima o item 48, letra “c”.

Parte II

Liturgias

A liturgia do funeral cristão – primeira forma

Duas estações⁸¹

Esta liturgia está formulada como rito que ocorre em duas partes: a primeira, quando o ataúde está aberto (na casa, na igreja ou na capela mortuária); e a segunda parte, quando o ataúde está fechado (no cemitério ou no crematório).

A cor litúrgica do rito de sepultamento é o branco, pois é na morte que se anuncia efusivamente a ressurreição. O círio pascal⁸², que representa o Cristo ressurreto, está aceso quando a celebração inicia. Ele é colocado ao lado do ataúde. A vela batismal da pessoa falecida também é acesa e colocada ao lado do círio. O círio pascal nos lembra que a morte foi vencida e nos remete ao batismo. (Nas situações em que o ataúde, por motivo justificado, não pode ser aberto e se a comunidade local opta pelo uso de uma mortalha⁸³, o ataúde é, então, coberto com ela.)

Primeira parte: na casa, igreja ou capela mortuária

LITURGIA DE ENTRADA

Sino

Prelúdio

Acolhida

Saudação

L O Senhor esteja com vocês.

C E também com você.

L Bendito seja Deus e Pai do Nosso Senhor Jesus Cristo, fonte de toda a misericórdia, que nos consola em todas as nossas tribulações.

81 Esta liturgia tem como base o livro: ELCA. **Libro de liturgia y cántico**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 1998. p. 124-130.

82 Confira acima o item 44.

83 Veja a explicação sobre o significado e uso da mortalha acima no item 41.

C Demos graças a Deus.

L Quando fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em sua morte. Pelo batismo, portanto, fomos sepultados com Cristo na morte, para que, como ele foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Porque se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição (cf. Rm 6. 3-5).

C Amém.

Oração do dia

L Oremos: Deus gracioso e compassivo, estamos diante de ti para colocar em tuas mãos nosso/a irmão/a falecido/a N. N. e dividir o nosso sofrimento contigo. Damos-te graças por termos conhecido, amado e convivido com N. N. e pelo tempo de sua vida entre nós. Tu, que és Deus de misericórdia, ampara as pessoas aflitas, consola as que chegam diante de ti com o coração entristecido e inquieto e nos ajuda a ver a morte como uma passagem para a vida eterna. Dá que possamos seguir confiantemente nossa jornada por este mundo até o dia em que nos reuniremos com as pessoas que nos precederam. Por teu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor.

C Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

Primeira leitura

Lê-se uma ou mais das seguintes leituras, ou outras apropriadas.

L Isaías 25.6-9; João 19.23-27a; Apocalipse 21.2-6a; Romanos 8.31-35,36-39.

Canto intermediário

C (*canta*) Senhor, que a tua palavra transforme a nossa vida, queremos caminhar com retidão na tua luz.⁸⁴

84 A partitura deste canto se encontra no Anexo 2 deste livro, na página 133.

Leitura do Evangelho

L Mateus 11.25-30 ou João 14.1-6 (ou outro texto apropriado)

Alocução

Hino

C Tão longe se pode seguir (HPD, 461, ou outro canto apropriado)

Confissão de fé

L Deus nos tornou seu povo através do nosso batismo em Cristo. Nessa confiança, confessemos a fé nesse Deus com as palavras do Credo Apostólico.

C Creio em Deus Pai, Todo-poderoso, criador do céu e da terra ...

Oração de intercessão

L Oremos. Deus de toda bondade, enviaste teu Filho, nosso Salvador Jesus Cristo, para nos dar a vida eterna. Damos-te graças porque, com sua morte, Jesus destruiu o poder da morte. Com sua ressurreição, ele abriu o reino dos céus a todas as pessoas. Dá-nos a certeza de que, porque ele vive, nós também vivemos e nem morte, nem vida, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem dor, nem pranto, nem coisa alguma poderá nos separar do teu amor que está em Cristo Jesus. Guarda em teus braços a família de N. N. e envia esta comunidade a ser a tua mão estendida a estas pessoas amadas por ti e que hoje se despedem de seu/sua (pai, avô, mãe, filha, ...). Por teu Filho, nosso Senhor.

C Amém.

C Pai nosso que estás nos céus ...

LITURGIA DE ENCOMENDAÇÃO

Leitura dos dados da pessoa falecida

Encomendação

O/a oficiante se posiciona junto ao ataúde.

L Misericordioso Deus! Na segura e consoladora esperança da ressurreição para a vida eterna, por meio de nosso Senhor

Jesus Cristo, encomendamos a ti nosso/a irmão/ã N. N. Recebe-o/a em teus braços e guarda-o/a junto de ti até o dia do encontro de todos nós em teu Reino.

Voltando-se para a pessoa falecida, o/a oficiante impõe as mãos sobre sua cabeça e diz:

L O Senhor guardará a tua saída e tua entrada, desde agora e para sempre. O Senhor te abençoe e te guarde. O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti. O Senhor levante sobre ti o seu rosto e te conceda a paz (+).

C Amém.

L (voltando-se para a comunidade) Que a paz de Deus esteja com vocês.

Convite para a despedida

L (Convida as pessoas que o desejarem a se despedir da pessoa falecida. Após a despedida, o ataúde é fechado.)

Procissão até o cemitério ou o crematório

Em procissão, a comunidade sai da igreja ou da casa mortuária e se dirige para o cemitério ou crematório. O/a oficiante se coloca à frente do féretro. Durante a procissão, a comunidade canta salmos e hinos, incluindo o *Nunc dimittis* (Lc 2.29-31).

Segunda parte: no cemitério ou no crematório

Encomendação

No local do sepultamento (ou na capela do crematório), lê-se um dos textos:

L Na minha angústia, invoquei o Senhor, gritei por socorro ao meu Deus. Ele do seu templo ouviu a minha voz, e o meu clamor lhe penetrou os ouvidos (Sl 18.6).

Ou

Jesus Cristo diz: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim, não morrerá eternamente. Crês isto? (Jo 11.25-26).

Oração

Quando todos chegarem ao lugar, faz-se a seguinte oração:

L Oremos:

Todo-poderoso Deus, pela morte e sepultamento de Jesus, tu visitaste o mundo dos mortos e santificaste a sepultura dos teus filhos e filhas. Pela ressurreição de Jesus, teu ungido, tu venceste o poder da morte e dela resgataste o teu Filho, levando-o para junto de ti. Por isso, nós te pedimos: toma em teus braços o/a nosso/a irmão/ã e o/a mantém bem guardado/a contigo. No último dia, ressuscita-o/a para compartilhar com todo o teu povo a paz e a vida eterna alcançadas por Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, agora e sempre.

C Amém.

Leitura bíblica

L João 12.23-26; ou 1Coríntios 15.51-57; ou Filipenses 3.20-21⁸⁵

Hino

C O que habita no abrigo de Deus (HPD 389, ou outro canto apropriado).

Durante o canto, o ataúde é baixado à sepultura.

(Nos casos de cremação, segue-se com a oração de encomendação.)

Oração de encomendação

L Oremos:

Em tuas mãos, ó misericordioso Salvador, entregamos o/a teu/ tua servo/a N. N. Humildemente te pedimos: recebe este/a teu/ tua filho/a que tu chamaste no batismo. Acolhe-o/a em tuas mãos misericordiosas e dá-lhe o descanso da tua paz.

C Amém.

⁸⁵ Outras sugestões: Jó 19.1,23-27a; Is 25.6a,7-9; 46.3a-4; Lm 3.17-26; Sab 3.1-6,9; At 10.34-36,42; Rm 5.1-11; 6.3-4,8-9; 8.14-23; 8.31,32,34c-39; 14.7-12; 1Co 15.12-20; 15.21-26; 15.35-44; 15. 51-57; 2Co 4.14-18; 5.1-8; Cl 1.12-18; 1Jo 3.14-16; Ap 7. 9-17; Mt 5.1-12a; 11.25-30; 18.1-4,10; Mc 10.13-16; Lc 7.11-16; 12.35-40; 23.33,39-43; Jo 6.37-40; 6.51-59; 14.1-6.

Consignação

(Nos casos de cremação, esta parte é igualmente proferida. O gesto de jogar terra, enquanto se profere a fórmula, também pode ser realizado. Veja a explicação na primeira parte deste livro, no item 48, letra “c”. Leia também o item 40.)

O/a oficiante joga terra sobre o ataúde, enquanto diz:

L Terra à terra, cinza às cinzas, pó ao pó. Na segura e certa esperança da ressurreição para a vida eterna, mediante nosso Senhor Jesus Cristo.

e/ou:

L Da terra foste formado/a e à terra tornarás. Jesus Cristo, nosso Salvador, te ressuscitará no último dia.

C Amém.

Pai-Nosso

L Lembra-te de nós no teu Reino, Senhor, e ouve-nos quando oramos.

C Pai nosso que estás no céu ...

Neste momento, nos casos de sepultamento, a sepultura pode ser fechada.

(Em casos de cremação, a urna funerária é encaminhada à sala de incineração, a qual, em alguns locais, é separada do público por meio de uma cortina. Também é possível, de acordo com o costume de cada local, que a urna permaneça na capela de cremação até a saída de todos. A liturgia segue com o hino e a despedida.)

Hino

Enquanto a sepultura é fechada ou a urna é encaminhada à sala de incineração, a comunidade canta hinos de confiança e de esperança ou ouve uma peça cantada por um grupo vocal ou tocada por um grupo de instrumentistas. Se preferir, medita silenciosamente.

LITURGIA DE DESPEDIDA

Oração

L Senhor Jesus, tu tiraste da morte o seu poder. Segue agora conosco e cuida de nós. Dá que permaneçamos fiéis a ti e nos consolemos mutuamente. E que no fim da nossa vida terrena possamos dormir tranquilamente em ti e despertar no teu Reino. E toda a honra, e toda a glória sejam dadas a ti, autor e doador da vida.

C Amém.

Bênção

L (*impondo as mãos sobre a comunidade*) Que a bênção do Deus Todo-poderoso, Pai (+), Filho e Espírito Santo, desça sobre vocês e permaneça com vocês hoje e sempre.

C Amém.

Envio

L Vão em paz.

C Demos graças a Deus.

A liturgia do funeral cristão – segunda forma

Três estações⁸⁶

Esta liturgia está formulada como rito que ocorre em três partes ou três estações: a primeira, na capela mortuária ou na casa, a segunda, na igreja, e a terceira, no cemitério ou no crematório.

A cor litúrgica do rito de sepultamento é o branco, pois é na morte que se anuncia efusivamente a ressurreição. O círio pascal⁸⁷, que representa o Cristo Ressurreto, é aceso quando a celebração inicia. Ele é colocado ao lado do ataúde. A vela batismal da pessoa falecida também é acesa e colocada ao lado do círio. O círio pascal nos lembra que a morte foi vencida e nos remete ao batismo.

(Nas situações em que o ataúde, por motivo justificado, não pode ser aberto e se a comunidade local opta pelo uso de uma mortalha⁸⁸, o ataúde é, então, coberto com ela.)

Primeira parte: na casa

Esta parte da liturgia na casa é opcional, sendo realizada de acordo com os costumes de cada lugar.

LITURGIA DE ENTRADA

Oração silenciosa

Acolhida

Saudação

L Que a paz de Deus seja com esta casa e com as pessoas que aqui se encontram.

C Amém.

L Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações. Ainda que andemos pelo vale da sombra da

86 Essa liturgia é uma adaptação da liturgia de sepultamento de: CELEBRAÇÕES DO POVO DE DEUS: prontuário litúrgico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (edição provisória). São Leopoldo: Sinodal, 1991. p. 68-76.

87 Confira acima o item 44.

88 Veja explicação sobre o significado e o uso da mortalha acima no item 41.

morte, não temeremos mal nenhum, porque Deus está conosco: sua vara e seu cajado nos consolam (Sl 46 e 23).

Oração de coleta

L Oremos:

Eterno Deus, que nos amas e tens misericórdia de nós, pedimos-te: em nossa fraqueza, dá-nos a tua mão e ampara-nos. Ajuda esta família a se despedir de seu/sua querido/a N. N. Ao acompanharmos a saída de N. N. desta casa, dá que nossos pensamentos sejam conduzidos por ti, que nossos corações sejam preenchidos por teu amor e que, apesar do nosso temor, nossa fé em ti seja fortalecida. Guia-nos pelo poder do teu Espírito Santo. Por Jesus Cristo, nosso consolador.

C Amém.

Ou:

L Santo e amado Deus, em meio às sombras do presente já brilha a tua eterna luz. Fortalece-nos em nossa fraqueza, abraça o nosso medo e sustenta-nos na fé em ti. Dá-nos, ó Deus, força para nos despedir de N. N. e que possamos entregá-la/o a ti na certeza de que ela/ele será recebida/o em tuas mãos misericórdias. Nós te pedimos: preenche esta casa com o teu Santo Espírito nos dias que virão, para que as pessoas que aqui permanecem encontrem consolo e abrigo em ti. Por Jesus Cristo, teu Filho amado.

C Amém.

Palavras bíblicas

L Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa: dele vem a minha salvação. Só ele é a minha rocha e a minha salvação, o meu alto refúgio: não serei muito abalado. Confiai nele, ó povo, em todo o tempo; derramai perante ele o vosso coração: Deus é o nosso refúgio (Sl 62.1-2,8).

Ou:

L Dá-me a conhecer, Senhor, o meu fim, e qual a soma dos meus dias, para que eu reconheça a minha fragilidade. Deste aos

meus dias o cumprimento de alguns palmos: à tua presença o prazo da minha vida é nada. Na verdade, todo homem [ser humano], por mais firme que esteja, é pura vaidade. Com efeito, passa o homem [ser humano] como uma sombra; em vão se inquieta: amontoa tesouros e não sabe quem os levará. E eu, Senhor, que espero? Tu és minha esperança. Ouve, Senhor, a minha oração, escuta-me quando grito por socorro; não te emudeças à vista de minhas lágrimas, porque sou forasteiro à tua presença, peregrino como todos os meus pais o foram (Sl 39.4-7,12).

Ou:

L Jesus Cristo diz: Não se turbe o vosso coração; crede em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também. E vós sabeis o caminho para onde eu vou. Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho? Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim (Jo 14.1-6).

Bênção

Para a comunidade:

L Seja Deus gracioso para conosco, e nos abençoe, e faça resplandecer sobre nós o seu rosto para que se conheça na terra o seu caminho; em todas as nações, a sua salvação (Sl 67.1-2).

Voltando-se para a pessoa falecida, o/a oficiante impõe as mãos sobre ela ou sobre o ataúde – quando fechado – e diz:

L O Senhor guarde a tua saída e a tua entrada desde agora e para sempre (+) (Sl 121.8).

C Amém.

Convite para despedida

O/a oficiante convida os familiares e amigos/as a se despedirem da pessoa falecida. Quanto ao fechamento do ataúde, observe-se a tradição local.

Segunda parte: na igreja ou capela mortuária

Quando a celebração ocorre somente no cemitério ou no crematório, esta parte é desenvolvida até a leitura dos dados da pessoa falecida. Em seguida, prossegue-se com os ritos da terceira parte, a partir da encomendação.

Tributos de sociedades ou fraternidades cabem preferencialmente no cemitério, em lugar a ser estabelecido pelo/a oficiante.

Enquanto o ataúde é conduzido à frente, a comunidade canta um hino.

Hino processional

Quando toda a comitiva está em seu lugar:

Saudação bíblica

L Graça a vocês e paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda a consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação para podermos consolar aos que estiverem em qualquer angústia com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus (2 Co 1.2-4).

C Amém.

L Como comunidade cristã, reunimo-nos em nome do trino Deus para participarmos da consolação dos nossos irmãos e irmãs que agora se despedem de seu/sua familiar e a/o entregam às mãos misericordiosas de Deus. Confiantes de que nada nos separa do amor de Deus, nem mesmo a morte, oramos:

De profundis (Sl 130)

L Das profundezas clamo a ti, Senhor! Escuta, Senhor, a minha voz; estejam alerta os teus ouvidos às minhas súplicas. Se observares iniquidades, quem, Senhor, subsistirá? Contigo, porém, está o perdão para que sejas temido.

C *Misericórdia, Senhor, misericórdia, misericórdia, misericórdia*⁸⁹.

89 A partitura deste canto se encontra no Anexo 2 deste livro, na página 142.

L Aguardo o Senhor, a minha alma o aguarda; eu espero na sua Palavra. A minha alma anseia pelo Senhor, mais do que os guardas pelo romper da manhã. Mais do que os guardas pelo romper da manhã, assim espere Israel (o povo) no Senhor, pois no Senhor há misericórdia e redenção. É ele quem redime a Israel (o povo) de todas as suas iniquidades.

C *Misericórdia, Senhor, misericórdia, misericórdia, misericórdia.*

L Senhor Deus, que nos conclamaste a não sermos como os sem esperança: concede-nos adormecer em paz, mediante o teu perdão, para sermos acordados na felicidade da ressurreição. Mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.

Gloria Patri

L Glória seja ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,

C como no princípio, agora e sempre, e de eternidade a eternidade. Amém.

Ou:

Réquiem (Sl 84. 2,4)

L Dá-lhe, Senhor, o descanso eterno;

C Brilhe para ele/ela a tua eterna luz.

L Quão acolhedoras são as tuas moradas, Senhor Deus.

C A minha alma suspira pelos teus átrios, Senhor.

L Felizes os que habitam em tua casa,

C e te louvam perpetuamente.

L Senhor, acolhe-nos!

C Senhor, fortalece nossa fé!

L Não nos desampares, Senhor!

Gloria Patri

L Glória seja ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,

C como no princípio, agora e sempre, e de eternidade a eternidade. Amém.

Oração

L Oremos:

Senhor Deus, eterno Pai, com a morte tu dispersas toda soberba que há em nós: concede-nos reconhecer em Jesus Cristo o caminho e a verdade que nos levam à tua morada. Dá-nos a tua Palavra e ensina-nos a contar os nossos dias. A ti seja dada a glória, pelos séculos dos séculos.

C Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

Hino

Leituras bíblicas

Sugestões: Jó 19.1,23-27a; Is 25.6a,7-9; 46.3a-4; Lm 3.17-26; Sab 3.1-6,9; At 10.34-36,42; Rm 5.1-11; 6.3-4,8-9; 8.14-23; 8.31,32,34c-39; 14.7-12; 1Co 15.12-20; 15.21-26; 15.35-44; 15.51-57; 2Co 4.14-18; 5. 1-8; Fp 3.20-21; Cl 1.12-18; 1Jo 3.14-16; Ap 7.9-17; Mt 5.1-12a; 11.25-30; 18.1-4,10; Mc 10.13-16; Lc 7.11-16; 12.35-40; 23.33,39-43; Jo 6.37-40; 6.51-59; 12.23-26; 14.1-6.

Alocução

Cântico de Simeão ou Nunc dimittis (Lc 2. 29-32)⁹⁰

*Antífona: Salva-nos, Senhor, quando velamos,
e guarda-nos quando dormimos,
para estarmos vigilantes com Cristo
e descansarmos em paz. Aleluia.*

Agora, Senhor, segundo a tua palavra,
deixarás ir em paz o teu servo,

porque meus olhos viram a salvação
que ofereceste a todos os povos,

⁹⁰ A partitura deste canto se encontra no Anexo 2 deste livro, na página 139.

luz para se revelar às nações
e glória de Israel, teu povo.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
como era no princípio, agora e sempre. Amém. *Antífona*

Oração de intercessão

L Oremos:

(Geral)

Ó Deus eterno, misericordioso e incorruptível, tu que és Senhor da vida e da morte, que tens poder sobre as coisas visíveis e invisíveis, que te afastas e te aproximas para revelar-nos o teu amor! À tua misericórdia confiamos N. N., teu/tua servo/a, nosso/a irmão/ã, e te agradecemos por todo o teu amor que, desde o batismo, lhe deste, sustentando-a/o em seu crescimento na fé. Rogamos-te por ele/ela e pelas pessoas que sofrem com a sua morte. Conforta-as em sua tristeza e preenche-as com o poder do teu Santo Espírito, nosso consolador. Fortalece-nos na fé em ti e na esperança de nova vida no teu Reino para que possamos andar no vale da sombra da morte sem nada temer, servindo-te e louvando-te mediante Jesus Cristo, teu Filho ressurreto, nosso Senhor.

C Amém.

(Crianças, jovens)

Inclina, Senhor, os teus ouvidos e responde-nos! Estamos aflitos, Deus de misericórdia, pois não compreendemos e não conseguimos aceitar que nossas crianças (**nossos jovens**) percam suas vidas prematuramente e deixem de viver o futuro por elas (eles) sonhado e a elas/eles prometido. Lembra-te, ó Deus, de quando o teu Filho Jesus chorou a morte do seu amigo Lázaro? Tu conheces a nossa dor, sabes o que se passa no íntimo do nosso coração. Por isso, pedimos-te: tem misericórdia de nós, Senhor! Ouve-nos, quando clamamos. Mesmo no sofrimento, Senhor, nós te agradecemos por tudo que fizeste por nosso/a querido/a N. N. Agradecemos-te pelo dom do batismo que a ela/e concedeste e por toda a alegria (e amizade) que ele/ela nos proporcionou no tempo de nossa

convivência. Deus de nosso consolo, assiste com o teu Espírito Santo o pai, a mãe, (avôs e avós, irmãos, irmãs, tios, tias ...) amigos e amigas agora e nos dias que virão para que possam suportar a ausência do nosso/a querido/a N. N. Sê tu a mão que ampara, a rocha que sustenta, em tempos de tempestade.

Deus de amor, não ocultes o teu rosto de nós nos dias de angústia; inclina os teus ouvidos quando te chamamos e apressa-te em nos acudir.

Em nome de Jesus, teu Filho amado, nosso Senhor.

C Amém.

(Suicidas)

Todo-poderoso Deus, infinito em amor, tu que estás perto das pessoas que te invocam. Rendemos-te graças porque podemos chegar diante de ti com toda a nossa carga. Graças por tua palavra, que nos dá consolo e orientação. Diante dessa morte inesperada (ou desesperada) ficamos em silêncio, pois não temos respostas para ela; não a compreendemos. Mas tu, Senhor, conheces todas as pessoas, vês o seu coração e sabes o que cada uma sente. Tu és sensível ao motivo que levou N. N. a cometer este ato extremo. Por tua infinita misericórdia, recebe N. N. em tua casa de misericórdia. Confiamo-lo/a a ti.

Pedimos-te, ó Deus de nossa salvação, chegue à tua presença a nossa oração, e inclina os teus ouvidos ao nosso clamor. Tu sabes que a dor dessa morte é especialmente grande para a família de N. N., para seus amigos e suas amigas. Ampara cada coração entristecido. Em suas dúvidas, dá-lhes a certeza do teu amor, em sua fraqueza, dá-lhes a tua força, em sua culpa, dá-lhes o teu perdão, em seu medo, preenche-os com o teu Espírito Santo. E, sobretudo, renova em nós a confiança no teu amor gracioso que supera todo o nosso entendimento e todos os nossos limites. Por Jesus Cristo, nosso Redentor.

C Amém.

Pai-Nosso

C Pai nosso, que estás no céu ...

LITURGIA DE ENCOMENDAÇÃO

Leitura dos dados da pessoa falecida

Encomendação

O/a oficiante se posiciona junto ao ataúde.

L Misericordioso Deus! Na segura e consoladora esperança da ressurreição para a vida eterna, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, encomendamos a ti nosso/a irmão/ã N. N. Recebe-o/a em teus braços e guarda-o/a junto de ti até o dia do encontro de todos nós em teu Reino.

Estendendo as mãos sobre a comunidade, incluindo o ataúde, o/a oficiante diz:

L (olhando na direção do ataúde) O Senhor guardará a tua saída e tua entrada, desde agora e para sempre.

L (voltando-se para a comunidade) E o Deus da graça que, em Cristo, nos chamou à eterna glória, ele mesmo nos há de aperfeiçoar, fortificar e fundamentar. A ele seja o domínio pelos séculos dos séculos (cf. 1Pe 5.10s.).

C Amém.

Envio

L Vamos, pois, em paz, e acompanhemos nosso/nossa irmã/irmão ao derradeiro descanso.

Procissão até o cemitério ou o crematório

Em procissão, a comunidade sai da igreja ou da casa mortuária e se dirige para o cemitério ou o crematório. O/a oficiante se coloca à frente do féretro. Durante a procissão, a comunidade canta salmos e hinos, incluindo o *Nunc dimittis* (Lc 2.29-31).

Terceira parte: no cemitério ou no crematório

No cortejo, o/a oficiante se coloca entre o cruciferário – a pessoa que leva a cruz – e o ataúde, ou entre o ataúde e os enlutados, podendo recitar, a seu critério, as seguintes antífonas processionais:

L O/a irmão/ã vamos sepultar, sem jamais duvidar que impercível surgirá no dia em que Deus nos julgar. Dia e noite, sem cessar, nos rodeia a morte. Quem havemos de buscar, que nos-sa alma conforte? Só tu, Senhor, nos salvas. Rogamos-te de cora-ção: livra-nos da perdição. Santo Deus e Senhor, onipotente Deus, salvador misericordioso, eterno Senhor: dá que, em nos-sa morte, não nos vençam medo e dor. Senhor, tem piedade!

(Além de recitar o texto acima, neste momento, também podem-se cantar estrofes curtas de hinos do tipo *Kyrie eleison* ou cânticos de oração. Veja sugestões nas partituras do Anexo 2.)

No cemitério, enquanto o ataúde é baixado à sepultura, a comunidade canta hinos de sua escolha.

(No crematório, o ataúde é colocado em lugar adequado, permanecendo fechado.)

Hino

Saudação bíblica

L Ao bendito e único soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que possui a imortalidade, que habita em luz inacessível, que ser humano algum jamais viu nem pode ver: a ele, honra e poder eterno! (1Tm 6.15b-16).

C Amém.

A/o celebrante escolhe um ou mais dos seguintes versículos:

L Os dias do ser humano são como a relva; como a flor do campo, assim ele floresce; porém, soprando o vento, também desaparece, e seu lugar não mais se lembra de sua existência. Mas a misericórdia do Senhor é de eternidade a eternidade (Sl 103.15-17a).

Ou:

L O ser humano, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de inquietação. Nasce como flor, e murcha; foge como a sombra, e então desaparece (Jó 14.1).

Ou:

L Jesus Cristo diz: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá (Jo 11.25).

Ou:

L Deus não é Deus de mortos, e, sim, de vivos; porque para Ele todos vivem (Lc 20.38).

Ou:

L Jesus Cristo diz: Não se turbe o vosso coração. No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo (Jo 14.1; 16.33).

(Crianças) O Senhor apascentará seu rebanho como pastor, recolherá os cordeirinhos entre os seus braços, e os levará no seu peito (Is 40.11).

Oração

L Oremos:

Deus da criação, que criaste N., Deus da redenção, que o/a redimiste, Deus do Espírito Santo, que o/a consagraste pelo batismo para ser instrumento do teu Reino. Nós o/a entregamos a ti enquanto aguardamos o dia da ressurreição, quando o Senhor Jesus transformará nosso ser imperfeito em ser incorruptível.

C Amém.

Leitura bíblica

L Ouçam o consolo das sagradas Escrituras.

Segue uma das leituras abaixo:

L Irmãos, eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista de

incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo (1Co 15.51s.).

Ou:

L Nenhum de nós vive só para si mesmo nem morre só para si mesmo. Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. Quer, pois, vivamos ou morramos, somos do Senhor. Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e ressuscitou, para ser Senhor, tanto de mortos como de vivos. Tu, porém, por que julgas o teu irmão? E tu, por que desprezas o teu? Pois todos compareceremos perante o tribunal de Deus. Como está escrito: Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim se dobrará todo o joelho, e toda língua dará louvores a Deus. Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus (Rm 14.7ss.).

Ou:

L O Senhor é o meu pastor: nada me faltará. Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso; refrigera-me a alma. Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome. Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam. Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários, unges-me a cabeça com óleo; o meu cálice transborda. Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor para todo o sempre (Sl 23).

Encomendação

L Oremos:

Em tuas mãos, ó misericordioso Deus, entregamos N. N. Humildemente te pedimos:, recebe este/a teu/tua filho/a que tu chamaste no batismo. Acolhe-o/a em tuas mãos misericordiosas e dá-lhe o descanso da tua paz.

C Amém.

Consignação

(Nos casos de cremação, esta parte da consignação não é omitida. O gesto de jogar terra, enquanto se profere a fórmula, também pode ser realizado. Veja a explicação na primeira parte deste livro, no item 48, letra “c”. Leia também o item 40.)

L Entregamos N. (nome) ao abrigo de Deus (ou: ao repouso em Deus).

Terra à terra (joga terra pela 1ª vez),

cinza às cinzas (joga terra pela 2ª vez),

pó ao pó (joga terra pela 3ª vez),

na consoladora esperança da ressurreição dos mortos, mediante Jesus Cristo (+), nosso Senhor.

C Amém.

Dependendo do costume do lugar, neste momento o/a celebrante convida as pessoas a jogar terra e flores sobre o ataúde.

Enquanto a sepultura é fechada (ou, em caso de cremação, a urna funerária é encaminhada para a sala de incineração), cantam-se hinos de ressurreição e esperança.

Confissão de fé

L Em Romanos 8.38-39, o apóstolo Paulo expressa que nada neste mundo pode nos separar do amor de Deus, nem mesmo a morte. Reafirmemos a fé nesse Deus, mediante o Credo Apostólico.

C Creio em Deus Pai, Todo-poderoso ...

Oração

L Senhor Deus, guarda-nos e conserva-nos na fé pelo teu Espírito Santo, a fim de vivermos no teu temor e morrermos na tua graça. Isto te pedimos por Jesus Cristo, nosso Senhor.

C Amém.

LITURGIA DE DESPEDIDA

Bênção

L E o Deus da paz, que trouxe dentre os mortos a Jesus nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém (Hb 13.20s.).

Envio

L Jesus Cristo diz:

Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize (Jo 14.27).

Ide em paz!

C Amém.

Parte III

Ritos diversos

Rito das cinzas⁹¹

Primeira forma

Após a encomendação realizada na igreja ou capela mortuária e a incineração no crematório, as cinzas são colocadas num túmulo ou em outro lugar (jardim memorial, columbário⁹², natureza) designado pelos familiares responsáveis. Ao se dirigir ao local, pode-se cantar um hino processional.

Hino processional

Junto ao local do depósito das cinzas. (Dependendo das circunstâncias, este hino pode ser dispensado.)

Acolhida/Saudação

L Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdia e Deus de toda a consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia (2Co 1.3s.).

C Amém.

L Estamos aqui reunidos em nome do Senhor, o ressurreto, para depositarmos as cinzas do nosso/a irmão/ã N. neste lugar (ou: ... para destinarmos as cinzas do nosso/a irmão/ã N. ao local escolhido ...) e recebermos a consolação de Deus.

Leitura bíblica:

Sugestões de textos: 1Co 15.50-58; Ap 21.1-7; Ez 37.1-14 ou outros adequados.

Após a leitura, o/a oficiante dirá:

L Confiamos o/a nosso/a irmão/ã N.
à infinita misericórdia e proteção de Deus.

91 Adaptado do Rito das cinzas da Igreja Lusitana dos EUA. Fonte: <http://64.233.169.104/search?q=cache:pt6KGsB1lh8J:justus.anglican.org/resources/bcp/Portugal/burial.htm+p%C3%B3+ao+p%C3%B3+liturgia&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=4>

92 Sala localizada em cemitério e crematório, com nichos específicos para armazenar as urnas com as cinzas de corpos cremados.

Depositamos (ou: **espalhamos**) as suas cinzas neste lugar,
na segura esperança da ressurreição para a vida eterna.
Mediante nosso Senhor Jesus Cristo,
que morreu, foi sepultado e ressuscitou por nós.
A Ele seja dada glória para sempre.

C Amém (ou: **Aleluia!**).

Ou:

L Depositamos (ou: **espalhamos**) aqui as cinzas do/a nosso/a
irmão/ã N., e confiamo-lo/a ao julgamento justo e misericordio-
so d'Aquele que conhece inteiramente o coração das pessoas, a
saber, Jesus Cristo, nosso Senhor.

C Amém (ou: **Aleluia!**).

Depositar (ou espalhar) as cinzas, bem devagar, no local escolhido;
enquanto isso, o/a oficiante dirá:

L Terra à terra, cinza às cinzas, pó ao pó.
Deus criou o ser humano do pó da terra; cremos, pois, que
também das cinzas ele fará ressurgir um novo ser humano, me-
diante a fé na ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo.

Silêncio. (O/a oficiante convida para um tempo de contemplação)

Pai-Nosso

C Pai nosso, que estás no céu ...

L Deus Todo-poderoso,
concede que nós sejamos unidos
no pleno conhecimento do teu amor
e na visão cristalina da tua glória
com todos os que creram em Ti.
Mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.

Benção

L (estendendo a mão às pessoas ali presentes, o/a oficiante diz:) E o
Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus nos-
so Senhor, o grande Pastor de ovelhas, pelo sangue da eterna

aliança, vos aperfeiçoe em todo bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém (Hb 13.20s.).

Envio

L Jesus Cristo diz:

Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize (Jo 14.27).

Ide em paz!

C Amém.

Rito das cinzas

Segunda forma

No local do depósito das cinzas.

Consignação

L Visto que o Deus da vida, Senhor sobre vivos e mortos, chamou N. no dia do seu batismo, tornando-o/a seu/sua filho/a, e visto que esse/essa nosso/a irmão/irmã faleceu no dia (...), nós, hoje, depositamos suas cinzas neste lugar (**ou:** o/a entregamos à terra; **ou:** às águas – **caso as cinzas forem depositadas na água**) na certeza de que ele/ela descansa sob o olhar gracioso de Deus, pois, como diz o apóstolo Paulo, “eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.38-39).

Depositar as cinzas no local ou, se for o caso, derramá-las, bem devagar! Ao final, o/a oficiante diz um dos versículos, de acordo com o caso:

(Se jogar na terra) “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nela habitam” (Sl 24.1). Que Deus, o eterno, faça N. repousar em pastos verdejantes (cf. Sl 23).

(Se jogar na água) “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nela habitam” (Sl 24.1). Que Deus, o eterno, leve N. para junto das águas de descanso (cf. Sl 23).

E conclui dizendo:

Deus criou o ser humano do pó da terra; cremos, pois, que também das cinzas ele fará ressurgir um novo ser humano, mediante a fé na ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo.

Oração

L Oremos:

O Senhor é o meu pastor: nada me faltará. Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso; refrigera-me a alma. Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome. Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo: a tua vara e o teu cajado me consolam (Sl 23.1-4).

Ó Deus, graças te damos, porque tu és nossa força, nosso consolo e nossa salvação! Fica conosco, hoje e sempre. Amém.

Bênção

L Que a bênção de Deus, nosso Criador, nosso Redentor e nosso Consolador, acompanhe, oriente e ampare vocês.

Envio

L Sejam vigilantes, permaneçam firmes na fé e que todos os seus atos sejam feitos com amor. Sigam na paz do Senhor!

Liturgia para o velório⁹³

(A uma determinada altura do guardamento ou velório, quando julgar apropriado, um membro da família enlutada, ou o/a próprio/a líder que dirigirá esta oração, convidará os/as presentes dizendo:)

Acolhida informal

L Em nome da família N. (nome), agradeço a vocês que vieram se despedir de nosso querido/a N. e trazer conforto à família enlutada. Convido vocês para um momento de meditação.

(O/a líder prossegue).

Voto inicial

L Reunimo-nos em nome do trino Deus, nosso Criador, nosso Redentor e nosso Consolador.

C Amém.

L Nosso socorro vem do Senhor.

C Que fez o céu e a terra.

Oração

L Oremos:

Jesus, tu que sofreste e venceste a morte, vem estar conosco e nos ajudar. Tu nos guias e nos proteges. Afasta de nós o medo e a tristeza. Fica conosco e não deixes que nenhum mal se apodere de nós. Dá-nos as forças necessárias para enfrentarmos este tempo de pesar. Sê nosso amparo e nosso consolo. Amém.

Confissão de fé

L Na certeza de que, na vida ou na morte, estamos nas mãos do Senhor, confessemos a nossa fé no trino Deus.

C Creio em Deus Pai, Todo-poderoso ...

Silêncio

93 Adaptado de: CELEBRAÇÕES DO POVO DE DEUS: prontuário litúrgico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (edição provisória). São Leopoldo: Sinodal, 1991. p. 66-67.

Salmo 130 (*De profundis*)

- L** Das profundezas clamo a ti, Senhor.
- C** Escuta, Senhor, a minha voz: estejam alerta os teus ouvidos às minhas súplicas.
- L** Aguardo o Senhor, a minha alma o aguarda; eu espero na sua palavra.
- C** A minha alma anseia pelo Senhor, mais do que os guardas pelo romper da manhã.
- L** Mais do que os guardas pelo romper da manhã, espere o povo de Deus no Senhor.
- C** Pois no Senhor há misericórdia e salvação.
- L** É ele quem redime o seu povo de todas as suas iniquidades.
- C** Amém.
- L** Glória seja ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.
- C** Como no princípio, agora e sempre. Amém.

Pai-Nosso

- C** Pai nosso que estás no céu ...

Hino ou refrões

Escolhe-se um hino adequado ou canta-se o refrão abaixo, repetindo-o várias vezes:

- C** */: Em ti, ó Deus, nossos olhos esperam. :/*⁹⁴

Versículo final

- L** Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdia e Deus de toda a consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia (2Co 1.3s.).

Voto da paz

- L** Que a paz de Deus preencha os nossos corações.
- C** Amém.

⁹⁴ A partitura deste canto se encontra no Anexo 2 deste livro, na página 141.

Culto de apoio a pessoas enlutadas com ceia do Senhor e oração memorial

O culto de apoio a pessoas enlutadas pode ser realizado mensal ou anualmente (como no feriado nacional de Finados, por exemplo), conforme o costume da comunidade. As propostas litúrgicas que seguem visam trabalhar a passagem pelo luto e reconsiderar, com gratidão, a vida que pôde ser vivida, sendo estes atos realizados mediante a fé no Cristo que morreu e foi ressuscitado. O luto individual de determinadas pessoas e famílias também pode ser contemplado com acompanhamento litúrgico na casa das pessoas enlutadas ou mesmo junto ao sepulcro.

Tema: *Se um membro sofre, todos sofrem com ele* (1Co 12.26)

LITURGIA DE ENTRADA

Acolhida

L As Sagradas Escrituras dizem: “Se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam” (1Co 12.26). Fiéis a esse preceito apostólico, aqui nos reunimos como família de Deus, lembrando-nos das pessoas que faleceram durante este mês (ano) e colocando-nos do lado das pessoas que sofrem com a perda de seus familiares.

Saudação apostólica

L A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito sejam com vocês.

C E também com você.

Hino

Kyrie

L Enquanto nos reunimos neste culto há muitas pessoas nas ruas, nos hospitais, nas prisões, nos lares, que sofrem por doença, pela perda de entes queridos, por violência, por solidão, por discriminação, pela falta de perspectiva na vida ou por outro motivo. Vamos, no silêncio do nosso coração, trazer a Deus as dores dessas pessoas.

Silêncio. Após certo tempo, o/a oficiante diz:

L Pelas pessoas que sofrem, imploremos a Deus por sua misericórdia, cantando:

C *Tem piedade, Senhor.*

Gloria in excelsis

L Deus tem piedade do seu povo, pois Ele ouve o grito dos oprimidos. Também neste culto, Deus vem a nós, nos assiste e nos consola. Deus está aqui; Ele nos une e nos toca com o seu Espírito; Ele nos fala mediante sua Palavra e o sacramento da Ceia. Cantemos glória ao nosso Deus.

C *(canta) Glória, glória, glória a Deus nas alturas.*

Oração de coleta

L Querido e amado Deus.

Tu és nosso consolador. Agradecemos-te porque a ti podemos confiar nossas cargas e nossas ansiedades. Tu nos criaste como pessoas frágeis, que sofrem as mais diferentes dores. Ao mesmo tempo, tu nos fortaleces com o teu amor e nos dás uns aos outros para que nos apoiemos mutuamente. Ensina-nos a ser comunidade que vive como um corpo cujos membros se voltam para os que sofrem e os protegem, assim como tu o fazes conosco. Graças te damos porque vens a nós neste culto, nos serves e ouves a nossa voz. Em nome de Jesus, que, contigo e o Espírito Santo, vive e reina, de eternidade a eternidade.

C Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

Leituras bíblicas

L Primeira leitura
Isaías 43.1-3a

Salmo intermediário: Salmo 40.1-3,16-17 *(lido por alguém da comunidade)*

L Segunda leitura
1Co 12.12-26

Aclamação do evangelho

C (canta) *Aleluia*

L Leitura do evangelho

João 3.16-17

Pregação

A pregação se baseia nos textos bíblicos lidos acima, tendo 1Co 12.12-26 como foco principal.

(Conforme o testemunho do apóstolo Paulo, descrito em 1Co-ríntios 12, a comunidade cristã se caracteriza pela prática do cuidado mútuo. De modo especial, esse cuidado é exercido quando alguém está sofrendo, pois se um membro do corpo sofre, todos sofrem com ele. Em sua explicação sobre a Ceia do Senhor, Lutero faz referência a este texto de Paulo, dizendo que a Ceia produz uma comunhão entre as pessoas que crêem, de modo que elas dividem tanto as coisas boas quanto as más: “Essa comunhão consiste em que todos os bens espirituais de Cristo e de seus santos são compartilhados e comunicados a quem recebe esse sacramento; por outro lado, todos os sofrimentos e pecados também passam a ser comuns, de modo que o amor é aceso por amor, levando à união.”⁹⁵ Lutero também diz: “Quando desfrutaste ou quiseses desfrutar este sacramento, precisas, em contrapartida, ajudar a carregar as adversidades da comunidade [...]. Assim como tu recebes amor e assistência, deves, por sua vez, demonstrar amor e assistência a Cristo na pessoa de seus necessitados. [...] Vê, assim tu carregas a todos, e assim todos, por sua vez, te carregam, e todas as coisas são em comum, tanto as boas quanto as más. Então todas as coisas ficam leves [...]”⁹⁶ Com a metáfora do corpo, portanto, Lutero explica a dinâmica de cuidado que caracteriza a comunidade cristã a partir da Ceia: “Se dói o pé de alguém, mesmo que seja só o dedinho, o olho se volta para ele, os dedos o tocam, o rosto se franze e todo o corpo se inclina em sua direção; todos

95 LUTERO, Martinho. Um sermão sobre o Venerabilíssimo Sacramento do Santo e Verdadeiro Corpo de Cristo e sobre as irmandades. In: **Obras selecionadas:** Os primórdios: Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo / Porto Alegre: Sinodal / Concórdia, 1987. v. 1, p. 429.

96 LUTERO, 1987, p. 431.

se ocupam com o minúsculo membro. Em contrapartida, cuidar bem dele faz bem a todos os membros.”⁹⁷ O sofrimento é parte da condição humana. Alegramo-nos e sofremos. Fomos criados assim, fortes e fracos ao mesmo tempo. Em contrapartida, não vivemos sós. No plano de Deus fomos criados para viver em comunidade, em comunhão solidária, como um corpo cujos membros se mantêm ligados, para se amparar, se consolar e se sustentar. Num culto de apoio a pessoas enlutadas, é importante frisar que a comunidade recebe a tarefa de Deus de ajudar as pessoas que sofrem com a perda de seus membros queridos.)

Oração memorial⁹⁸

Caso a comunidade tenha o costume de utilizar o círio pascal⁹⁹, este é aceso no início da oração memorial e colocado ao lado da fonte batismal (que está devidamente arrumada, com água). O círio, que representa o Cristo ressuscitado, permanece aceso até o fim do culto.

O círio está no lugar indicado desde o início do culto e encontra-se apagado. Ao iniciar a oração memorial, o/a oficiante acende o círio¹⁰⁰ e diz em seguida:

L Pelo batismo, em Cristo, fomos mergulhados na morte, com Cristo fomos sepultados e renascemos para uma nova vida. Com Cristo morremos, com Cristo ressuscitamos e por ele temos a vida eterna. Graças a Deus, aleluia!

L Na esperança da ressurreição, lembramos hoje do falecimento de N. (e N.) e trazemos a Deus seus familiares enlutados, pedindo que Ele os sustente em sua dor e em sua saudade. (Recordar os dados biográficos da/s pessoa/s falecida/s, destacar aspectos da vida dela/s – sua presença ou inserção na comunidade, na igreja, seu papel na família, sua profissão. Dizer uma breve palavra

97 LUTERO, 1987, p. 430.

98 Esta forma de oração também pode ser utilizada separadamente, naqueles cultos em que só acontece a oração memorial.

99 Veja informações sobre o significado do círio no item 44.

100 Se, devido ao costume da comunidade, o uso do círio não é conhecido, sugere-se acender uma vela simples, nas velas da mesa da ceia, e colocá-la junto da pia batismal, que deve estar arrumada, como nos dias de batismo.

de consolo, concluindo com o Salmo 130, conforme segue abaixo. Preces de gratidão e intercessão serão incluídas na oração geral).

Salmo 130 (*De profundis*)

L Das profundezas clamo a ti, Senhor! Escuta, Senhor, a minha voz; estejam alerta os teus ouvidos às minhas súplicas. Se observares iniquidades, quem, Senhor, subsistirá? Contigo, porém, está o perdão para que sejas temido.

C *Misericórdia, Senhor, misericórdia, misericórdia, misericórdia.*¹⁰¹

Ou:

C *A quem mais clamaremos? Tu tens palavra de vida eterna.*¹⁰²

L Aguardo o Senhor, a minha alma o aguarda; eu espero na sua Palavra. A minha alma anseia pelo Senhor, mais do que os guardas pelo romper da manhã. Mais do que os guardas pelo romper da manhã, assim espere o povo de Deus no Senhor, pois no Senhor há misericórdia e redenção. É ele quem redime o seu povo de todas as suas iniquidades.

C *Misericórdia, Senhor, misericórdia, misericórdia, misericórdia.*

Ou:

C *A quem mais clamaremos? Tu tens palavra de vida eterna.*

Gloria Patri

L Glória seja ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,

C como no princípio, agora e sempre, e de eternidade a eternidade. Amém.

Oração de intercessão

L Deus de amor e de misericórdia.

Agradecemos-te porque nos deste a tua Palavra e por meio dela nos mostraste a tua boa vontade para conosco. E assim como nos ensinaste a orar e a fazer súplicas, ouve o que nosso cora-

101 A partitura deste canto se encontra no Anexo 2 deste livro, na página 142.

102 A partitura deste canto se encontra no Anexo 2 deste livro, na página 132.

ção te pede: guia, por teu Espírito Santo, a tua Igreja no mundo inteiro. Que ela, através dos seus servidores e servidoras e de todas as pessoas batizadas, esteja ciente da sua tarefa de consolar os que choram, carregando as cargas uns dos outros, anunciando o evangelho da solidariedade.

Assiste com o teu Espírito consolador a/s família/s (nome/s) que sofre/m com o falecimento de seus membros queridos. Tu conheces a cada uma e a cada um e sabes o quanto a perda do seu ente querido pesa em seus corações. Dá a cada qual o consolo de que necessita e envia as pessoas desta comunidade como mensageiras da tua paz, do teu amor e da tua misericórdia. Dá-nos, amado Deus, o Espírito do teu Filho, que nos amou e entregou a sua vida por nós e nos ensinou a amar o próximo e a confiar em ti acima de todas as coisas, também nos sofrimentos. Por Jesus Cristo, nosso salvador.

C Amém.

Recolhimento das ofertas

L (L explica o destino das ofertas, convida para o seu recolhimento e para cantar).

Hino

LITURGIA DA CEIA DO SENHOR

Preparo da mesa

L Preparemos a mesa do Senhor, trazendo os elementos da ceia, assim como as ofertas que foram recolhidas. Enquanto isso, cantemos:

Hino

Oração de preparação

L Graças te damos, amado Deus, porque tu nos reúnes em torno desta mesa para recebermos todos os bens espirituais que teu Filho nos oferece. Ao chegarmos a esta mesa para participarmos da ceia que tu nos preparas, entregamos a ti todos os nossos fardos, nossos sofrimentos e nossas lágrimas, confiando

que tu, por tua graça, nos dás o teu amor, o teu consolo, o teu perdão e a tua força, nesta ceia. Por Jesus, nosso salvador. Amém.

Diálogo

- L O Senhor esteja com vocês.
- C E também com você.
- L Vamos elevar os nossos corações a Deus.
- C Ao Senhor os elevemos.
- L Demos graças ao Senhor, nosso Deus.
- C Isso é digno e justo.

Oração eucarística

L É digno, justo e nosso dever render graças ao Senhor, nosso Deus, que libertou o seu povo do sofrimento do Egito, o guiou pelo deserto e o conduziu a uma terra que mana leite e mel, protegendo-o dia e noite de todos os perigos. Este é o Deus em quem confiamos. Ele é como um pastor que guia o seu rebanho e cuida das feridas dos cordeirinhos. Todos os louvores deste mundo sejam dados ao nosso Deus, e somente ao seu nome cantemos glória, pois santo é o nosso eterno e misericordioso Deus.

C (canta) *Santo, santo, santo*

L Santo e eterno Deus, tu nos amaste e nos enviaste o teu Filho, que nos ensinou o amor solidário, que sofre com os que sofrem. Na entrega da sua vida na cruz, ele revelou a profundidade desse amor divino. Ao nos reunir em torno desta mesa, rememoramos tudo que Jesus fez por nós. Ele próprio nos deixou este memorial quando ceou com os seus discípulos, antes de se entregar à morte por nossa vida e por nossa salvação. Na noite em que foi traído, Jesus tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. De modo semelhante, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim.

Nós te pedimos: envia, Senhor, o Espírito da comunhão que nos transforma num só corpo unido a ti e que carrega as dores uns dos outros.

Lembra-te, ó Deus, das pessoas, nossos queridos irmãos e irmãs, que faleceram. Confiamos que mesmo na morte tu os guardas em tuas mãos misericordiosas. Lembramo-nos, em especial, de **(dizer o nome das pessoas falecidas anunciadas na oração memorial)**. Esperamos, Senhor, pela festa do teu Reino, quando então nos reuniremos, diante de ti, com todos e todas que nos antecederam, para participar do banquete anunciado e prometido por Jesus.

C (canta) *Por Cristo, com Cristo e em Cristo, seja a ti, Pai Todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre. Amém, amém, amém.*¹⁰³

Pai-Nosso

Fração

L elevando o cálice O cálice da bênção pelo qual damos graças é a comunhão do sangue de Cristo.

L elevando o pão O pão que repartimos é a comunhão do corpo de Cristo.

C (canta) *Nós, embora muitos, somos um só corpo.*¹⁰⁴

Convite

L Que a paz do Senhor seja com todos e todas vocês. Venham, pois tudo está preparado. Quem convida é o próprio Cristo. Todas as pessoas batizadas são convidadas a participar da ceia do Senhor.

Comunhão

Oração pós-comunhão

L Graças te damos, ó Deus, que nos reuniste nesta ceia e nos deste os bens mais preciosos: amor, perdão, consolo, partilha, força, comunhão. Dá que possamos viver estes dons em nosso

103 A partitura deste canto se encontra no Anexo 2 deste livro, na página 136.

104 A partitura deste canto se encontra no Anexo 2 deste livro, na página 135.

dia a dia, dividindo-os, em especial, com as pessoas que sofrem e necessitam da força do teu amor. Por Jesus Cristo, nosso consolador. Amém.

LITURGIA DE DESPEDIDA

Avisos

Bênção

L O Deus que nos reuniu aqui, nos consolou com a sua palavra e com a ceia da comunhão, segue conosco no dia a dia, dando-nos a sua bênção:

Estendendo as mãos à comunidade

Que o Senhor vos abençoe e vos guarde, que o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre vós e tenha misericórdia de vós, que o Senhor sobre vós levante o seu rosto e vos dê a paz. Amém.

Envio

L Ide em paz e sustentai-vos mutuamente no amor de Cristo.

Hino

Fonte eterna de amor, que transbordas de bondade.

Te derramas em favor de toda a humanidade.

Vem me dar a tua mão, e conduze a minha vida.

Nestes tempos de aflição, concede-me guarida.

Sob a luz do teu olhar sigo em paz a minha estrada.

Pois eu sei que vais guiar cada passo da jornada.

Vem, Senhor, me carregar nos momentos de cansaço.

Caso eu venha tropeçar, que eu caia em teu abraço.¹⁰⁵

Ou:

Bênção

L E o Deus da paz, que trouxe dentre os mortos a Jesus nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna

105 “Canção do cuidado”. Veja a partitura no Anexo 2 deste livro, na página 134

aliança, vos aperfeiçoe em todo bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém (Hb 13.20s.).

Envio

L Jesus Cristo diz:

Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize (Jo 14.27).

Ide em paz!

C Amém.

Culto de apoio a pessoas enlutadas – 1¹⁰⁶

Hino

Gloria Patri

- L O nosso socorro vem do Senhor
- C que fez o céu e a terra (Sl 124.8).
- L Glória seja ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo
- C Como era no princípio, agora e sempre, e de eternidade a eternidade. Amém.

Saudação

- L As Sagradas Escrituras dizem: “Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram” (Rm 12.15). Fiéis a esse preceito apostólico, aqui nos reunimos como família de Deus.

Oração

(Silêncio para recolhimento)

- L Oremos.

Senhor, ouve a minha oração, chegue a ti o meu grito! Não escondas tua face no dia da desgraça. Presta-me ouvidos; quando te invoco, responde-me depressa. Porque os meus dias se dissipam como a fumaça, os meus ossos doem por todo o corpo. Meu coração está ressequido como a erva cortada; esqueço-me até de comer o pão. Não durmo: sou como o passarinho solitário no telhado. Mas, tu, Senhor, estás entronizado para sempre, e de geração em geração serás sempre lembrado. Senhor, ouve a minha oração, chegue a ti o meu grito! (Sl 102).

- C Amém.

- L Ouçamos o conforto da palavra de Deus, como se encontra em ... (Is 55.6,8-11; Lm 3.22-26; [Eclo 41.1-7;] Mt 5.3-12; Ap 7.9-17).

- C */: Em ti, ó Deus, nossos olhos esperam :/*¹⁰⁷

106 Adaptado de: CELEBRAÇÕES DO POVO DE DEUS: prontuário litúrgico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (edição provisória). São Leopoldo: Sinodal, 1991. p. 77-78.

107 A partitura deste canto se encontra no Anexo 2 deste livro, na página 141.

Meditação silenciosa

Oração

L Oremos.

Senhor, diante de ti, lembramo-nos de nosso/a(s) irmã/irmão(s) recentemente falecido/a(s). Agradecemos-te por todas as bênçãos e manifestações de tua graça com as quais o/a(s) acompanhaste neste mundo. Agradecemos-te também por toda alegria e ajuda que ele/a recebeu de ti. Acolhe e conforta em teus braços ternos as pessoas que estão enlutadas, especialmente ... (nomes). Fortalece-nos na fé, mediante a tua Palavra e os teus Sacramentos, para que possamos participar da comunhão dos santos, por Jesus Cristo, teu Filho, nosso Senhor.

C Amém.

Pai-Nosso

C Pai nosso, que estás nos céus ...

Benção

L Abençoe-vos Deus, o todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo. Que ele vos estenda o seu manto de amor e vos reúna e aqueça. Que ele acalme a dor da saudade e tranquilize o coração angustiado. E vos dê a paz (+).

C Amém.

Culto de apoio a pessoas enlutadas – 2¹⁰⁸

Tema: *Deus é nosso refúgio*

Acolhida

L Neste culto, ao nos recordarmos das pessoas que faleceram durante este ano (ou mês) de quem temos forte saudade, somos convidados e convidadas a nos entregar ao abraço de Deus, que é pleno em misericórdia e nos acolhe em nossas dores e angústias, pois Deus é nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações.

Invocação

L Reunimo-nos em nome do Deus que nos deu a vida, que nos deu a salvação e que nos renova a cada manhã.

C Amém.

Oração responsiva

L No princípio, antes da criação do mundo e das criaturas,

C somente Deus existia.

L A terra era sem forma e vazia, havia trevas sobre a face do abismo,

C e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas.

L Ó Deus da vida, chamaste à existência as coisas que nada são.

C Graças te rendemos, eterno Deus.

108 Esta proposta litúrgica pode ser utilizada para um culto especial, seja ele realizado mensalmente ou anualmente, quando a comunidade se reúne com as pessoas enlutadas para lembrar as pessoas falecidas do mês ou do ano, celebrar com elas a fé no Senhor ressurreto e receber o consolo de Deus.

L Pelos seres vivos na terra e na água, pela luz que dissipa a escuridão, pelo vento que sopra suave sobre nós e nos faz reviver, pelo espírito divino que nos transforma em seres solidários, nós te rendemos graças, ó Deus.

C Todos os louvores deste mundo sejam dados a ti, somente a ti, Deus da nossa existência e da nossa consolação. Amém.

C (canta) *Graças, Senhor*¹⁰⁹

Leituras bíblicas

L A palavra de Deus é lâmpada para os nossos pés e luz para o nosso caminho. Preparando as nossas mentes e os nossos corações para receber essa palavra, cantemos:

C (canta) */: Em ti, ó Deus, nossos olhos esperam :/*¹¹⁰

Primeira leitura

L Na minha angústia, clamei ao Senhor, e ele me respondeu: do ventre do abismo gritei, e tu me ouviste a voz. Pois me lançaste no profundo, no coração dos mares e a corrente das águas me cercou; todas as tuas ondas e as tuas vagas passaram por cima de mim. Então disse: lançado estou de diante dos teus olhos; tornarei a ver o teu santo templo? As águas me cercaram até à alma, o abismo me rodeou; e as algas me enrolaram na minha cabeça até os fundamentos dos montes. Desci até à terra, cujos ferrolhos se correram sobre mim para sempre; contudo fizeste subir da sepultura a minha vida, ó Senhor, meu Deus! Quando dentro em mim desfalecia a minha alma, eu me lembrei do Senhor; e subiu a ti a minha oração, no teu santo templo (Jn 2.2-7).

Silêncio

Segunda leitura

L Diz o nosso Deus:

Como alguém a quem sua mãe consola, assim eu vos consolarei (Is 66.13a).

109 A partitura deste canto se encontra no Anexo 2 deste livro, na página 140.

110 A partitura deste canto se encontra no Anexo 2 deste livro, na página 141.

Como pastor apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará no seio; as que amamentam, ele guiará mansamente (Is 40.1,11).

C (canta) /: *Em ti, ó Deus, nossos olhos esperam :/*

Terceira leitura

L E Ihes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. [...] Disse-me mais ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida (Ap 21.4,6).

C (canta) *Santo, santo, santo.*

Quarta leitura

L Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente. Crês isto? (Jo 11.25-26).

Oração

L Deus eterno, fonte de toda existência e de todo o consolo, graças te rendemos porque tu preenches os nossos corações com o teu Santo Espírito e por meio da tua palavra nos fortaleces a fé. Graças por teu Filho Jesus, que nos dá a esperança da ressurreição e da vida eterna. Fica conosco, ó Deus, hoje e sempre. Amém.

C (canta) *Sempre em vossa via.*¹¹¹

Litania com velas (lembrando as pessoas falecidas)

L1 Deus, tu és nosso refúgio, em ti confiamos.
Não nos abandones. Não nos deixes sem teu amor.

L2 Em nossa lembrança e bem guardadas em nosso coração estão as pessoas que nos deixaram este ano (mês). Confiamos que elas repousam em ti, na casa da eternidade.

111 A partitura deste canto se encontra no Anexo 2 deste livro, na página 138.

Sê nosso consolo e enxuga nossas lágrimas, enquanto recordamos ...
O/a oficiante diz o nome de certo número de pessoas que faleceram durante o ano ou mês corrente e acende um número equivalente de velas.
C (canta) *A nossa oração escuta, Senhor.*¹¹²

L1 Deus, tu és nosso refúgio, em ti confiamos.
Abriga-nos em teu abraço. Sê nosso consolo e enxuga nossas lágrimas, enquanto recordamos ... (outros nomes são lidos e se acende um número equivalente de velas).
C (canta) *A nossa oração escuta, Senhor.*

L2 Deus, tu és nosso refúgio, em ti confiamos.
Segura-nos firme em tua mão, não nos deixes cair quando o peso da saudade nos sobrevém.
Sê nosso consolo e enxuga nossas lágrimas, enquanto recordamos ... (outros nomes são lidos e se acende um número equivalente de velas).

L1 Deus, tu és nosso refúgio. O tempo de nossas vidas está em tuas mãos. Ensina-nos a viver bem os nossos dias. Não nos deixes sós. Tem misericórdia de nós e dá-nos a tua paz.
C (canta) *Tu, Deus, és amor.*¹¹³

Pai-Nosso

Bênção e envio

*Fonte eterna de amor, que transbordas de bondade.
Te derramas em favor de toda a humanidade.
Vem me dar a tua mão e conduze a minha vida.
Nestes tempos de aflição, concede-me guarida.*

*Sob a luz do teu olhar sigo em paz a minha estrada.
Pois eu sei que vais guiar cada passo da jornada.
Vem, Senhor, me carregar nos momentos de cansaço.
Caso eu venha a tropeçar, que eu caia em teu abraço.*¹¹⁴

112 A partitura deste canto se encontra no Anexo 2 deste livro, na página 133.

113 A partitura deste canto se encontra no Anexo 2 deste livro, na página 132.

114 “Canção do cuidado”. Veja a partitura no Anexo 2 deste livro, na página 134.

Parte IV

Recursos litúrgicos diversos

1. Voto trinitário

a)

L Em meio a luto e sofrimento, em desalento e incertezas, estamos reunidos em nome de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo.

C Amém.

(Fonte: EKU. *Agende für die Union Evangelischer Kirchen in der EKD: Bestattung*. Vol. 5. Bielefeld: Luther-Verlag, 2004. p. 185.

Tradução: Johannes Hasenack)

b)

L Em nome de Deus, fonte da vida,
que nos dá o que precisamos para a vida.

Em nome de Jesus Cristo, amor,
que nos leva da morte para a vida.

Em nome do Espírito Santo, poder,
que através de dias escuros nos guia para a luz.

(Fonte: EKU. *Agende für die Union Evangelischer Kirchen in der EKD: Bestattung*. Vol. 5. Bielefeld: Luther-Verlag, 2004. p. 184.

Tradução: Johannes Hasenack)

c)

L Em nome de Deus,
origem e destino de nossa vida;
em nome de Jesus Cristo,
fundamento de nossa esperança,
e em nome do Espírito Santo,
doador de consolo e poder.
Deus nos concede a vida,
e para a mão de Deus ela retorna.
Deus esteja conosco na despedida de **N. N.**

(Fonte: EKU. *Agende für die Union Evangelischer Kirchen in der EKD: Bestattung*. Vol. 5. Bielefeld: Luther-Verlag, 2004. p. 184.

Tradução: Johannes Hasenack)

2. Acolhida

a)

L O motivo de estarmos reunidos é o falecimento de **N. N.** Seus familiares a/o amavam, e muitas pessoas a/o respeitavam. O que também nos motiva para este encontro é a esperança de que não tenha a morte selado o destino desta pessoa, e sim Jesus Cristo. Este é o nome com que **N. N.** ficou essencialmente ligado/a a partir do batismo.

(Fonte: EKU. *Agende für die Union Evangelischer Kirchen in der EKD: Bestattung*. Vol. 5. Bielefeld: Luther-Verlag, 2004. p. 187.
Tradução: Johannes Hasenack)

b)

L Hoje estamos aqui reunidos para nos despedirmos da senhora/do senhor **N. N.**, que faleceu no dia (...) na idade de (...) anos. O desenlace foi precedido de longo sofrimento. Vocês, prezados familiares, acompanharam a falecida/o falecido nessa agonia, até a morte. Também para vocês foi um período de tribulações. O óbito trouxe alívio a **N. N.** e redenção de toda a sua dor. Isso nos serve de consolo, ainda que a morte deixe um vazio e sempre cause grande tristeza. Em nossa consternação, queremos amparar-nos e consolar-nos mutuamente e ouvir a palavra de Deus, a fim de buscar forças e perspectivas para os caminhos que haveremos de trilhar.

(Fonte: EKU. *Agende für die Union Evangelischer Kirchen in der EKD: Bestattung*. Vol. 5. Bielefeld: Luther-Verlag, 2004. p. 187.
Tradução: Johannes Hasenack)

3. Orações diversas

a)

L Eterno Deus, tu és o autor de toda vida.

Nós te louvamos porque pudemos compartilhar nossa vida com (nome da pessoa falecida), e nos recordamos com gratidão de todas as alegrias que deste a ele/a e à pessoas que o/a conheceram e o/a amaram.

Louvado sejas, especialmente, pela graça e pelo dom do batismo, pelo qual aceitaste N. como teu/tua filho/a e herdeiro/a da vida eterna. Confiantes, pois, na ressurreição, nós o/a entregamos a ti, na esperança de reencontrá-lo/a no teu reino eterno. Intercedemos pelas pessoas que mais sentirão saudades de (nome) porque elas o amaram mais, especialmente (nome do cônjuge, dos pais/filhos/irmãos/avós) e todos os membros de sua família. No tempo devido, sara a ferida que a morte de N. abre em seus corações. Permite que, depositando todo o fardo em ti, essas pessoas conheçam a consolação do teu amor.

Senhor, renova dentro de nós um espírito reto e inabalável. Ao final da nossa vida, conduze-nos com todo o teu povo ao reino da tua glória, onde enxugarás dos olhos toda lágrima, e a morte não mais existirá.

Ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo seja a glória agora e por toda a eternidade. Amém.

b)

No cemitério junto à sepultura

L Agora, nós vamos nos despedir do/a nosso/a irmão/ã (nome) confiando-o/a às ternas misericórdias de Deus, nosso Criador, Redentor e Consolador.

L Oremos:

Gracioso Deus, por teu poder tu nos deste vida e em teu amor nos dás nova vida em Cristo Jesus.

Nós entregamos (nome) aos teus cuidados, pela fé em Jesus Cristo, teu Filho, nosso Senhor, que nos deu a alegria da ressurreição e a glória do teu reino eterno.

Concede, Senhor, o Espírito de Consolação a nós que choramos. Amém.

c)

L Ó Deus, Senhor da vida e vencedor da morte, nosso auxílio em todo tempo de tribulação, conforta-nos a nós que choramos. Capacita-nos a colocar a nossa confiança em ti, de tal maneira que possamos encontrar descanso e paz para os nossos corações, pois confessamos a ti que temos dificuldade em aceitar esta separação. Por Jesus, teu amado filho e nosso redentor. Amém.

d)

L Deus amoroso, precisamos da tua ajuda para compreender que (nome) já não sofre mais dor ou medo e que, para ele/a, as limitações cessaram e as fraquezas foram superadas. Agora, ele/a espera o dia da redenção final.

(Nome) já não está conosco; mesmo assim, nós te agradecemos, ó Deus, pelos anos da sua presença entre nós. E, embora sentindo a dor de sua partida, descansamos na esperança da chegada do dia glorioso em que os mortos serão levantados. Enquanto isso, confiamos que N. está bem guardado/a contigo.

Abençoa aqueles e aquelas que cuidaram dele/a nos momentos mais difíceis de sua vida. Sustenta e fortalece aqueles e aquelas cujo amor por (nome) foi mais intenso, cuja perda é mais dolorida. Gracioso Deus, que eles/as possam encontrar, além das lágrimas, uma visão límpida do teu amor. Dá descanso aos corações atribulados, e força para banir todo o medo; abraça-os/as no conforto da tua paz; por Jesus Cristo, Nosso Senhor. Amém.

e)

L Senhor, Deus da eternidade e autor da vida, na tua presença nos encontramos a fim de buscar teu conforto. Recebe-nos, Senhor, por tua graça.

Ajuda-nos, nós te pedimos, a enfrentar com confiança este tempo de dor, sofrimento, medo e angústia.

Nós nos entregamos totalmente a ti, e, por tua misericórdia, permite que sintamos a alegria e o descanso para as nossas almas entristecidas.

Reafirmamos nossa fé em ti, ó Trino Deus.

Que a tua bênção consoladora nos fortaleça para sermos sinais de esperança. Em teu nome, Jesus, oramos. Amém.

f)

L Eterno Deus, fonte da nossa existência. Nós te louvamos pela vida de (nome) e porque a sua memória ocupa um lugar especial em nosso coração. Tu, que em Jesus Cristo prometeste vida eterna a nós e aos nossos filhos e filhas, recebe e guarda (nome) até o dia em que, pela ressurreição, e juntamente com todos os teus santos e tuas santas, poderá desfrutar dos bens da nova vida.

Intercedemos por aqueles/as que mais sentirão saudades de (nome), por (nome de familiares). Que as preciosas memórias que eles e elas partilham fortaleçam os laços familiares e lhes deem forças para continuar firmes, mesmo com toda a dor e pesar.

Abençoa-nos a todos, eterno Deus, amigos/as e vizinhos/as (colegas de escola, professores/as), para que, depositando todo o fardo em ti, possamos conhecer a consolação do teu amor.

Conduze-nos, ao final de nossa vida, com todo o teu povo, ao reino da tua glória, onde enxugarás dos olhos toda lágrima, e a morte já não mais existirá.

Ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo seja a glória agora e por toda a eternidade. Amém.

4. Encomendação ou ao fim da consignação

Enquanto o caixão é baixado à sepultura:

L Nosso Deus é maior que toda dúvida.

Nosso Deus é maior que toda angústia.

Nosso Deus é maior que toda tragédia.

No seu colo encontramos abrigo,

no calor do seu abraço encontramos a força,

e no brilho do seu olhar, a confiança!

Já podemos ensaiar um novo passo...

provocar um gesto novo...

Já podemos renascer (Ernesto Barros Cardoso).

5. Encomendação e consignação para a cremação

L Nós, agora, entregamos seu corpo para ser cremado – cinza às cinzas; pó ao pó – na esperança da ressurreição para a vida eterna por nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu e foi sepulta-

do, mas ressurgiu dos mortos por amor a nós, vive e reina para sempre.

(Após um breve momento de silêncio, o/a celebrante diz:)

“Agora, Senhor, despede em paz o teu servo, porque os nossos olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos: luz para revelar-te às nações e glória para teu próprio povo” (Lc 2.29-32). Amém.

6. Envio

L Irmãs e irmãos, a vida segue o seu curso. Há providências a tomar, pessoas a cuidar, trabalho a fazer e Jesus nos prometeu que não nos deixará sós:

“Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28.20).

Portanto, sigam em paz, irmãos e irmãs, na força da fé, no conforto da esperança e na prática do amor. Amém.

7. Para um culto com oração memorial

L Senhor, intercedemos pela família de **N. (e de N.)**. Assim como estiveste ao lado de Marta e de Maria quando elas choravam a morte de seu irmão Lázaro e as animaste a crer que tu és a ressurreição e a vida, fica também com esta/s família/s que sofre/m a perda de seu/s querido/s **N. N.** Sê tu o consolo, a força, o amparo que essa/s família/s necessita/m. Fortalece-a/s na fé em ti e na esperança da vida eterna. Isso te pedimos, cantando:

C Ouve nossa oração.

Ou:

L Intercedemos pelas famílias enlutadas que choram a ausência de seus queridos.

Em especial, as famílias de **N. e N.**

Ó Senhor, assim como consolaste Marta e Maria quando seu irmão Lázaro morreu, consola também estas pessoas, e usa-nos como tua comunidade para sermos teu braço estendido aos que estão enlutados. Por Jesus, teu amado Filho, amém.

8. Textos meditativos

a)

Sei que um amor me espera

Uma irmã carmelita refletindo sobre a morte, diz:
Não sei o que ocorrerá no outro lado, quando minha vida tiver
entrado na eternidade:

somente estou segura de que um amor me espera.

Sei que será o momento de fazer um balanço da minha vida,
tão pobre e tão sem peso,

mas apesar do temor, estou segura de que um amor me espera.

Por favor, não me falem de glórias, nem de louvores e bem-
aventuranças, nem tampouco acerca dos anjos. Tudo que eu
posso fazer é crer.

Crer obstinadamente que um amor me espera.

Agora sinto chegar a morte e posso esperá-la sorrindo, porque o
que sempre tenho crido eu creio agora com mais força.

Quando morrer, não chorem, porque é esse amor que me leva
consigo.

E se veem que tenho medo (por que não iria senti-lo?), lembrem
simplesmente que um amor, um amor me espera.

(Soeur Marie Du Saint-Esprit, Simone Piguet, 1922-1967,
Carmelo de Nogent sur Marne).

b)

Cada um que passa em nossa vida passa sozinho,
pois cada pessoa é única e nenhuma substitui outra.

Cada um que passa em nossa vida passa sozinho,
mas não vai só nem nos deixa sós.

Leva um pouco de nós mesmos,
deixa um pouco de si mesmo.

Há os que levam muito,
mas há os que não levam nada.

Essa é a maior responsabilidade de nossa vida,
e a prova de que duas almas
não se encontram ao acaso.

(Antoine de Saint-Exupéry)

c)

Início e fim são teus, Senhor.
O espaço entre eles, a vida, foi minha.
Errando no escuro sem vida achar –
Em ti, Senhor, há clareza e tua casa é luz.

(BONHOEFFER, Dietrich. *Prédicas e alocuções*.
São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 92.)

d)

Vista do cemitério

A arte de viver e de morrer é uma só (Epicuro)



O que mostra esta fotografia: *Um homem sentado num cemitério, sob a chuva fina e a luz do sol ao mesmo tempo, no dia 4 de junho de 1994.*

Se você estivesse perto dele, notaria que a grama sob a cadeira está disposta em placas quadradas, sinal de que foi removida e em seguida cuidadosamente replantada.

O homem é dono do terreno sobre o qual está sentado. Pagou pelo lugar, pagou para que o solo fosse cavado, pagou pela lápide de cimento e a grama replantada.

Ele está sentado sobre seu próprio túmulo. Não porque sua morte esteja próxima – ele está em ótima forma. E nem porque esteja num estado de espírito mórbido – ele estava com excelente humor quando a foto foi tirada. Na verdade, teve uma das tardes mais positivas da sua vida.

Passar uma tarde sentado em seu túmulo foi uma experiência poderosa, pois o padrão mais amplo de sua vida foi inesperadamente revisto: o passado, o nascimento, a infância, a adolescência, o casamento, a carreira profissional, o presente e o futuro. Ele confrontou a finitude – os limites da vida. A realidade da própria morte adiante e embaixo dele – suscitando questões tais como: quando, onde e como ela virá. O que fará ele de sua vida de agora em diante?

Digo-lhes todas essas coisas com tanta segurança porque o homem em questão sou eu. Refiro-me a ele na terceira pessoa pois é geralmente assim que o vejo.

É o homem que está diariamente no espelho do meu banheiro. Desde que me lembro, vejo-o todas as manhãs. E todas as noites antes de dormir. Às vezes me pergunto quem ele é. O que vai ser dele. Essas considerações diárias de imagem do homem no espelho é o mais antigo ritual de minha vida. Um hábito sagrado.

Lembro-me quando entrei na puberdade. Conferia ansiosamente meu tamanho, se a barba crescia, se tinha espinhas. Sentia-me mais velho que a criança do espelho. Hoje ela já está na meia-idade e preocupa-me que esteja envelhecendo, perdendo cabelo, ganhando rugas. O homem do espelho é mais velho do que sou agora. Embora tenho trinta anos há muito tempo, ele fará 58 em junho.

Vejo seus cabelos e a barba embranquecendo, as linhas de seu rosto, as marcas na pele, as pintas nas mãos, os músculos flácidos. E me pergunto a que distância do túmulo ele estará. Com certeza, ele está mais perto da morte do que eu.

Passei mais tempo perto da morte que a maioria das pessoas. Fui pastor por trinta e quatro anos, atendi centenas de telefonemas tarde da noite para assistir moribundos, confortei os vivos e ministrei centenas de cerimônias fúnebres. A morte e eu somos colegas de profissão há muito tempo.

Mesmo assim, sempre houve uma distância entre o que penso sobre minha própria morte e o que fiz pela dos outros. Afinal, fui um ‘profissional’. Enfatizo isso com o que um diretor de cemitérios me disse uma vez: ‘Errei em pensar que a morte só acontece aos outros e não

aos que se ocupam com dela'. Quando me tornei mais consciente da idade do homem do espelho, percebi que ele precisava cuidar de certos assuntos necessários – o que sempre encorajei as pessoas a fazer: atualizar o testamento, escrever as instruções de seu próprio funeral e preencher os formulários necessários para deixar claras as suas decisões à People's Memorial Society, a que pertence. Uma atitude prática. E ter clareza existencial do lugar que a morte ocupa em sua vida. Escrever este livro foi uma oportuna provocação para pôr a casa em ordem.

Minha família se surpreendeu quando abordei o assunto. Eles não sabiam que eu andava pensando na morte. Mas respeitaram a minha sensatez. Todos deveriam fazer o mesmo, mas a maioria não se importa muito. Deixamos tudo a cargo de nossos sobreviventes, e por essa razão ficam decisões desencontradas, se não dolorosos problemas, em relação ao nosso legado.

A primeira pergunta foi: o que deve acontecer ao corpo do homem do espelho quando ele morrer? Minha família e eu concordamos com a cremação, mas ninguém estava muito convencido do destino a ser dado às cinzas. Enterrá-las parecia ser a solução mais viável. O Lake View Cemetery, em Capitol Hill, Seattle, faz parte da minha vida há muitos anos. Passo sempre por lá quando saio para caminhar de manhã, e foi onde inúmeras vezes ministrei cerimônias fúnebres. O mais antigo cemitério de Seattle é silenciosos, pacífico e despretensioso. Agrada-me a diversidade de sua população – os nomes escritos nas lápides sugerem que seus ocupantes tinham raízes chinesas, russas, gregas, francesas, japonesas, alemãs, inglesas, norueguesas, italianas e outras – a surpreendente mistura de raças da qual esta cidade foi formada. Eu costumava levar meus alunos de arte lá para ver nos túmulos a influência de povos como egípcios, gregos, romanos e antigos chineses. Obeliscos, colunas, arcos e urnas. O cemitério não ocupa uma área muito grande, mas é profundo e muito amplo em minha imaginação.

Gosto de ir lá enquanto estou vivo.

É um bom lugar para se estar depois da morte.

Então tomei as providências para escolher e comprar um lote. Que estranha experiência! O procedimento prático nas decisões de compra de um bem imobiliário é 'locação, locação, locação'. Mas, para um túmulo, que diferença faz ter vista ou não? Que importa quem serão os vizinhos? E o valor de revenda não é realmente uma preocupação, não é mesmo?

Indeciso, pedi a meus filhos que me ajudassem a decidir. Eles teriam que viver com isso, não eu. Nossa discussão foi estranhíssima. Lembrava muito a história dos “Cachinhos de Ouro e os três ursos”.

“Não, este é muito... público. Não, esse fica num lugar depressivamente, um terreno cheio de lama – não é bom para passar o inverno. Que tal esse sob a árvore? Ou este, perto deste túmulo engraçado? Que tal perto dos gregos?... você adora os gregos!”

Em *It was on fire when I lay down on it* (Estava pegando fogo quando me deitei ali) escrevi sobre o especial respeito que sentia por um banco que marcava um túmulo nesse mesmo cemitério. O banco era uma indicação de que alguém se deu ao trabalho de pensar nos vivos e quis lhes dizer: “Sentem-se, fiquem à vontade”. As palavras esculpidas no encosto do banco chamam a atenção para as montanhas a leste, o mar a oeste, a universidade ao norte e uma magnífica sequóia mais ao sul. É claro, foi esse mesmo o escolhido.

Uma vez decidido o local, os coveiros teriam de abrir a cova antes de eu comprá-la. Por ser um cemitério muito antigo e os registros não serem bem conservados, é preciso ter certeza de que não há ali nenhum ocupante não registrado.

Estive no cemitério no dia em que os coveiros cavavam meu túmulo.

Bom, eu já vira muitas vezes covas vazias. Mas nunca a minha própria. Essa experiência me assustou. Por muitos dias a imagem não me saiu da cabeça. Não só o homem do espelho seria enterrado lá. Eu também.

Então, no dia de Ano-Novo de 1994, levei um banquinho de armar até o lote e me sentei para pensar. Pensei sobre os próximos 21 anos.

Por que 21 anos? Eu tinha pedido a um agente de seguros que calculasse a minha expectativa de vida a partir de meu próximo aniversário. Depois de fazer umas perguntas sobre minha saúde e meus hábitos pessoais, ele me deu 21 anos de vida.

É claro que tudo pode acontecer. Mas suponhamos, a título de discussão, que eu tenha certeza de que as tabelas são precisas e eu possa contar com esses 21 anos: que diferença isso faz?

Como pastor, estou bem familiarizado com o que pensam as pessoas quando um médico lhes dá seis meses de vida. E também com outras ocasiões similares, quando a constatação da finitude joga

a pessoa a um lugar mais alto, de onde ela revê toda a sua vida: uma cirurgia séria, um acidente grave, a morte de um amigo ou de um membro da família, a desagregação familiar provocada por divórcio, a recuperação de alcoolismo. Perder o emprego na meia-idade, sofrer um colapso emocional seguido de recuperação, participar de uma comemoração familiar, da turma do colégio ou da faculdade, tudo emotivo. O fluxo normal da vida é interrompido e você vê sua existência como um todo. Toma algumas decisões sobre o que dá significado à vida e o que o afasta de uma existência significativa.

O sucesso e o fracasso lhe vêm à cabeça.

E você tem mais probabilidade de reconhecer os padrões, as fases, as transições.

Tanto na sua vida quanto na dos outros.

Vai ajudá-lo saber que muitos têm pensado nisso tanto quanto você, há muito, muito tempo. A expressão mais conhecida da consciência do quadro como um todo foi escrita há mais de dois mil anos. Não sabemos muito bem quem foi que a escreveu e por que o fez. Está no livro considerado o mais enigmático da Bíblia. É uma declaração sucinta, usada em casamentos, celebrações de nascimento e funerais. Aparece nos cartões de felicitação e já vi escrita até em xícaras e camisetas. Mas nada disso diminui sua elegante afirmação da verdade. Você deve conhecer de cor algumas de suas partes.

(...)

Traduzida em linguagem moderna, pode ser lida no Eclesiastes 3:1-8:

*Tudo tem seu tempo,
há um momento oportuno para cada empreendimento debaixo
do céu.*

*Tempo de nascer e tempo de morrer;
tempo de plantar e tempo de colher a planta.*

*Tempo de matar e tempo de sarar;
tempo de destruir e tempo de construir.*

*Tempo de chorar e tempo de rir;
tempo de gemer e tempo de dançar.*

*Tempo de atirar pedras e tempo de ajuntá-las;
tempo de abraçar e tempo de se separar.*

*Tempo de buscar e tempo de perder;
tempo de guardar e tempo de jogar fora.*

*Tempo de rasgar e tempo de costurar;
tempo de calar e tempo de falar.
Tempo de amar e tempo de odiar;
Tempo de guerra e tempo de paz.*

Tendo a imagem do autor dessas palavras do Eclesiastes como companhia, passei um Ano-Novo inesquecível, sentado em meu túmulo, pensando no significado da vida. Desde então, fui muitas vezes a esse lugar, durante o trabalho de execução deste livro. A fotografia, tirada no dia do meu aniversário, está pendurada em meu escritório para manter-me concentrado na tarefa. Mais que um túmulo, o local se transformou numa oficina de trabalho, num laboratório. Vou lá quando a lama de minha mente precisa ser removida. Um ritual de avaliação.

(Extraído de: FULGHUM, Robert. *Do começo ao fim: os rituais da vida*. São Paulo: Editora Best Seller / Círculo do Livro, s.d.. p. 33-42).

9. Textos bíblicos para funerais em situações especialmente difíceis

Sepultamento de crianças

Jó 19

Salmo 23; 25; 73.23-26

Isaías 25.8-9; 57.1-2,14-21; 65.17ss.

Mateus 18.1-4,10-11

Marcos 10.13-16

Lucas 7.11-16

João 10.14-15,27-29

Romanos 14.7-9

Sepultamento de suicidas

Jó 19

Salmo 13; 27.7-9; 42.1-5; 51.1-12; 90; 130; 139

Isaías 25.8-9; 57.1-2,14-21

1Coríntios 6.19s.

Hebreus 4.15s.

Apocalipse 1.17-18

Sepultamento de vítimas de acidente

Jó 30.16-31

Salmo 13; 39; 42.1-3,11; 77

Lamentações 3.22-25

Isaías 25.8-9; 38.10-14; 40.1,6-11

Romanos 8.26ss.

2Coríntios 4.8-14

Sepultamento de vítimas de crime violento

Jó 30.16-31

Salmo 13; 16; 22; 77

Lamentações 3.22-25

Isaías 25.8-9; 38.10-14; 40.1,6-11

Jonas 2.2-7

Romanos 8.26ss.; 8.31b-39

2Coríntios 4.8-14

Sepultamento de vítimas de catástrofes

Salmo 13; 121

Lamentações 3.22-25

Isaías 25. 8-9; 38.10-14; 40.1,6-11; 46.3-4

Ezequiel 37

Romanos 8.31b-39

2Coríntios 4.8-14

Apocalipse 21

10. Para culto com pessoas enlutadas, cujos entes não foram sepultados ou cremados¹¹⁵

Há cultos que podem ocorrer, por exemplo, quando pessoas mortas estão desaparecidas ou quando um corpo é entregue a instituições de pesquisa, só podendo ser sepultado em data muito posterior. A situação específica haverá de determinar o caráter do culto e da prédica. Trata-se, portanto, de um culto de recordação e de despedida.

¹¹⁵ Os recursos litúrgicos referentes aos itens 11 a 13 foram extraídos da seguinte fonte: EKU. **Agende für die Union Evangelischer Kirchen in der EKD**: Bestattung. Vol. 5. Bielefeld: Luther-Verlag, 2004. p. 142, 148-149, 153, 170,172-180 (tradução: Johannes Hasenack).

Tal culto pode se tornar especialmente significativo pela celebração da ceia do Senhor. Assim, a comunhão das pessoas familiares e da comunidade fica fortalecida: a mensagem de consolo e a reafirmação da fé na ressurreição se tornam experiência palpável.

No lugar do ataúde não existente pode ser colocado um retrato ou outra lembrança da pessoa falecida.

a)

Palavras iniciais

L Ainda sentimos o choque da perda;
ainda não entendemos o que isso de fato significa:

N. N. está morto/a.

Fomos profundamente abalados.

Vivemos inquietos e desorientados.

Sentimos desespero, tristeza e saudade.

Aos poucos nos damos conta do que perdemos.

b)

Oração

L Ó Deus, diante de ti lamentamos a dor.
Estamos inconformados
e te perguntamos por que isso pôde acontecer.

Contudo, confiamos que cumpres a promessa dada no batismo:
que nos proteges e nos guardas –
no viver e no morrer somos teus.

Cremos que também amparaste **N. N.** ao morrer,
e esperamos que ela/ele permaneça no amor
que experimentou e que demonstrou.
Tu, Deus da Vida, és nossa esperança,
neste tempo e na eternidade.

C Amém.

11. No caso da entrega de um corpo a instituições de pesquisa

a)

Acolhida

L Prezada família N. N., estimados familiares, amigos/as, prezada comunidade,
estamos reunidos para nos despedir de N. N.
Sua morte não nos sobreveio como surpresa.
Alguns de vocês sabiam da decisão de N. N.
de colocar seu corpo à disposição da clínica universitária.

Ou:

A morte dela/dele nos pegou de surpresa,
e sua decisão de colocar o corpo à disposição da clínica universitária deixa chocadas as pessoas que, entre nós, ignoravam tal decisão.

Por isso, como sinal de lembrança, encontra-se aqui o retrato de N. N.

Mesmo que não nos seja fácil, queremos respeitar a última vontade de nossa falecida/ de nosso falecido.
[Ela/ele, com isso, colocou um sinal para a vida.]

b)

Recordação da pessoa falecida

L Em silêncio, lembremo-nos de N. N.

Ou:

L Recordamo-nos de N. N., que compartilhou sua vida conosco.
Não queremos esquecê-la/lo,
nem seu nome,
nem seu rosto,
nem sua maneira de caminhar,
nem seu sorrir,
nem sua voz...

Somos gratos por tudo que Deus lhe deu na vida,
em tempos bons e tempos difíceis.
Expressamos gratidão pelos momentos de convivência
e por tudo que ela/ele significou para nós.
Fiquemos em silêncio, lembrando-nos dela/dele
e pensando no tempo que passamos juntos.

12. Para cultos que visam a acompanhar pessoas enlutadas e lembrar as que partiram

a)

Oração

L Amado Pai celeste,
queremos guardar em nossos corações
as pessoas que nos são caras, também depois de sua morte.

Estamos aqui porque não queremos recalcar
em nossa vida a despedida, a morte.

Rogamos que estejas conosco nesta hora de recordação.
Faze-nos sentir que teu amor nos ajuda a continuar a jornada.

Segura-nos e ampara-nos, bondoso Deus.
Afasta de nós todo temor, pois o morrer nos assusta.
Acolhe-nos com teu abraço,
para que os dias de nossa vida,
as muitas horas que nos concedes,
nos sejam preciosas,
para tua glória, eternamente.

C Amém.

b)

Recordação da pessoa falecida e confissão de fé

Acende-se uma vela (de preferência, o círio pascal).
Ela pode ser colocada diante de um retrato da pessoa falecida.

L A chama desta vela nos lembra as velas que acendemos [na noite da Páscoa e] na celebração do batismo. Também evoca lembranças das velas que acendíamos nos aniversários de **N. N.** [e das que ardiam em seu velório].
Toda luz terrena se apaga;
contudo, a vela acesa nos remete a Jesus Cristo que diz:

Eu sou a luz do mundo;
quem me segue não andarás nas trevas;
pelo contrário, terá a luz da vida.

Ele é luz da luz,
verdadeiro Deus do verdadeiro Deus.

A ele louvamos com a confissão de nossa fé:

C Creio em Deus, Pai Todo-poderoso,
Criador do céu e da terra ...

c)

Oração pós-comunhão

L Misericordioso Deus, na Ceia de Jesus Cristo provamos teu amor e sentimos tua presença.
Fica conosco até o fim de nossos dias.
Renova-nos, por teu Espírito, a alegria de viver e faz com que confiemos em ti e sejamos teus na vida e na morte. Glorificado sejas eternamente. Amém.

13. Elementos para uma celebração alusiva a um aniversário de falecimento, junto ao túmulo

Ainda que, nos tempos atuais, percebam-se poucos sinais externos de enlutamento ao longo de um ano, o período anual constitui um marco significativo num processo de luto. Claro que o luto não pode ser encerrado intencionalmente, com os olhos no calendário; muitas vezes, porém, após um ano, viabiliza-se uma nova postura para com a vida. Neste sentido, a meditação

pela passagem de um ano, no túmulo de uma pessoa falecida, pode encerrar o ano de luto.

Acolhida

L Estamos reunidos para nos lembrar de **N. N.**
Faz um ano que estivemos juntos para sepultá-la/lo
e confiá-la/lo à fidelidade de Deus.
Ainda sentimos a dor da separação,
mas o seu peso vai se aliviando ao longo dos meses.
Gratidão, lembranças boas e uma nova atitude para com a vida
vão preenchendo o espaço vazio.
Tanto para nós, os vivos, como para nossos entes que partiram
vale a promessa de Jesus Cristo, assegurada no batismo:
Estou convosco todos os dias até à consumação do século.

Saudação apostólica ou voto inicial

Salmo 126.1-6

Ou:

Oração

L Oremos: tu, Deus, és o Senhor do mundo e estás conosco
até o fim dos tempos. Fortalece em nós a fé na ressurreição.
Transforma o luto que sentimos por **N. N.** numa nova força viva.
Ouve-nos, em nome de Jesus.
C Amém.

Leitura bíblica

(Sugestão) João 6.37-40

Alocução

Lembrança de falecimento e confissão de fé

Familiares e pessoa oficiante trazem flores.

L Viemos lembrar a memória da falecida/do falecido.
As flores que vocês trazem
são sinal de sua ligação duradoura com **N. N.**

(As flores são depositadas no túmulo.)

L Flores – uma das mais belas dádivas do Criador.
Elas são sinal da vida que Deus nos presenteia sempre de novo.
Suas cores e fragrâncias animam os corações como que afirmando: A misericórdia e a fidelidade de Deus se renovam cada manhã.

Ao mesmo tempo, a beleza das flores
desperta em nós a esperança pelo aperfeiçoamento pleno,
quando tudo que é transitório estará superado.

Ao Trino Deus, que cria a vida,
que renova a vida e que dará perfeição à vida
– a cristandade o glorifica com a confissão de fé.

Confissão de fé

C Creio em Deus ...

Pai-Nosso

L O que nos move nesta hora de recordação, nós o resumimos nas palavras da oração que o próprio Jesus nos ensinou:

C Pai nosso que estás no céu ...

Bênção

BIBLIOGRAFIA

- BONHOEFFER, Dietrich. **Prédicas e alocações**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BRAKEMEIER, Gottfried. A morte e o morrer na Bíblia: (subsídios para o rito do sepultamento). In: MOLZ, Cláudio; WEHRMANN, Guenter F. K. (Coord.). **Proclamar libertação**: Ofícios, suplemento 2. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 46-57.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo / São Paulo: Sinodal / Paulus, 2002.
- CELEBRAÇÕES DO POVO DE DEUS: prontuário litúrgico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (edição provisória). São Leopoldo: Sinodal, 1991.
- DAVIES, J. G. Burial. In: DAVIES, J. G. (Ed.). **A new dictionary of liturgy and worship**. London: SCM Press, 1986. p.117.
- EKU. **Agende für die Union Evangelischer Kirchen in der EKD**: Bestattung. Vol. 5. Bielefeld: Luther-Verlag, 2004.
- ELCA. **Libro de liturgia y cántico**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 1998.
- FISCHER, Joachim. Um sermão sobre a preparação para a morte: Introdução. In: LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**: Os primórdios: Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo / Porto Alegre: Sinodal / Concórdia, 1987. v.1, p. 385-398.
- FULGHUM, Robert. **Do começo ao fim**: os rituais da vida. São Paulo: Editora Best Seller / Círculo do Livro, s.d..
- GEORG, Sissi. **Diaconia e culto cristão**: o resgate de uma unidade. São Leopoldo: Centro de Recursos Litúrgicos/EST, 2006. (Série Teses e Dissertações, 32).
- HENNEZEL, Marie de; LELOUP, Jean-Yves. **A arte de morrer**: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HOCH, Lothar Carlos. "As minhas lágrimas têm sido o meu alimento." Desafios pastorais no trabalho com enlutados. In: HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas (Orgs.). **Aconselhamento pastoral e espiritualidade**: Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral. São Leopoldo: Sinodal / EST, 2008. p. 59-74
- _____. Acompanhamento pastoral a moribundos e enlutados. In: MOLZ, Cláudio; WEHRMANN, Guenter K. F. (Orgs.). **Ofícios**: estudos temáticos e auxílios homiléticos: Proclamar libertação, suplemento 2. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 58-82.
- _____. O Cemitério: lugar para prantear os mortos. **Jornal Evangélico Luterano**, Porto Alegre, ano 33, n. 672, nov. 2003, p. 15.

- IGREJA Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. **Nossa fé, nossa vida**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- JÜNGEL, Eberhard. **Morte**. São Leopoldo: Sinodal, 1971.
- KIRST, Nelson (Org.). **Livro de Batismo**. 2. ed. rev. São Leopoldo: Oikos, 2008.
- LOEWENICH, Walther von. **A teologia da cruz de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1988.
- LUTERO, Martinho. Um sermão sobre a preparação para a morte. In: LUTERO, Martim. **Obras selecionadas**: Os primórdios: Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo / Porto Alegre: Sinodal / Concórdia, 1987. v. 1, p. 395-398.
- _____. Um sermão sobre o Santo, Venerabilíssimo Sacramento do Batismo In: _____. **Obras selecionadas**. São Leopoldo / Porto Alegre: Sinodal / Concórdia, 1987. v. 1, p. 413-424.
- _____. Um sermão sobre o Venerabilíssimo Sacramento do Santo e Verdadeiro Corpo de Cristo e sobre as irmandades. In: _____. **Obras selecionadas**: Os primórdios: Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo / Porto Alegre: Sinodal / Concórdia, 1987. v. 1, p. 425-444.
- MANSK, Erli. **A ritualização das passagens da vida**: desafios para a prática litúrgica da Igreja. São Leopoldo: EST/PPG, 2009. p. 18-23, 82-85. (Tese de Doutorado).
- MANUAL de Ofícios da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 1977.
- MARTINI, Romeu Ruben (Org.). **Livro de culto**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- NOÉ, Sidnei Vilmar. A morte bem-aventurada: Lutero e a *ars moriendi*. In: HOCH, Carlos Lothar; WONDRACEK, Karin H. K. (Orgs.). **Bioética**: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar: do início ao crepúsculo da vida: esperanças e temores. São Leopoldo: Sinodal / EST / FAPERGS, 2006. p. 77-84.
- O SEPULTAMENTO eclesiástico: um posicionamento da IECLB referente a enterro e cremação. **Boletim informativo 157**, Porto Alegre, 1997. (Anexo 4).
- PHILLIPS, Edward L. verbete Funerals (Early christianity). In: BRADSHAW, Paul F. (Ed.). **The new Westminster dictionary of liturgy and worship**. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox, 2002. p. 214-215.
- SCHMITT, E. verbete Morte. BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**. São Paulo: Loyola, v. 2, 1973. p. 729-733.
- SCHWARZ, Hans. Escatologia. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.). **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal / IEPG, 1995. v. 2, p. 477-588.
- SODI, M. verbete Bênção. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Orgs.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 122-135.

- TEAR: Liturgia em Revista. São Leopoldo: Centro de Recursos Litúrgicos / EST, n. 10, maio 2003.
- TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 5. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal / EST, 2005.
- WHITE, James F. **Introdução ao culto cristão**. São Leopoldo: Sinodal / IEPG, 2005.
- WINKLER, Eberhard. **Tore zum Leben**: Taufe, Konfirmation, Trauung, Bestattung. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1995.
- WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1975.

Os mementos na oração eucarística: seu potencial terapêutico para pessoas enlutadas¹¹⁶

Introdução

Os *mementos* ou *dípticos* são uma breve intercessão situada no final da *oração eucarística*¹¹⁷. Para que o leitor e a leitora possam recordar-se, citamos uma formulação típica dessa oração:

Guia-nos, Senhor, à festa da alegria, preparada para todos os povos em tua presença, (...) com os patriarcas e os profetas, os apóstolos e os mártires (...) e todos os santos que viveram na tua amizade. Com todos eles cantamos teu louvor e esperamos a felicidade do teu Reino, onde poderemos, com toda a criação... glorificar-te por Cristo, nosso Senhor.¹¹⁸

No presente artigo queremos argumentar em favor do potencial terapêutico dessa oração para pessoas enlutadas. O culto (e especialmente a Ceia do Senhor) é o *lugar* onde as pessoas enlutadas podem buscar e encontrar consolo. Entretanto, a qualidade da experiência de consolo pode depender muito da sensibilidade da equipe litúrgica no sentido de descobrir e fazer bom uso dos espaços que a liturgia reserva para situações de luto. Com certeza, os *mementos* ou *dípticos* são um desses espaços. Façamos o “achado” e deixemo-nos surpreender pela sua preciosidade.

Breve histórico dos *mementos* e *dípticos*

O termo *díptico* tem a sua origem no grego (*dís* = duas vezes + *ptússein* = dobrar) e se refere a duas tabuinhas ligadas por dobradiças, cujos lados internos serviam para escrever, formando o que para nós hoje é o caderno. Originalmente, as duas “capas” podiam ser de madeira, marfim ou metal e a parte interna podia ser revestida de cera, na qual se inscreviam palavras com um estilete, ou podia ser uma lousa sobre a qual se escrevia com lápis de giz.

116 O texto, de autoria de Rodolfo Gaede Neto, foi extraído de TEAR: Liturgia em Revista. São Leopoldo: Centro de Recursos Litúrgicos/EST, n. 10, maio 2003. p. 14-15.

117 MARTINI, 2003, p. 51.

118 Liturgia de Lima.

No séc. 4, a Igreja adotou os *dípticos* para fins litúrgicos. Sua função era a de conter a lista dos nomes das pessoas pelas quais o bispo deveria interceder no culto.

Os *dípticos* com os nomes recomendados à intercessão da Igreja eram colocados sobre o altar. No momento devido, o diácono procedia à sua leitura. O bispo proferia, então, uma breve oração, pedindo que Deus se lembrasse de todas as pessoas mencionadas. Daí vem o nome *memento*, que significa “lembra-te”.¹¹⁹

Quanto às listas dos *dípticos*, era comum que contivessem os nomes do bispo local, do bispo da província, do papa. A intercessão em favor dos servidores da Igreja expressava o desejo da unidade, fruto da comunhão eucarística. Tratava-se, até então, de orações em favor de pessoas vivas (*memento vivorum*).

A valorização da unidade da Igreja fazia com que a relação dos servidores que antecederam o bispo da época se ampliasse cada vez mais. Voltava-se até os apóstolos, os profetas, os mártires e os fiéis da Igreja de todos os tempos. Algumas listas chegam a incluir os patriarcas e mesmo Adão.

Por causa da lembrança das irmãs e dos irmãos que antecederam os membros do Corpo de Cristo reunidos no culto, surgiu também o *memento defunctorum* ou *mortuorum* (lembrança dos mortos). O diácono fazia a leitura dos nomes dos membros da comunidade já falecidos e o bispo pedia que Deus se lembrasse deles e lhes concedesse a paz.¹²⁰

Comunhão com os mortos?

Parece que chegamos a uma novidade. Ela pode nos trazer desconforto. Acende-se em nós um sinal de alerta: cuidado com o culto aos mortos! Talvez seja esta a razão de os *mementos* das liturgias atuais procurarem evitar a ênfase na comunhão da Igreja que inclui os membros já falecidos, concentrando a atenção, por via de regra, na expectativa da comunhão futura, no banquete do Reino.

119 Em coerência com o seu nome, esta oração deveria iniciar sempre com a expressão: *Lembra-te...*

120 Eis um exemplo clássico de um *memento mortuorum*: “Lembrai-vos também, Senhor, de vossos servos e servas N. e N., que nos precederam com o sinal da fé, e agora descansam no sono da paz. A estes, Senhor, e a todos os mais que repousam em Cristo, nós vos pedimos que lhes concedais o lugar de refrigério, de luz e de paz. Pelo mesmo Cristo, Senhor nosso. Amém”. (François AMIOT, *A missa e sua história*, p. 95).

Impõe-se, todavia, algumas perguntas: estamos autorizados/as a excluir da comunhão dos santos (alimentada pela Ceia do Senhor) as irmãs e os irmãos falecidos/os, que, através do batismo e da fé, sempre pertenceram ao Corpo de Cristo? O batismo e a fé têm data de validade? Concedemos à morte o poder de amputar do Corpo de Cristo os membros falecidos pelo fato de não poderem estar visivelmente presentes, no tempo e no espaço em que nós vivemos? Diante do conceito “corpo místico (invisível, eterno, supranatural) de Cristo”, qual é o poder que atribuímos às categorias “tempo” e “espaço”? Não nos parece ousado afirmar que, diante de Deus, os mortos não deixaram de “existir”. O apóstolo Paulo está certo disso quando escreve: “nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem cousas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Rm 8.38s).

Ao vencer a morte, Cristo pôs abaixo a última barreira que podia separar as pessoas do amor de Deus. É certo que o juízo final sobre vivos e mortos pertence unicamente a Deus. Isto, porém, não anula o seu amor infinito por todas as pessoas, estejam elas vivas ou mortas. Todas elas compõem a Igreja de Cristo, que existe em comunhão. A Igreja sabe que a comunhão que lhe é dada na Ceia do Senhor extrapola as barreiras do tempo e do espaço e forma uma corrente invisível de todas as pessoas que viveram e vivem da graça de Deus.

Por isso, a intercessão da Igreja se estende também aos seus membros que a ela estão ligados/as invisivelmente. Nos *mementos*, a comunidade cristã, que vai receber o corpo de Cristo e o cálice da comunhão, volta seus pensamentos para os seus membros falecidos/as, que já não podem participar do sacramento, mas que não deixaram de pertencer ao corpo de Cristo.

A intercessão, neste caso, é mais que a afirmação da expectativa da comunhão futura com os entes queridos falecidos (como transparece na Liturgia de Lima) e é mais que o pedido de paz para as pessoas falecidas (como é o caso do *memento* citado da Igreja Antiga). É verdade que ambas as possibilidades já estão carregadas de um grande potencial de consolação para as pessoas enlutadas. Entretanto, o sentido dos *mementos* abarca um aspecto que nos permite ir ainda além: a Ceia do Senhor é a celebração da comunhão na qual estão incluídas, no momento presente, as pessoas pelas quais choramos, cuja perda lamentamos e das quais sentimos insuportável

saúde. Não é necessário adiar a certeza da comunhão. A esperada comunhão definitiva, com as pessoas falecidas, no futuro banquete do Reino, é antecipada a cada vez que celebramos o banquete da comunhão na Ceia do Senhor.

Assim, concluímos que a Ceia do Senhor é, para as pessoas que crêem, “remédio” insubstituível, capaz de curar em profundidade as feridas da alma aberta pela dor do luto.

Como fazer?

O aspecto prático desse elemento litúrgico certamente pode ter várias formas, dependendo do contexto em que é ensaiado e da criatividade da equipe litúrgica.

Uma possibilidade bem simples é de se guardar um momento de silêncio após as palavras *Guia-nos, Senhor, à festa da alegria, preparada para todos os povos em tua presença, (...) com os patriarcas e os profetas, os apóstolos e os mártires (...) e todos os santos que viveram na tua amizade*. Neste momento, a pessoa celebrante motiva a comunidade a se lembrar das pessoas falecidas. Após o silêncio, conclui: *[Em comunhão] com todos eles cantamos teu louvor e esperamos a felicidade do teu Reino, onde poderemos, com toda a criação... glorificar-te por Cristo, nosso Senhor.*¹²¹

Outra possibilidade é a readoção do *díptico* com a sua função original. Neste caso, a comunidade organiza um livro em que são registrados os nomes das pessoas falecidas dentro de um determinado período do ano. Este livro, com a devida apresentação estética, é levado (solenemente) ao altar (pelo/a diácono/a) no momento do ofertório, juntamente com os elementos da Ceia. Na *oração eucarística*, ao proferir as palavras ... *e todos os santos que viveram na tua amizade*, o/a oficiante pode acrescentar: *Lembra-te especialmente de nossas irmãs e irmãos falecidos...* Neste momento, toma o livro e procede à leitura dos nomes arrolados.¹²² Em seguida, encerra com as palavras: *Guarda-os em tua paz. Unidos a eles e elas, cantamos teu louvor e esperamos a felicidade do teu Reino ...*

121 Texto da Liturgia de Lima. Os textos podem, naturalmente, ser moldados em suas formulações.

122 A leitura dos nomes arrolados no livro caberia ao diácono ou à diácona. Mas, como essa leitura se dá durante a oração eucarística, a intervenção de outra pessoa poderia causar uma quebra no andamento da oração.

Não há dúvida de que a oração que inclui as pessoas falecidas na comunhão da Igreja de Cristo é muito antiga, sendo, possivelmente, continuação de uma tradição que remonta aos tempos apostólicos. Vale a pena aprofundar os estudos sobre os *mementos* e fazer uso da criatividade para conceber formas práticas capazes de expressar contundentemente que nem a morte pode nos separar do amor de Deus.

Referências bibliográficas

AMIOT, François. *A missa e sua história*. São Paulo: Flamboyant, 1958. -
BAUS, Karl. Diptychen. In: HÖFER, Josef, RAHNER, Karl (Eds.). *Lexikon für Theologie und Kirche*. 2. Aufl. Freiburg im Breisgau: Herder, 1959. v.3, p. 415-6. -
BRAUN, Josef. Diptychen. In: Id.. *Liturgisches Handlexikon*. München: Mäander, 1993. p. 79. -
CECHINATO, Luiz. *A missa parte por parte*. Petrópolis: Vozes, 1979. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Celebrações do Povo de Deus*. São Leopoldo: Sinodal, 1991. -
KIRST, Nelson. *A liturgia toda: parte por parte*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. (Série Colméia, 2) -
MARTIMORT, Aimé Georges. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 1989. (A Igreja em Oração, 2) -
RÖWER, Basílio. Díptico. In: Id.. *Diccionario Liturgico*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1936. p. 94s. -
SCHLESINGER, Hugo, PORTO, Humberto. Díptico. In: Id.. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995. v.1, p. 846s. -
SCHLESINGER, Hugo, PORTO, Humberto. Memento. In: Id.. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995. v. 2, p. 1734. -
STEGMÜLLER, O.. Diptychon. In: KLAUSER, Theodor (Ed.). *Reallexikon für Antike und Christentum*. Stuttgart: Anton Hiersemann, 1957. v. 3, p. 1138-49.

Concede a paz

Teresita Savall
Argentina

1. Em Bm Em

Tu, Deus, és a - mor, bon -

3. D G Em D

da - de és tu. Se - nhor, con - ce - de a

6. G 4. Em Bm Em

paz que o mun - do não po - de dar.

A quem mais clamaremos?

(Jo 6.68)

Iona community
Escócia

Original em inglês
Tradução: Nelson Kirst

Em C

A quem mais cla - ma - re - mos? Tu tens pa -

3. Am G B

la - vras da vi - da e - ter - na.

A nossa oração escuta, Senhor

Jacques Berthier

França

Em Am D

A nos - sa o - ra - ção es - cu - ta, Se - nhor.

3 Em B Em

Vem, res - pon - de o cla - mor. A nos - sa o - ra - ção es -

6 Am D Em B Em

cu - ta, Se - nhor. Ou - ve, tem com - pai - xão.

Senhor, que a tua Palavra

Míria Therezinha Kolling

Dm Gm

Se - nhor, que a tu - a Pa - la - vra trans -

3 C7 F Gm A7

for - me a nos - sa vi - da. Que - re - mos ca - mi -

6 Dm Bb Gm A7 Dm

nhar com re - ti - dão na tu - a luz.

Canção do Cuidado

Letra e Música: Rodolfo Gaede Neto

The musical score is written on a single staff in treble clef, with a key signature of two sharps (F# and C#) and a time signature of 2/4. The melody is composed of eighth and quarter notes, with some rests. Chord symbols (D, Em, A, G) are placed above the staff at specific measures. The lyrics are written below the staff, aligned with the notes. The score is divided into measures by bar lines, with measure numbers 6, 11, 16, 21, 26, 31, and 36 indicated at the start of their respective lines.

D
Fon-te e- ter-na de a - mor que trans -

6 Em
bor-das de bon- da - de te der- ra-mas em fa

11 A D
- vor de to- da hu - ma - ni - da - de.

16
Vem me dar a tua a mão

21 G
e con- du- ze a mi- nha vi - da. Nes - tes

26 D A
tem - pos de a - fli - ção con- ce-de-me gua -

31 D G
ri - da. Sob a luz do teu o - lhar

36 D
si- go em paz a mi- nha es - tra - da,

41



46



51



56



61



Nós, embora muitos

Cleonir Geandro Zimmermann



Doxologia

Cleonir Geandro Zimmermann

D C#dim Bm⁷

Por Cris - to, com Cris - to e em Cris - to, se-ja a

3 G Asus⁴ A

ti, Pai To - do - po - de - ro - so, na u - ni -

5 D C#dim Bm⁷

da - de do Es - pí - ri - to San - to, to - da a

7 G Asus⁴ A

hon - ra e to - da gló - ria, a -

9 F[♯]m G⁷+

go - ra e pa - ra sem - pre. A -

11 Asus⁴ A⁷ D

mém, a - mém, a - mém.

Sempre em vossa via junto a vós estou

Letra: Jochen Klepper (1903-1942)

Melodia: Friedrich Samuel Rothenburg (1910-1939)

Chords: F C Dm Am B^b F Dm C/E C F

1. Sem-pre em vos-sa vi-a jun-to a vós es-tou;

Chords: F B^b C B^b/D C⁷/E F Gm Gm⁷/D Gm⁷/B^b C C⁷ F

e di-reis um di-a quão cle-men-te sou,

2. Dou-vos a palavra
que se cumprirá
quem em mim confia
não perecerá.

3. Sempre em vossa vida
hei de vos salvar,
pois não abandono
quem com fé orar.

4. Graça e bondade
sempre demonstrei,
quando no passado
vos acompanhei.

5. Ide, pois, tranquilos,
vos auxiliarei!
Sempre hei de guardar-vos,
como vos guardei.

Cântico de Simeão

(Lc. 2.29-32)

Antífona:



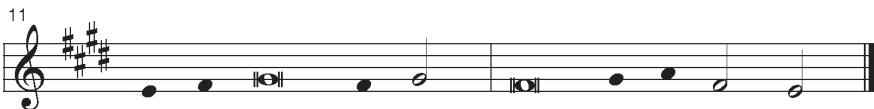
Todos: Sal- va - nos, Se - nhor, quan - do ve - la - mos, e guar - da - nos



quan - do dor - mi - mos, pa - ra es - tar - mos vi - gi - lan - tes com



Cris - to e des - can - sar - mos em paz. A - le - lu - ia.



1. Agora, Senhor, segundo a tua / palavra,
deixarás ir em paz / o teu servo,
2. porque meus olhos viram a sal-/vação
que oferecestes a to-/dos os povos,
3. luz para se revelar às / nações
e glória de Isra-/el, teu povo.
4. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espíri-/to Santo;
como era no princípio, agora e / sempre.
Amém. ANTÍFONA

Graças, Senhor

Jorge A. Lockward
República Dominicana

Original em espanhol
Tradução: Romeu Ruben Martini

E^b F B^b Gm Cm F
 Gra - ças, Se - nhor! Gra - ças, Se -
 4 B^b E^b $D^7/F^\#$ Gm $Cm^{7(5)/E^b}$
 nhor! Por tua bon - da - de, teu po - der, teu a - mor:
 7 B^b/F $F^\#sus^4$ F^7 B^b
 Gra - ças, Se - nhor!

Oculi nostri

Em ti, oh Deus, nossos olhos esperam

First system of the musical score. It features a treble and bass staff in 3/4 time with a key signature of one sharp (F#). The melody is composed of quarter and eighth notes. The lyrics are written below the treble staff.

O - cu - li nos - tri ad Do - mi - num De - um.
Em ti, oh Deus, nos - sos o - lhos es - pe - ram.

5

Second system of the musical score, starting at measure 5. It continues the melody from the first system. The lyrics are written below the treble staff.

O - cu - li nos - tri ad Do - mi - num nos - trum.
Em ti, oh Deus, nos - sos o - lhos es - pe - ram.

Misericórdia, Senhor

Música: Louis Marcelo Illenseer

5

E Am⁷ F

Mi - se - ri - cór - dia, Se - nhor!

C/E G G^{#dim} Am⁷

Mi - se - ri - cór - dia, mi - se - ri - cór - dia.

Detailed description: This is a musical score for the hymn 'Misericórdia, Senhor'. It is written in 2/4 time and consists of two systems of music. The first system contains three measures, and the second system contains four measures. The melody is written in the treble clef, and the bass line is in the bass clef. Chords are indicated by letters above the staff: E, Am⁷, F, C/E, G, G^{#dim}, and Am⁷. The lyrics are written below the staff, with hyphens indicating syllables across measures. The score ends with a double bar line.

